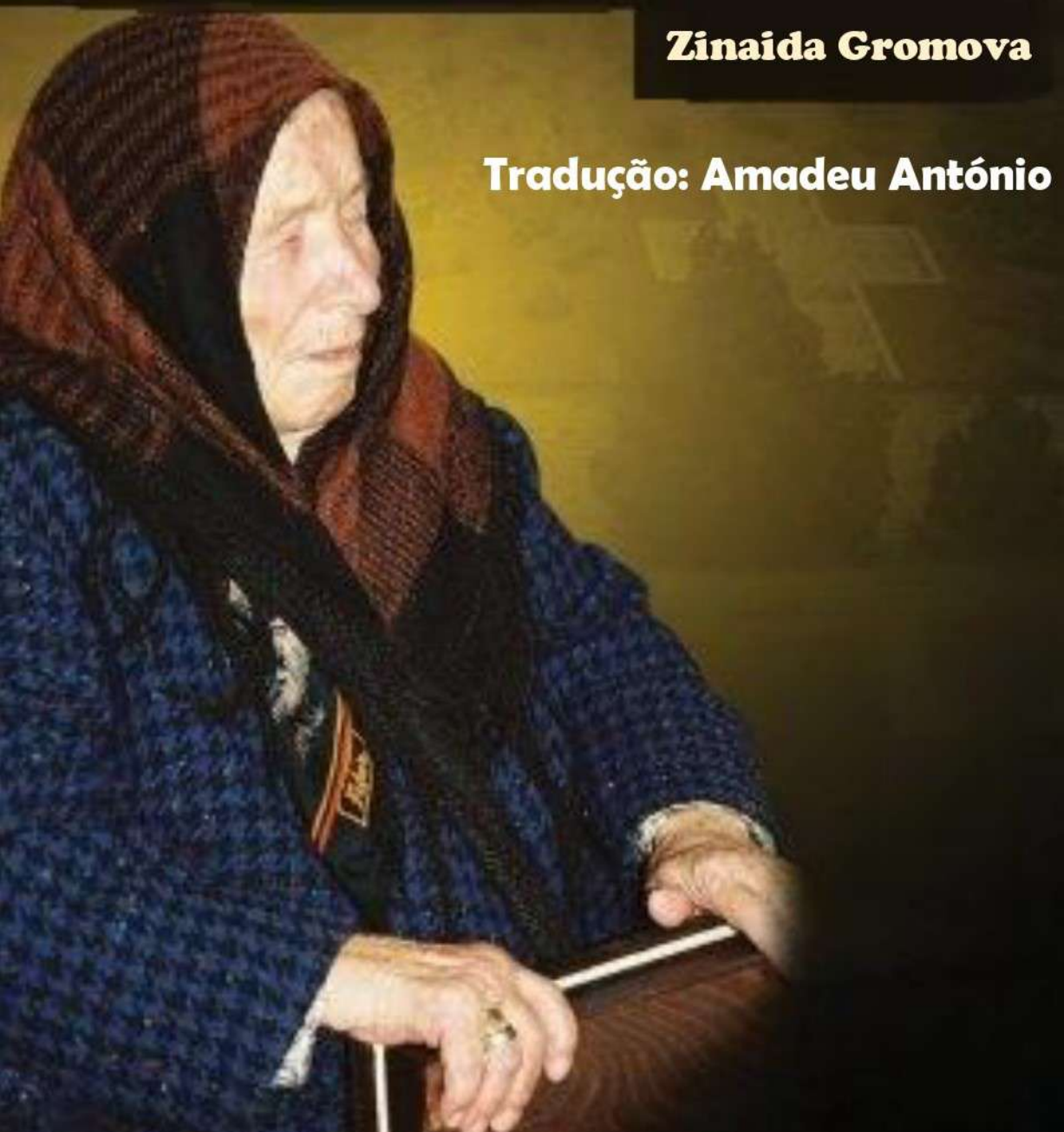
OS LEGADOS DA GRANDE VANGA:

COMO OBTER RAPIDAMENTE AJUDA FINANCEIRA

Zinaida Gromova

Tradução: Amadeu António



OS LEGADOS DA GRANDE VANGA:

COMO OBTER RAPIDAMENTE AJUDA FINANCEIRA

ZINAIDA GROMOVA

NOTA:

Se precisa de dinheiro e a sua situação financeira lhe parece desesperada, e pensa que ninguém o pode ajudar, leia estas linhas. Existe uma FORÇA que o ajudará a realizar o seu desejo financeiro. Todos lhe dão nomes diferentes, mas ninguém duvida da sua existência. Nem todos têm a capacidade de se dirigir a ela, mas há pessoas que possuem esse dom, como, por exemplo, a famosa vidente e curandeira búlgara Vanga. E, como se descobriu, Vanga continua até hoje a ajudar as pessoas a realizar os seus desejos, incluindo os materiais. Ela também o ajudará a si.

Zinaida Gromova

PALAVRA AOS LEITORES

Antes de começar a minha história invulgar, quero dizer-vos, caros leitores, algumas palavras. Tal como muitos de vós, também eu me deparo frequentemente com pessoas que tentam fazer passar factos inventados por realidade. Já me caíram nas mãos inúmeras vezes artigos e livros sobre sensitivos, videntes e magos. Mais do que uma vez ouvi “relatos verídicos de testemunhas oculares” sobre supostos milagres que lhes teriam acontecido.

Mas conheço muitos jornalistas e sei o valor que têm esses relatos. Na maior parte dessas histórias não há nada minimamente real, além do desejo do narrador de impressionar o público e receber um honorário. Se eu própria não tivesse participado nos acontecimentos de que fala este livro, nunca acreditaria que algo assim pudesse acontecer na realidade. E, no entanto, aconteceu-me realmente, e continua a acontecer todos os dias. Há já dois anos que recolho toda a informação disponível sobre Vanga. Quanto mais leio sobre ela, mais me convenço de que Vanga ajuda todos os que se dirigem a ela com o coração puro e intenções boas. Infelizmente, em muitos livros dedicados a Vanga há muita mentira e invenção.

O seu nome está rodeado de superstições sombrias; se as aceitarmos, não só não receberemos ajuda, como causaremos danos irreparáveis à nossa própria alma. Transformaram Vanga numa espécie de ídolo pagão, quando na verdade ela explicava toda a vida que não agia por si própria, mas pela Força que lhe fora concedida do alto. É precisamente a essa Força que cada um deve dirigir-se se quiser receber ajuda de Vanga. A famosa vidente já não está entre os vivos – mas a Força que a guiava é imortal. É por isso que Vanga continua até hoje a ajudar as pessoas. Também o ajudará a si.

VANGA E O SEU CONTACTO

O ENCONTRO

Dizem que com o destino não se discute. Talvez seja mesmo assim; mas eu gosto mais de outro provérbio: o destino arrasta o preguiçoso, mas conduz o corajoso. Essa coragem por vezes resume-se a uma simples escolha. Ou a uma série de escolhas que fazemos todos os dias, muitas vezes sem nos darmos conta. Uma dessas escolhas aparentemente insignificantes mudou toda a minha vida.

Um estranho Ano Novo O Ano Novo é uma festa mágica que crianças e adultos esperam com ansiedade. Parece que não acontece nada de especial: apenas muda um número no calendário, mas na noite de Ano Novo ninguém vai dormir, como se todos tivessem medo de perder algo importante. Na noite de 2006 para 2007 também eu não dormi, mas não foi por causa da festa.

O Ano Novo apanhou-me num comboio: demorei-me numa viagem de trabalho, e não queria passar a festa numa cidade estranha. A capital despedia-se de mim com luzes e fogo-de-artifício, o corredor da carruagem estava bem iluminado e decorado com grinaldas brilhantes; por isso, ao entrar no compartimento meio escuro, não reparei logo que havia mais alguém. Devo dizer que o meu estado de espírito não era nada festivo. Ia para casa – mas não tinha a certeza de que a encontraria intacta.

…A nossa família viveu toda a vida no centro histórico da capital do Norte. Ter um apartamento no coração de São Petersburgo já foi considerado prestigioso, mas agora ninguém invejaria a nossa situação. Uma grande empresa de construção cobiçou um terreno no centro da

cidade, e as casas construídas há dois ou mais séculos começaram a ser compradas para demolição. A nossa casa também estava na lista para ser demolida; no seu lugar deveria surgir um centro comercial. O dinheiro oferecido aos moradores pelas suas casas era simplesmente ridículo: com essa quantia as pessoas mal comprariam uma casa temporária a cem quilómetros de São Petersburgo.

Alguns vizinhos pensavam em vender os apartamentos – não porque as condições lhes agradassem, claro, mas porque tinham medo das ameaças (a direção da empresa sabia que as pessoas não aceitariam voluntariamente aquelas condições, e por isso usava todos os meios). A ninguém importava que a maioria dos moradores ficasse simplesmente na rua. A nossa família também não tinha para onde ir.

Durante vários anos travámos uma guerra com a corporação, escrevemos cartas a funcionários, chegámos a queixar-nos a Moscovo; mas nessas guerras ganha quem tem mais dinheiro. E quem tinha mais dinheiro eram os construtores. Na véspera da minha partida, trouxeram-nos uma notificação de que, segundo o decreto, a demolição da casa deveria começar em janeiro do ano seguinte. Era por isso que a festa não me alegrava: estava a chegar precisamente esse janeiro.

Sentei-me pesadamente na cama, fechei os olhos e comecei a pensar no que fazer. O meu salário chega para viver, mas mesmo que trabalhe em vários lugares ao mesmo tempo, não conseguirei poupar para um apartamento. Alugar casa também não está ao meu alcance… E porque é que neste mundo tudo está tão injustamente organizado?

O estrondo dos fogos de artifício foi-se acalmando gradualmente: o comboio afastava-se cada vez mais de Moscovo. Por fim, só se ouvia o ritmo regular das rodas e risos no compartimento da revisora (ali estavam a celebrar o Ano Novo). De repente, ouviu-se uma voz baixa no compartimento:

– O mundo não está assim tão mal organizado, menina.

Assustada, dei um salto e bati imediatamente com a cabeça na cama de cima. Em frente a mim estava sentada uma mulher que, pelo tom de voz, não era jovem (o rosto quase não se via na escuridão, só os olhos brilhavam por baixo de uma franja clara).

– Desculpe ter assustado – continuou a mulher. – Devia ter-me apresentado logo, desejado feliz Ano Novo, afinal é Ano Novo… mas vejo que não está para isso. Problemas?

Não tive tempo de responder: a porta do compartimento abriu-se. Na abertura apareceu o rosto corado da revisora.

– Não querem champanhe, meninas? Tenho chocolate, laranjas…

– Obrigada – respondeu logo a minha companheira de viagem. – Um chá bem forte, isso sim. Com açúcar.

– Chá então chá – concordou a revisora com bom humor e desapareceu no corredor iluminado.

A aparição súbita da revisora dispensou-me de responder à pergunta. A mulher desconhecida no compartimento agradou-me pela calma e simpatia, mas eu não queria de todo partilhar com alguém os meus pensamentos sombrios. Por isso decidi mudar de assunto:

– Não bebe champanhe? E conhaque? Tenho comigo um conhaque arménio verdadeiro. Quer?

(Tinha mesmo uma garrafa: presente de Ano Novo dos colegas de Moscovo.)

– Não quero – disse ela simplesmente. – Não é porque não beba de todo. Só se deve beber quando o coração está alegre. E que alegria posso eu ter se você está triste?

– Não estou triste… – balbuciei sem convicção.

– Chamo-me Varvara Semionovna – continuou a mulher. – Tenho setenta e dois anos. Estive de visita aos netos em Moscovo, pensei ficar para o Ano Novo, mas o filho ligou: vem depressa, diz ele, a filha chegou de Vladivostoque, fica só um dia e depois tem voo para a Europa nas férias. Por isso vim a correr. E tu… – Varvara Semionovna calou-se. – Posso tratar-te por tu? É que te pareces tanto com a minha neta mais velha…

– Claro, claro – respondi rapidamente. – Por favor. Chamo-me Katia. Estou a voltar de uma viagem de trabalho para casa.

– E o que te pesa tanto no coração?

– Nada. Só estou cansada.

– Toda a gente se cansa no fim do ano, mas no Ano Novo diverte-se. E tu, vejo bem, não estás para divertimentos. Não queres contar? Vejo que não queres. És orgulhosa: pensas que se não conseguires resolver o teu problema sozinha, os outros muito menos ajudarão. Mas eu digo-te uma coisa: se precisares de ajuda – pede! Não tenhas vergonha! Deus ouvirá e ajudará, e o mundo não é só feito de gente má.

– E também não é só gente boa – suspirei eu. – E a gente boa não me pode ajudar: os maus têm mais poder. E dinheiro.

– E queres que eu te ajude? – Varvara Semionovna inclinou-se para mim e olhou-me nos olhos.

– Quero – escapou-me com toda a sinceridade. – Aceitaria ajuda de qualquer pessoa. Mas com o meu problema você não conseguirá lidar.

– Isso logo veremos.

E então ela fez uma coisa completamente inesperada: pegou na minha mão e apertou-a com força. Fiquei atónita; mas poucos instantes depois Varvara Semionovna soltou a minha mão, recostou-se e começou a falar:

– Com a tua casa tudo correrá bem, ninguém a vai demolir, não te preocupes. Só que em janeiro vais ter de arranjar uma casa nova mesmo assim. Temporária. Mas vais encontrar, disso tenho a certeza. E mais. Em breve vais ter dinheiro, muito dinheiro.

Na minha cabeça os pensamentos rodopiavam. Quem era esta mulher? Como sabia ela da casa? Será que é minha vizinha, só que vive noutro prédio? Parece que nunca a vi, e já conheço todas as caras de vista… Será conhecida da minha mãe? E conhece-me por fotografias? Então porque não disse logo, para que todo este teatro?

A porta bateu: entrou a revisora alegre. Pousou o chá na mesa e tirou do bolso dois pacotinhos de açúcar com a imagem de um comboio no invólucro.

– Aqui está o chá! – exclamou Varvara Semionovna contente. – Muito obrigada!

E, já virando-se para mim:

– Aqui tens, Katenka, a ajuda chegou! E tu a dizeres que os maus têm mais poder. Agora vamos tomar o chá… com açúcar… aqui tens o açúcar,

pega, fecha-o na mãozinha… – enquanto dizia isto, abriu um pacotinho, pegou na minha palma e colocou lá os dois cubos. – Agora diz para ti mesma: Deus, Força Superior, ajuda-me a superar a minha dificuldade! Mas lembra-te, Katia: tens de desejar com muita força, senão não funciona.

Louca? Mas o olhar da companheira de viagem era calmo; algo na sua voz fez-me fechar o açúcar na mão e dizer mentalmente: «Deus, Força Superior, ajuda-me… por favor!»

– Assim está bem – disse Varvara Semionovna, logo que eu pronunciara mentalmente o meu pedido. – Agora dá-me o açúcar, senão derrete-se nas mãos. Põe aqui.

Ela estendeu-me um cartão escuro embrulhado em plástico. Parecia uma fotografia. Maquinalmente, coloquei lá os dois cubos. Varvara Semionovna, com a mão livre, benzou rapidamente o açúcar e murmurou algo em voz baixa – não sei se em ucraniano ou bielorrusso. Não percebi nada, exceto a palavra «Evangelho».

– Pronto. Agora bebe o chá – Varvara Semionovna deitou um cubo no meu copo. – E vai dormir. Este cubinho guarda-o na mala, no cantinho mais escondido.

– E então? – perguntei eu cautelosamente. (Agora tinha a certeza: a velhinha tinha claramente algum problema mental. O importante era não discutir, não fosse ela ficar agressiva.)

– Vais ver.

Obedientemente, meti o açúcar na mala, bebi o chá devagar (para não levantar suspeitas), pensando que nunca tinha passado um Ano Novo de forma tão estranha. Depois desejei boa noite à companheira de viagem e deitei-me. Decidi só fazer de conta que adormecia: era preciso estar atenta, vai-se lá saber o que poderia passar pela cabeça daquela mulher, no mínimo, excêntrica! Mas mal a minha cabeça tocou na almofada, as pálpebras pesaram e um sono quente e tranquilo cobriu-me como uma manta de plumas.

COINCIDÊNCIA OU… MILAGRE?

Despedi-me da minha estranha companheira de viagem ainda na carruagem: o comboio chegou adiantado, e ela ficou à espera dos filhos, que a deveriam vir buscar. Eu, ao pisar o cais, esqueci imediatamente a aventura noturna. Da estação até casa são dez minutos a pé. Mas eu cheguei em cinco: queria certificar-me o mais rápido possível de que a casa da minha infância ainda lá estava. A casa, graças a Deus, estava no lugar, e nada indicava que em breve deixaria de existir. Nas janelas escuras brilhavam grinaldas de Natal, o pátio estava cheio de invólucros de bombinhas e petardos. Estava silencioso e deserto: depois da noite festiva, as pessoas dormiam tranquilamente, como se ninguém as fosse expulsar das casas onde viviam há tanto tempo.

Parei no meio do pátio, levantei a cabeça para o céu avermelhado e pedi em voz baixa:

– Senhor, se me ouves, faz com que no próximo Ano Novo tudo aqui esteja exatamente igual!

Por alguma razão, senti uma grande calma. Desejei a mim mesma manter-me assim o dia todo e não pensar no pior, entrei no prédio. Em casa, devorei rapidamente as guloseimas que a mãe me deixara no frigorífico, sentei-me ao computador e entrei na Internet. Depois de ler todas as mensagens de felicitações, comecei a ver o arquivo de notícias locais.

De repente, num dos títulos, apareceu o nome da nossa rua e o número da nossa casa! Abri a página da notícia e comecei a ler avidamente. Embora a notícia fosse curta, apenas quatro linhas, o seu significado não me chegou logo. Dizia que a nossa casa era um monumento de arquitetura de importância federal, e a sua demolição era proibida por lei! Comecei a procurar freneticamente mais notícias sobre o tema. «Construída em 18… pelo projeto do famoso arquiteto T… protegida pelo Estado… foi atribuída uma verba para restauro… todos os moradores mantêm a sua área habitacional…»!

Mal esperei que amanhecesse, corri para casa dos vizinhos. Toquei em todas as portas, mas as pessoas ainda dormiam. Só abriu o Petrovitch, que morava um andar acima do nosso (e isso porque se levantara precisamente para beber algo contra a ressaca). A notícia não o surpreendeu: os

moradores já sabiam há uma semana que a casa não seria demolida. Mesmo assim, eu não conseguia acreditar numa resolução tão milagrosa da situação. Demasiados monumentos de arquitetura tinham desaparecido diante dos nossos olhos, e nenhum decreto os salvara. Talvez esta notícia tivesse sido espalhada de propósito para acalmar a opinião pública? Eu tinha de descobrir tudo sozinha.

Os telefones da empresa de construção estavam mudos: nos dias festivos ninguém trabalhava. Em compensação, ligou o chefe de uma grande empresa e pediu uma reunião (para quem ganha realmente dinheiro, não há fins de semana). Fui ao "escritório" e lá esperava-me outra notícia inesperada: ofereciam-me a direção de um grande projeto, com um salário muitas vezes superior ao meu atual! Quando perguntei cautelosamente porque tinham escolhido precisamente a mim, o chefe mostrou-me um documento com a lista de laureados de um prémio internacional na minha área profissional. E nessa lista estava o meu nome! E eu até me esquecera de que tinha participado no concurso…

Tudo isto era tão inesperado, mas o principal é que todos estes acontecimentos maravilhosos ocorreram no mesmo dia! Fiz as contas: o meu salário no novo emprego mais o prémio internacional… Mesmo que a notícia sobre a nossa casa fosse falsa e a demolissem na mesma, teria dinheiro suficiente para comprar um apartamento modesto. Claro, não no centro, mas dentro dos limites de São Petersburgo. Além disso, no novo emprego teria novos contactos e – quem sabe – talvez conseguisse chegar a altos funcionários e proteger a casa! De uma forma ou de outra, o meu principal problema estava resolvido.

Quatro dias depois, consegui contactar a empresa de construção. No início, não queriam falar comigo, mas quando mencionei a empresa onde ia começar a trabalhar, a secretária informou-me que a direção tinha ido passar duas semanas a Courchevel, mas que, sim, realmente, a casa não seria demolida. – Posso obter uma cópia do decreto? – perguntei eu. – Com certeza – responderam preguiçosamente do outro lado da linha.

Ao regressar do escritório da empresa, a primeira coisa que fiz foi vasculhar a mala à procura da fotocópia do documento. Sem olhar, atirei a mala aberta para o móvel de cabeceira, mas desajeitadamente: a mala caiu e todo o conteúdo se espalhou pelo chão. Enquanto apanhava apressadamente as coisas espalhadas, debaixo de um lenço de assoar

descobri um cubo de açúcar refinado. No primeiro instante, não consegui perceber como ele tinha ido parar ao meu apartamento (nunca comprámos açúcar refinado), mas de repente lembrei-me da noite de Ano Novo no comboio e da minha estranha companheira de viagem.

Peguei no telefone e liguei para a mãe. Ela não conhecia nenhuma Varvara Semionovna, não tinha falado de mim a ninguém nem mostrado fotografias minhas. Então como é que aquela mulher sabia tudo? Bom, admitamos que sobre a nossa casa poderia ter lido nas notícias. Mas que eu ia ter muito dinheiro… espera! O que mais ela disse? Ah, sim: que eu precisaria de procurar alojamento temporário. E nisso também tinha razão: se a casa ia para restauro, os moradores teriam de se mudar para outro lado durante as obras… Como se tivesse visto o futuro! Ou seria apenas uma coincidência? Algo me dizia que não.

Liguei novamente à mãe e contei-lhe tudo. A mãe, pessoa sábia e simples, aconselhou-me a esquecer aquela noite no compartimento e simplesmente alegrar-me com o facto de tudo se ter resolvido de forma tão maravilhosa. Mas o que acontecera não me deixava esquecer tão facilmente. Detesto enigmas por resolver! Tinha de saber tudo – mas só poderia saber da própria Varvara Semionovna. O problema era… como encontrá-la?

Afinal, ela não me dissera o apelido. De repente, lembrei-me de que, nessa manhã no comboio, ela pedira para usar o meu telemóvel para ligar ao filho. E o número certamente ficara guardado na memória! Encontrei-o imediatamente e, um minuto depois, já sabia onde Varvara Semionovna morava. Por uma estranha coincidência, a casa dela ficava perto do escritório da mesma empresa onde me tinham oferecido trabalho. Não consegui contactá-la por telefone e decidi ir sem avisar. Estava ansiosa por saber toda a verdade.

Varvara Semionovna e o seu açúcar milagroso

– Sabia que me encontrarias – disse Varvara Semionovna ao abrir a porta. – Entra, a chaleira acabou de ferver.

Parecia nem um pouco surpreendida com a minha presença. Como se me estivesse à espera: até tinha chinelos preparados. E a mesa estava posta – para duas pessoas! Entre os potinhos de compota e rebuçados, havia uma açucareira com açúcar refinado.

– Bebe sempre o chá com açúcar refinado? – perguntei eu.

– Sempre – respondeu Varvara Semionovna, servindo o chá. – O açúcar normal, na minha idade, só faz mal. Mas este açúcarzinho faz bem. E tu própria já sabes isso.

– Não. Não sei. E não acredito em milagres. Senão não teria vindo ter contigo.

– Sim, sim, vocês, os jovens, não acreditam em nada, nem mesmo nos próprios olhos. Mas é preciso acreditar! Como se vive sem fé?

– Eu só acredito naquilo que consigo compreender. E no que aconteceu, não compreendo nada. São tudo milagres!

– E o que foi que te aconteceu de tão incompreensível? – admirou-se Varvara Semionovna. – A casa está protegida pelo Estado, encontraste um novo emprego, recebeste um prémio. Tudo bastante real.

– Real – concordei eu. – Mas tenho a sensação de que, se não nos tivéssemos encontrado naquele comboio, nada disto teria acontecido. E tu sabias de tudo antecipadamente. Por isso vim, para me explicares tudo.

– Vai demorar muito a explicar – sorriu Varvara Semionovna.

– Não faz mal. Não tenho pressa.

O incrível relato de Varvara Semionovna sobre o ensino secreto de Vanga para obter dinheiro

COMO TIVE CONHECIMENTO

DA BULGÁRIA E DA FEITICEIRA VANGA

Antes da guerra, vivíamos com os meus pais em Moscovo – eu ainda era muito pequena. O meu pai foi um dos primeiros a entrar no partido e, como militante, era sempre eleito para cargos de direção. Quando a guerra acabou e ele regressou da frente, mandaram-no estudar num instituto onde formavam trabalhadores de direção como ele, o que hoje se chamaria "gestão". Naquela época, nos nossos institutos estudavam muitas pessoas de outros países, claro, dos países socialistas. Vinham jovens e adultos – sempre se ensinou muito bem por cá. E no curso do meu pai havia esses estudantes. No grupo dele estavam duas jovens mulheres da Bulgária. O

grupo era muito unido, iam juntos ao cinema, a caminhadas, convidavam-se uns aos outros.

A minha mãe fez tanta amizade com essas búlgaras que elas vinham quase todas as noites a nossa casa. Uma delas tinha uma filha da minha idade – era com a filha que ela vinha. Eu e a Lenka (assim se chamava a filha) tornámo-nos inseparáveis. Mais tarde, entrámos na mesma universidade e até casámos no mesmo ano. Foi com a Lenka que aprendi búlgaro. Estávamos sempre juntas e, lembro-me, na infância brincávamos muito, nunca nos aborrecíamos as duas. No verão corríamos na rua, no inverno brincávamos em casa, num canto qualquer. Os adultos sentavam-se à mesa a conversar, e nós ocupávamo-nos dos nossos assuntos sem incomodar ninguém.

Para ser honesta, quando as búlgaras vinham, eu arranjava sempre uma desculpa para ficar em casa. Embora fosse apertado (vivíamos os três num quartinho só), adorava ouvir as conversas delas! Falavam tanto sobre a Bulgária – e tudo tão invulgar! Para mim, a Bulgária parecia um país de conto de fadas. E um dia começaram a falar de uma mulher búlgara chamada Vangelia. Quando o meu pai ouviu o nome, mandou-as calar imediatamente. Disse que conversas assim não levavam a nada de bom, mas não explicou porquê. Mais tarde, a mãe contou-me que ele pensou que as búlgaras estavam a falar do Evangelho, e o pai, sendo comunista, como se sentiria ao ouvir aquilo em casa, ainda naquela época!

Depois disso, não voltaram a falar daquela mulher. Mas a Lenka contou-me que Vangelia era uma famosa feiticeira em toda a Bulgária, e que o povo a chamava simplesmente Vanga. E o meu pai, embora não tivesse ouvido bem, intuíra corretamente: o nome Vangelia significa o mesmo que Evangelho – "boa nova". E esta Vanga traz boas novas às pessoas, prevê o futuro, ajuda nas dificuldades. Até sabia antecipadamente que os russos venceriam a guerra. Muitos vão ter com ela, e ela ajuda toda a gente, realiza todos os desejos.

Esse relato sobre Vanga marcou-me tanto a alma que comecei a pensar naquela feiticeira e a sonhar em ir à Bulgária. Mas naqueles anos era quase impossível sair do país. Hoje as pessoas viajam sozinhas para onde quiserem, até ao fim do mundo. Na altura, ou era em intercâmbio, ou era preciso ter familiares no estrangeiro. E mesmo assim, para obter o visto,

eram tantas verificações e autorizações! Por isso, os meus sonhos com Vanga ficaram sonhos.

Eu e a Lenka crescemos, acabámos a universidade juntas, casámos – eu com um russo, ela com um búlgaro (o futuro marido dela estudava no mesmo curso). A Lenka regressou à terra natal. Mas não perdemos o contacto: escrevíamos cartas uma à outra, às vezes ligávamos. Nessa altura, quase me esquecera de Vanga e deixara de sonhar com a Bulgária.

Tudo corria bem, a vida estava a compor-se. Tinha a minha família, um bom emprego, e nada fazia prever problemas. Mas um dia ligaram à mãe do hospital a dizer que o pai tivera um AVC. Corremos para lá, mas não nos deixaram entrar no quarto. O médico disse que o prognóstico era muito mau. «Já nada depende de nós, os médicos. Só vos resta esperar por um milagre». Depois soubemos: o pai sobreviveria, mas dificilmente voltaria a andar.

E começou uma vida completamente diferente. Claro que o pai já não podia trabalhar. A mãe também teve de se demitir: um doente acamado precisa de cuidados diários. Na família ficou apenas um sustento – eu. De dia trabalhava, à noite corria para casa dos pais para fazer o jantar, ajudar a mãe nas tarefas domésticas. Naquela altura, não tinha tempo para nada, nem ia ao cinema, nem lia livros. Até deixei de escrever cartas. E uma noite tocou o telefone. Era a Lenka a ligar da Bulgária. Estava preocupada por não ter notícias minhas há muito tempo. Disse-lhe: são estas as coisas, Lenka, desculpa, não tenho tido tempo para cartas. E de repente ela diz:

– Varia, tens de ir ter com a Vanga. Ela com certeza vai ajudar.

E lembrei-me daquela feiticeira com quem sonhara em criança. E acreditei tanto que Vanga curaria o meu pai! Comecei a informar-me sobre como poderia ir à Bulgária. Nisso, os amigos do pai ajudaram-me. Na altura, todos éramos do Komsomol. E eu acabara de ser eleita líder da célula da fábrica. Assim, mandaram-me à Bulgária como jovem especialista e ativa membro do Komsomol. E o facto de o pai ser um velho comunista, veterano de guerra, também ajudou. Mas o que foi espantoso: na altura, até as pessoas mais fiáveis eram verificadas durante meio ano antes de as deixarem sair do país. Comigo, tudo se resolveu rapidamente, nem um mês passou! Mas isso não me admirava: sabia que ia ter com a feiticeira, então tudo tinha de correr como por magia.

A Lenka ligou-me outra vez e disse-me para levar obrigatoriamente açúcar refinado, porque todos os que vão ter com Vanga levam açúcar. Pensei que, provavelmente, na Bulgária havia escassez de açúcar e a vidente o aceitava como pagamento em vez de dinheiro. Comprei tanto açúcar refinado – tantas caixas que ocuparam quase toda a mala, mal sobrou espaço para roupa… Embora na altura não pensasse muito na roupa – levei o essencial e parti.

Mas na fronteira, por causa desse açúcar, houve um grande escândalo. Na alfândega, não me queriam deixar sair da União nem entrar na Bulgária. Acontece que não era permitido transportar tanto açúcar por pessoa. Fiquei tão assustada com a ideia de me mandarem de volta para casa que comecei a chorar ali mesmo e expliquei aos guardas fronteiriços entre lágrimas: o meu pai está muito doente, vou ter com Vanga pedir conselho, e este açúcar é para ela, e vocês… E mais milagres – assim que pronunciei o nome de Vanga, os alfaiates, sem mais palavras, meteram eles próprios o açúcar de volta na mala e deixaram-me passar. E não me fizeram mais perguntas. Só um deles, muito jovem, pediu várias vezes que eu perguntasse à vidente sobre o destino dele. Disse o nome – na altura achei-o tão engraçado – «Todor».

E já quando viajava de comboio pela Bulgária, tinha como companheiro de viagem um jovem simpático. Tentava aproximar-se, perguntava pela minha vida – onde morava, no que trabalhava… E de vez em quando perguntava sobre Vanga – como eu sabia dela, quando ia ter com ela, o que lhe queria perguntar e a quem depois contaria. Bom, eu, criada numa família comunista, percebi logo que o jovem era da KGB. Pelo visto, já nessa altura os mais altos dirigentes do nosso país se interessavam por Vanga. Mas despachei o companheiro de viagem, e ele desapareceu rapidamente do comboio. O resto da viagem correu sem incidentes.

Na estação, a minha Lenka estava à minha espera. Levou-me para casa dela, instalou-me. Conversámos tanto que, lembro-me, passámos a noite toda acordadas.

O encontro com Vanga

É preciso dizer que Vanga marcava antecipadamente o dia em que receberia uma pessoa. A mim também me foi atribuído um dia específico. E, finalmente, chegou. Fomos, eu e a Lenka, à consulta com a vidente.

Quando vi quanta gente lá estava, assustei-me. Pensei que ficaria ali um ano inteiro à espera… Fiquei triste, mas de repente vejo uma mulher a acenar-me com o dedo. Afinal, estavam a chamar-me para entrar em casa. Atravessei o limiar quase desmaiada de emoção – tão nervosa estava. Lembro-me apenas de imaginar como devia estar a parecer vista de fora – na mão a mala com o açúcar refinado, ao pescoço a máquina fotográfica soviética, tão volumosa…

Entrei no quarto e vi Vanga. Estava sentada numa poltrona e parecia olhar para mim, mas ao mesmo tempo não olhava… Sensação estranha, difícil de descrever… Eu sabia que ela era cega, mas sentia que me via completamente. E de repente sorri e diz: ora, moscovita, quanto açúcar trouxeste! Abri a mala, coloquei-a à frente dela e respondi: tome, trouxe tudo para si… Mas Vanga abanou a cabeça: «Este açúcar é para ti e para as pessoas a quem quiseres ajudar. E o teu pai vai levantar-se, ainda trabalhará para o bem das pessoas. Mas tu tens de o ajudar».

Fiquei ali a ouvir, com centenas de perguntas na cabeça, mas incapaz de dizer uma palavra – a língua não se mexia na boca, de tão emocionada. E fico calada. E Vanga continua: «Tudo na tua vida correrá bem. Tudo o que desejares se realizará. Vais adoecer, mas não gravemente. Viverás uma vida longa, ajudarás as pessoas. Mas só se fizeres a escolha certa».

Nisto, vejo a assistente de Vanga a mexer-se inquieta e percebo que o meu tempo está a acabar. Fiquei assustada por não ouvir o principal e perguntei a Vanga o que devia fazer pelo pai e como ajudaria as pessoas.

Ela respondeu-me: «Sabê-lo-ás a seu tempo. A primeira coisa que deves fazer é explicar ao teu pai que ele acredita errado. Ele adora o diabo, mas o homem só deve adorar a Deus».

Disse-lhe que o meu pai era comunista, não acreditava em ninguém nem adorava ninguém. Ela sorriu tristemente e disse: «O comunismo é precisamente a fé no diabo. Agora vai. A seu tempo saberás tudo».

Imagina, Katia, o que foi para mim ouvir aquilo? Fomos educados de forma completamente diferente. Para não falar que na casa de Vanga estava cheia de espiões. Mas na altura pensei no pai, não nas consequências que eu poderia ter. Ao ouvir tais palavras, a mulher que me conduzira ao quarto começou a fazer-me sinais para sair. Pelo visto, tinha medo que uma conversa daquelas também trouxesse problemas a Vanga. De repente,

lembrei-me da máquina fotográfica que tinha ao pescoço, ganhei coragem e perguntei a Vanga: «Posso tirar-lhe uma fotografia?» A vidente calou-se. Então ganhei ainda mais coragem, apontei a objetiva e disparei várias vezes rapidamente. Vanga disse-me zangada: «Não devias ter feito isso. Mas já que o fizeste, era porque era preciso. O teu ato trará bem às pessoas. Vai».

(Revelámos o rolo lá mesmo, na Bulgária. Decidimos primeiro imprimir duas cópias para ver o que tinha saído. E o que foi estranho – no dia seguinte, o sobrinho da Lenka estragou acidentalmente todo o rolo. Assim, daquela viagem ficaram apenas duas fotografias – uma dei à Lenka como recordação, a outra guardei para mim.)

Saí da casa da vidente, mas não fui para lado nenhum. Parei à entrada e pus-me a pensar. De repente, ouço passos apressados atrás de mim, volto-me e vejo a assistente de Vanga – aquela mesma mulher que me conduzira até ela – a correr para fora de casa. Chegou junto de mim e, sem dizer uma palavra, entregou-me um maço de folhas de caderno. Peguei nelas, ela virou-se e voltou rapidamente para casa, sem me dizer nada.

A assistente de Vanga

Sobre esta mulher é preciso falar à parte.

Toda a gente sabe que Vanga tinha uma assistente, mas donde ela veio, como chegou à casa da vidente e porque foi precisamente ela que Vanga escolheu – isso era um mistério para todos.

Claro que Vanga era rodeada por outras pessoas que a ajudavam. Nem sei bem o que faziam – se a protegiam, se vigiavam tudo o que se passava à volta dela e relatavam a alguém, se estavam ligados a círculos científicos e estudavam de alguma forma o dom milagroso de Vanga. Mas a mais próxima dela era uma mulher – como que a sua assistente especial. Essa mulher não possuía capacidades milagrosas, e isso também era do conhecimento geral. Mas onde vivia, ninguém sabia.

Contam que um dia ela foi ter com a profetisa, e Vanga disse-lhe: «É precisamente de ti que preciso». E desde então essa mulher começou a ir todos os dias a casa da vidente. Conduzia as pessoas até ao quarto de Vanga e, muitas vezes, ficava presente no encontro, embora nem sempre. Diziam que a vidente a avisava habitualmente: «Agora vai chegar AQUELA pessoa». E então a assistente ficava no quarto durante a sessão,

observava atentamente essa pessoa e, depois do encontro, entregava-lhe alguns papelinhos com anotações. O que estava escrito nesses papelinhos, ninguém sabia.

O regresso a casa

Quando regressei da Bulgária, tive de trazer o açúcar comigo. Pensara deixá-lo a Vanga, mas ela não o quis. Na fronteira, os alfaiates reconheceram-me e começaram a perguntar sobre a viagem, mas eu não tinha vontade de contar nada. Por isso, calei-me na maior parte do tempo e pensei no que me acontecera. E, para não me chatearem, ofereci-lhes uma caixa de açúcar refinado. Disse que tinha estado com Vanga. Aceitaram o presente com tanta alegria! E nem revistaram as minhas malas – e eu precisamente temia que encontrassem aqueles papelinhos com anotações que a assistente da vidente me entregara e mos tirassem.

Claro que, mal regressei de Vanga para casa da Lenka, quis logo ver o que estava escrito naqueles papéis. Comecei a ler e não percebi nada. Falava-se de energia, informação, de um recetor e de um cristal qualquer… Pensei: será alguma pesquisa científica secreta? Se fosse, transportar essas anotações através da fronteira era muito perigoso. Decidi escondê-las bem por enquanto e, ao regressar a Moscovo, já me ocuparia delas.

Mas, graças ao açúcar de Vanga, passei a fronteira sem incidentes. E cheguei a casa em segurança. Mas em casa esperava-me uma desgraça. A mãe recebeu-me em lágrimas: o pai tivera outro ataque. Levaram-no para o hospital e já não havia esperança de que conseguisse recuperar. Deixei as coisas, arranjei-me um pouco e corri imediatamente para o hospital. Levei comigo a fotografia de Vanga, para lha mostrar, pensando que pelo menos o distrairia um pouco com o relato da minha viagem. Comecei a preparar as guloseimas para ele e decidi levar uma caixinha de açúcar. Sempre dava jeito. Pensei: dou-lhe chá com o açúcar que viajou comigo para a Bulgária.

Entrei no quarto do hospital e fiquei petrificada – como o pai tinha mudado, estava muito mal. Já só conseguia estar deitado, era-lhe difícil até levantar-se um pouco. Mas, ao ver-me, alegrou-se, como que ganhou vida. Ajudei-o a sentar-se na cama, servi-lhe chá, falei-lhe da Bulgária, do meu encontro com Vanga. E das palavras dela sobre acreditar de forma errada. E o que me surpreendeu: o pai não se indignou, concordou imediatamente.

«Há muito que sei isso – disse-me ele. – Só que não temos outra fé, filhinha.»

Ainda me lembro de como era o quarto dele – sem armário, sem mesa de cabeceira, só duas camas e um banquinho cambaio. Tive de pôr tudo o que trouxera em cima desse banquinho. Ficou tudo empilhado – a fotografia de Vanga, em cima a caixinha de açúcar, e por cima os pãezinhos e o resto. E antes de sair, decidi pôr o açúcar debaixo da almofada do pai. Pensei: não vá alguém levá-lo. Beijei-o em despedida e disse em brincadeira: «Bebe o chá com o açúcar búlgaro, ele vai melhorar-te o humor e curar-te!» E deixei-lhe a fotografia da vidente juntamente com as outras minhas fotografias da Bulgária. «Olha-as todas com atenção – disse-lhe –, para não pensares em coisas tristes.»

Dois dias depois, voltei ao hospital para visitar o pai. Espreitei para o quarto – e não acreditava no que via os meus olhos – ele estava sentado na cama, as faces coradas, os olhos brilhantes, a sorrir. E o médico disse-me em voz baixa: «É um milagre, nem nós acreditamos, mas parece que o nosso doente está a melhorar.» E, no entanto, não tinham mudado o tratamento, não lhe deram nenhum medicamento novo. O pai disse-me que bebia constantemente chá com o meu açúcar e recordava as minhas palavras, que o açúcar búlgaro o curaria. E, depois de beber uma chávena, parecia-lhe que ganhava forças. Brincámos juntos, rimo-nos daquele medicamento milagroso, e eu regressei a casa alegre.

Mas – brincadeiras à parte – exatamente um mês depois, o meu pai voltou para casa vivo e saudável. E mais um mês depois, já andava normalmente. Depois, readmitiram-no no trabalho. Tudo, tudo aconteceu como Vanga dissera!

E o pai pedia-me constantemente que lhe trouxesse «o açúcar de Vanga», como ele lhe chamava. Assim, fui-lhe levando todo o açúcar que viajara comigo para a Bulgária. Nessa altura, ele contou-me que, mal voltara ao hospital, percebera que talvez não saísse de lá. E começou a pensar longamente na sua vida todas as noites. Não queria morrer! A quem pedir para lhe dar mais tempo neste mundo? E começou a rezar. Mas não sabia a quem rezava. Antes, quando era saudável e tinha cargo e poder – nem pensaria em rezar.

Mas agora, à beira da morte, refletiu… Por isso, quando lhe transmiti as palavras de Vanga sobre a fé, ele já pensava o mesmo. Só não sabia como acreditar corretamente. Contou-me ainda que, depois de eu ter ido visitá-lo e meter a caixa de açúcar debaixo da almofada, ele até se zangara comigo – a caixa incomodava-o tanto. E não tinha forças para a tirar. Passou metade da noite, disse ele, a resmungar para si mesmo: que ideia teve a rapariga, já estou tão mal, e ainda por cima estes cantos da caixa duros e pontiagudos… Teve tanta pena de si mesmo. E, de repente, disse em voz alta, bem alto: «Que é isto! Não quero morrer!»

De manhã, a enfermeira veio mudar a roupa da cama, tirou o açúcar de debaixo da almofada, claro, e até ralhou com o pai por violar a ordem. Verdade seja dita, não levou o açúcar e pô-lo no mesmo banquinho cambaio onde eu deixara, antes de sair, todas as minhas fotografias da Bulgária. E no topo da pilha estava a fotografia de Vanga. Foi em cima dela que a enfermeira pousou o açúcar.

E na noite seguinte, contou o pai, sentiu-se de repente tão bem, tão calmo na alma. E surgiu-lhe na cabeça um pensamento: não, não morrerei agora, ainda não chegou a minha hora. E o coração ficou tão leve. De repente, o pai teve uma vontade enorme de chá doce. Acordou o vizinho de cama, este trouxe água a ferver, arranjaram folhas de chá, puseram nas chávenas «o açúcar de Vanga» e tomaram chá quase até de manhã. Depois disso, o pai adormeceu e dormiu quase um dia inteiro. Os médicos até se assustaram, pensaram que era o fim. Mas quando acordou, percebeu que se sentia muito melhor do que antes. Foi assim, com a ajuda do açúcar de Vanga, que recuperou.

O que estava nas notas da assistente de Vanga

Por alguma razão, demorei muito tempo a lembrar-me daqueles papéis que a assistente de Vanga me dera. Logo após a chegada, guardei-os algures, e depois a alegria pela recuperação do pai ofuscou tudo o resto. Nessa altura, eu acabara de entrar no doutoramento e começara a dar aulas. E um dia precisei de encontrar os cadernos com as minhas anotações da universidade, e comecei a mexer nos meus papéis. Foi aí que dei com os misteriosos papelinhos. Afinal, guardara-os na estante dos livros e esquecera-me completamente.

Tirei toda a pilha, comecei a folheá-los e vi que não havia só texto escrito, mas também desenhos. Olhei com mais atenção para o que estava desenhado: uma grelha, semelhante à estrutura de um cristal como nos manuais de física do ensino básico, um círculo (depois percebi que representava uma pessoa ou a sua cabeça), do círculo saíam linhas onduladas. No desenho havia ainda duas setas – uma ia das linhas onduladas para a grelha, a outra da grelha para um retângulo. E ao redor do desenho – muitos cruzinhas pequenas, que formavam como que uma moldura. Junto ao desenho, estava escrito à mão: «Trouxeste a Força contigo». Mais tarde confirmei que não era a letra de Vanga. Ela era cega, talvez nem soubesse ler nem escrever. E no verso do papelinho estava desenhada uma palma da mão, com os dedos dobrados como para fazer o sinal da cruz. E novamente – a grelha cristalina, e por baixo palavras incompreensíveis em búlgaro.

Nessa mesma noite, sentei-me para ler um livro, mas não conseguia concentrar-me no texto. Fechei o livro e a mão estendeu-se sozinha para o televisor. Liguei-o e sentei-me a ver um programa, falava um cientista, parece que físico, e o tema eram as propriedades dos cristais, ondas, informação. Quando anunciaram o nome do cientista, percebi que era búlgaro. E no discurso dele mencionou o nome de Vanga. Fiquei um pouco surpreendida, peguei nos meus papelinhos e comecei a olhar para o desenho, ouvindo o programa, mas sem perceber muito bem do que se tratava.

E de repente deu-me um sono enorme. Desliguei o televisor, arrumei cuidadosamente os papéis, cheguei à cama quase a dormir, deixei-me cair e adormeci imediatamente.

À noite, sonhei com Vanga. A vidente estava diante de mim e segurava na mão um cubo de açúcar e a sua fotografia. E o que foi espantoso – os lábios dela não se mexiam, mas eu compreendia claramente tudo o que ela me dizia. A voz dela como que ecoava na minha cabeça. Interessante que eu me lembrava bem da voz da profetisa, por isso não podia confundir.

E os pensamentos surgiam-me como que por si só. Nesse sonho, a profetisa disse-me que esperava pessoas que pudessem ajudar outras depois de ela própria partir deste mundo, e que essas pessoas vinham ter com ela. E eu perguntei-lhe como poderiam os outros ajudar as pessoas se nem

todos tinham capacidades mágicas como ela. E ela respondeu-me: eu não ajo por mim mesma, mas com a ajuda de Deus. Mas Deus dá forças só às pessoas boas, para que ninguém possa usar o Seu dom para o mal. Por isso, antes de receberem esses conhecimentos, a pessoa deve passar por uma prova.

Era por isso que às pessoas que Vanga indicava, a assistente dava papelinhos com anotações e desenhos incompreensíveis. Aqueles que conseguissem decifrar essas anotações e compreender o seu significado poderiam tornar-se condutores dessa Força Superior.

Ainda nessa noite, soube por Vanga que já havia várias dessas pessoas no mundo. Uma vivia na América, outra na Europa, e na Rússia também deveria haver uma. E se eu conseguisse decifrar a mensagem «escondida» nas anotações dos papelinhos, essa pessoa seria eu. E toda a minha vida, até à morte, poderia ajudar os outros, transmitindo através de mim a força que Vanga tinha, e depois transmitiria os meus conhecimentos a outra pessoa. Nisto, acordei.

Parecia um sonho, mas tão vívido que nunca esquecerei essas palavras. Passaram tantos anos, e ainda hoje, por vezes, fecho os olhos e ouço na cabeça a voz da profetisa.

Nessa altura, após esse sonho, até me assustei um pouco – pensei que, com todas as preocupações relacionadas com a doença do meu pai, ficara tão nervosa que a minha saúde mental abalara. Embora não sentisse medo nenhum, estava estranhamente calma. No entanto, a razão convencia-me a verificar se não enlouquecera mesmo.

Uma velha conhecida dos meus pais era médica psiquiatra e considerada na altura uma excelente especialista. Fui ter com ela. Cheguei e contei-lhe tudo honestamente – a minha viagem a Vanga, a doença do pai e a sua recuperação, o meu sonho. Ela ouviu-me atentamente e passou-me uma referência para um centro médico fechado. Lá fiz um exame completo, e os médicos deram o resultado: a minha psique estava perfeitamente normal. Não detetaram em mim nenhuma tendência estranha, nenhuma das chamadas acentuações perigosas, nada do que é habitual em pessoas com problemas mentais. Eu estava completamente saudável.

Interessante que eu sempre vira com desconfiança todos os tipos de «contatados», pessoas que contavam sonhos proféticos, vozes do além e

coisas assim. Nunca acreditaria que alguém me pudesse transmitir algo num sonho. E nunca pensara que eu pudesse ter alguma capacidade, como mais tarde passaram a chamar – «extrassensorial».

No entanto, algum tempo depois, tive novamente um sonho semelhante. Mais uma vez, Vanga veio ter comigo. A profetisa como que me olhou. Soa muito estranho, claro – como podia ela olhar, sendo cega, mas a sensação era exatamente essa, como no encontro pessoal com ela. Como se me fitasse intensamente. Pelo visto, era isso que chamavam o seu «olhar interior».

Nesse sonho, Vanga sorriu-me e acenou com a mão, como que a convidar-me a segui-la. E de repente, senti-me na minha infância. Como se tivesse oito anos e estivesse de férias de verão na aldeia com a avó. Brincávamos com as crianças, corríamos, e de repente caio num poço, ou melhor, numa cava que estavam a abrir para ele. E, como acontece nos sonhos, voava para baixo, voava e pensava: agora vou-me esmagar. No entanto, não sentia medo nenhum. Até uma certa curiosidade e prazer no voo. Depois, aterrei sobre o rabo, levantei a cabeça e vi o céu diurno cheio de estrelas. E através dessas estrelas, como que o rosto de Vanga me olhava. E a sensação de que algo importante ia acontecer.

Acordei como que com um empurrão, e de repente lembrei-me – afinal, isso acontecera mesmo, agora recordara o caso. Na infância, passava muitas vezes as férias na aldeia com a avó. E um dia, enquanto brincávamos às escondidas, caí numa cava, mas era pouco funda e não me magoei. Mas o que foi espantoso: enquanto esperava que me tirassem de lá, mexia na areia do fundo com as mãos e dei com um círculo metálico. Meti-o no bolso do vestido e esqueci.

Dois dias depois, caiu-me do bolso. Apanhei-o, olhei, e era uma moeda. E estava escrito – um lev. Ri-me, pensei: ora, «um lev»! E porque não um coelho? Depois, a avó explicou-me que era uma moeda búlgara, e era completamente impossível explicar como lá fora parar. Agora penso que era como que um aviso sobre o meu destino. E aquela cava passou a ser chamada «o poço búlgaro».

Depois disso, comecei a compreender que era completamente normal, e que simplesmente existem na natureza coisas que é impossível compreender com a mente, com a razão. Compreender e explicar

racionalmente. Simplesmente existem, e temos de aceitar. E aconteceu que eu tinha alguma relação com essas coisas.

Passei vários dias a refletir sobre tudo isso, a habituar-me a viver com esta nova visão da vida. E novamente sonhei com Vanga. Nesse sonho, ouvi outra vez a voz dela, a dizer-me que chegara a hora de «falar a sério». E que eu devia voltar a olhar atentamente para aqueles papelinhos que recebera dela.

De manhã, acordei e a primeira coisa que fiz foi pegar nos papelinhos. Mal os toquei, as recordações invadiram-me. Passavam na minha cabeça como um filme – eu a entrar no quarto do pai doente, a despedir-me dele e a pôr-lhe a caixa com o açúcar «búlgaro» debaixo da almofada, e até ouvi como ele disse à noite: «Não quero morrer!» A enfermeira a tirar a caixa de açúcar de debaixo da almofada e a pô-la no banquinho ao lado da cama, mesmo em cima da fotografia de Vanga. E foi a partir dessa manhã que o meu pai começou a melhorar.

E de repente, tudo me iluminou. Como quando montamos um puzzle e de repente todas as peças encaixam. Assim, na minha cabeça tudo se ligou. A grelha no desenho – é o cristal, e o açúcar também é um cristal. E as propriedades dele, como de qualquer cristal, são tais que a sua estrutura permite gravar muito bem informação. As linhas onduladas no desenho – são ondas, ou seja, os nossos pensamentos, que levam para o mundo exterior tudo o que temos na cabeça – as nossas reflexões, desejos. E toda essa informação pode de alguma forma ser gravada nas coisas que nos rodeiam.

Agora compreendi porque a minha avó me dizia muitas vezes para não usar coisas de outros, que elas se lembram do dono. Antes achava que era uma crença popular, uma superstição, mas agora percebi – realmente, cada coisa guarda o rasto do seu dono. E a setazinha que no desenho vai das linhas onduladas para a grelha indica precisamente que no cristal podem ser gravados todos os nossos pensamentos e desejos. Ou seja, quando desejamos algo com muita força, o cristal – o nosso cubo de açúcar – transforma-se como que numa mensagem onde o nosso pedido está escrito. E mostramos essa mensagem a quem a pode ler e ajudar a realizar o nosso desejo.

E aquela força que trouxe comigo, como estava escrito no papelinho, é a fotografia da profetisa. É através dela que Vanga lê a nossa «mensagem» e deixa a sua resposta nela.

A única coisa que não compreendi foi porque no desenho havia ainda uma moldura de cruzinhas, e no verso a palma dobrada, o cristal e algumas palavras. Não conseguia ligar isso a tudo o que acontecera. E de repente lembrei-me de que Vanga, quando abri a mala com o açúcar à frente dela, fez um gesto com a mão… como que o benzesse. E murmurou algo em voz baixa. Nisto percebi: o açúcar, antes de o pôr em cima da fotografia de Vanga, deve ser benzido com a cruz e uma oração! Afinal, aquelas palavras debaixo da palma no desenho eram precisamente orações búlgaras!

Na noite seguinte, Vanga sonhou comigo novamente. A profetisa sorria-me carinhosamente e acenava com a cabeça. Percebi que estava satisfeita comigo – decifrara corretamente a sua mensagem. Registei tudo isso, a ordem dos passos, e obtive uma espécie de tecnologia para realizar desejos. Usei-a muitas vezes na vida e ensinei outras pessoas como fazer. E sabes, Katia, o que reparei? Que este método funciona especialmente bem quando a pessoa tem problemas com dinheiro. Toda a pessoa que precisava de melhorar a sua situação material e usou o açúcar de Vanga para isso, acabou sempre por obter o que precisava. Tal como tu obtiveste.

…Eu ouvia Varvara Semionovna, tentando compreender o que se passava comigo. Ora sentia calor, ora frio. O relato dela deixou-me em choque. Cada palavra dela não só ecoava nos meus ouvidos, como penetrava fundo no coração… De repente, senti claramente que havia alguém mais connosco… Quem era? Seria a própria Vanga? Seria tudo verdade? Mas porquê, por que méritos eu merecia tal revelação? Afinal, eu sou uma pessoa completamente alheia a qualquer misticismo. Pelo contrário, toda a vida me considerei realista e não acreditava em nenhuma «parvoíce do além». E agora… como não acreditar?

A mente agarrava-se às palavras, procurava argumentos, tentava encontrar uma explicação lógica para o que acontecia, mas o coração dizia: sim, é tudo assim, é só aceitar! Mas como aceitar, se nunca ouvira nada parecido na vida (embora, pela natureza do meu trabalho, tivesse de ouvir muitas coisas invulgares). Sobre Vanga, claro que lera alguma coisa, vira programas de televisão… mas tudo isso era demasiado distante, demasiado parecido com um conto de fadas. Nunca sequer pensara se era verdade ou

não. E agora via uma pessoa que conhecera Vanga pessoalmente, mais ainda, uma seguidora da grande vidente.

Se não tivessem acontecido todos aqueles eventos milagrosos nas últimas duas semanas, provavelmente não acreditaria nela… ou acreditaria? Afinal, o mais milagroso não era a casa onde vivo ter sido salva da demolição, nem a minha ascensão profissional, nem mesmo o grande prémio em dinheiro. Isso passara para segundo plano. O principal era a sensação de que tudo o que me acontecera fora apenas o caminho para o dia de hoje, para este momento de iniciação na Misteriosa… não, tudo isto é incompreensível!

Varvara Semionovna, vendo a minha confusão, inclinou-se para mim e disse em voz baixa:

– Menina, não penses em nada agora. O tempo virá, compreenderás e aceitarás tudo. Agora vai. Tudo correrá bem.

Passou a mão pelo meu rosto, de cima para baixo, como que a lavar-me. Imediatamente, a minha agitação acabou. Senti-me de repente calma e leve. Que tudo corra como correr, pensei. Regressei a casa num estado de serenidade.

Aqui está a continuação da tradução para português europeu (PT-PT), em conformidade com o Acordo Ortográfico de 1990 em vigor:

Aprendemos a pedir a Vanga que realize os nossos desejos financeiros

Logo após as festas, a minha vida mudou completamente. O meu novo emprego exigia uma grande tensão. Rostos novos, tarefas novas… Tinha de me entregar por completo. No fim do dia de trabalho, caía de cansaço, mas mesmo assim, todas as noites ia ter com Varvara Semionovna para conversarmos. Esses encontros ajudavam-me como que a superar o período difícil. Varvara Semionovna dava-me chá, perguntava pelo trabalho, dava conselhos – simples, mas acertados. Após uma hora daquela conversa, o cansaço passava e eu regressava a casa cheia de energia.

Apesar de agora ver Varvara Semionovna todos os dias, não conseguira obter dela respostas para muitas das perguntas atormentadoras relacionadas com Vanga. Tentei várias vezes «fazer-a falar», mas ela respondia de forma evasiva, mudando imediatamente de assunto. Por fim, desisti dessas tentativas, decidindo que Varvara Semionovna, se quisesse,

me contaria tudo sozinha. E eu já sabia demais. Embora evitasse falar de Vanga, tornámo-nos muito próximas – humanamente e como mulheres. Não passara um mês desde o nosso encontro e ela já era a minha melhor amiga. Confidenciava-lhe segredos que nem à minha própria mãe poderia partilhar.

Em breve, surgiram novos problemas. Assim que o tempo aqueceu, começou a reparação geral no nosso prédio. Os moradores começaram a dispersar-se para onde podiam. Eu precisava de encontrar um apartamento para alugar. Através de conhecidos, encontrei uma opção adequada em termos de preço e, num dos dias após o trabalho, preparei-me para ir lá ver o apartamento e conhecer os proprietários. Antes disso, passei por casa de Varvara Semionovna – para a saudar e avisar que nessa noite não poderia passar o serão com ela.

Varvara Semionovna recebeu-me com estas palavras: «Não precisas de ir a lado nenhum. Entra, vamos conversar».

Queria explicar-lhe que as pessoas me esperavam, que o apartamento me convinha pela localização e preço, mas que tinha de ir urgentemente porque havia muitos interessados… No entanto, Varvara Semionovna pôs o dedo nos lábios: cala-te! – e levou-me com ela. Atravesando a sala de estar, abriu-me a porta de um quarto lateral. Nunca lá tinha estado antes. A decoração era simples, mas acolhedora: uma cama com candeeiro de cabeceira, uma mesa no canto junto à janela, um roupeiro, prateleiras com livros.

– Era o gabinete do filho, quando ele vivia comigo. Desde então, está vazio. Vive aqui. E não precisas de alugar apartamento – disse Varvara Semionovna com firmeza.

Para ser honesta, não esperava uma proposta dessas. Embora, claro, essa opção me agradasse mais do que qualquer outra: o trabalho perto, e a companhia de Varvara Semionovna era uma alegria para mim.

– Mas… não a vou incomodar? – perguntei cautelosamente.

– A mim? Tu? – sorriu ela. – Eu só uso um dos três quartos. Nos outros nem acendo a luz. Contigo, vai ser mais animado, mas o principal… – aqui olhou-me com um olhar especial – o principal é que poderei ensinar-te. E responder a todas as tuas perguntas.

Foi assim que se cumpriu a terceira profecia dela – sobre eu precisar de procurar nova casa, mas tudo se resolveria por si só. E no fim de semana seguinte, mudei-me para casa de Varvara Semionovna. Ela recusou categoricamente aceitar dinheiro pelo quarto. Só aceitou que eu pagasse metade das despesas comuns (e mesmo isso tive de a convencer durante muito tempo).

DIÁRIO DE VARVARA SEMIONOVNA

Ou eu já me habituara ao ritmo do novo trabalho, ou a companhia de Varvara Semionovna me revigorava, mas quando me instalei em casa dela, comecei a cansar-me menos. E tinha mais tempo livre. Antes, levava trabalho para casa, mas agora conseguia fazer tudo durante o dia, por isso as minhas noites eram completamente livres. Pensava que Varvara Semionovna começaria a ensinar-me logo no primeiro dia após a mudança. Mas ela não me disse nada, apenas me entregou um caderno extraordinariamente grosso com capa de oleado.

– Lê. Aqui está tudo o que precisas de saber. Se algo não entenderes, pergunta. Mas primeiro lê até ao fim.

Todas as páginas daquele caderno estavam escritas do princípio ao fim. No final, estavam colados dois caderninhos finos sem capa – pelo visto, o espaço para anotações acabara, e o autor não quisera começar um novo caderno. Letra uniforme e firme, aqui e ali palavras riscadas e outras escritas por cima; tinta de duas cores – azul e vermelha. Pelo facto de junto a cada nova anotação haver uma data, percebi que era um diário. As anotações eram como que «composições sobre um tema». O tema estava escrito a vermelho, e a própria «composição» a azul.

Nas margens, apareciam aqui e ali notas a lápis, do tipo: «Is. Sir. pág. 125, 3.ª de cima». Percebi que eram referências a livros onde, numa determinada página, se podia ler algo sobre o tema da «composição». O conteúdo geral dessas anotações eram múltiplas explicações sobre o que é a «riqueza justa» e como obtê-la. Tudo isso era extremamente interessante, mas eu não compreendia que relação tinha aquele caderno com Vanga e comigo. Na verdade, essa foi a única pergunta que fiz a Varvara Semionovna após ler as anotações.

– Tudo isso é o ensino de Vanga sobre o bem-estar material – respondeu ela. – Isto a vermelho são as regras, e a azul as explicações. Quem ler tudo isto e o aplicar na vida tornar-se-á uma pessoa rica e nunca mais sentirá falta de dinheiro.

Tudo isso foi dito de forma tão quotidiana, como se se tratasse das coisas mais simples.

– Este ensino é desconhecido para muitos – continuou Varvara Semionovna. – Vanga não falava muito dele em voz alta, não queria que o deturpassem, que o «pusessem em produção em massa». Mas existia. Vanga era uma pessoa terrena, amava as pessoas, conhecia bem todas as necessidades humanas e compreendia que o dinheiro sempre interessaria às pessoas. A nossa vida está organizada de tal forma que sem ele não se pode viver.

Aqui, as palavras de Varvara Semionovna confundiram-me de vez. Vendo a minha incompreensão, ela explicou:

– Lembras-te de eu te ter contado que Vanga procurava pelo mundo pessoas a quem depois transmitia os seus conhecimentos?

– Sim…

– Pois bem, eu fui uma delas. Precisava de nós para transmitir o ensino secreto de Vanga a outros. Afinal, era difícil chegar até Vanga. E as pessoas, nos encontros pessoais com ela, geralmente perguntavam pela saúde própria e dos entes queridos, pelo futuro… Sobre dinheiro, ou era vergonha falar, ou simplesmente não lhes ocorria… Mas Vanga pensava nisso e tinha as suas ideias sobre como ajudar as pessoas também nisso. Em resumo, neste caderno está registado esse conhecimento sobre a riqueza. Foi Vanga que mo transmitiu. Percebes agora?

– Para ser honesta, não muito…

Folheei o caderno.

– Aqui, junto a cada anotação, há uma data e o ano. Entre a primeira e a última há uma diferença de quarenta anos… Como poderia Vanga transmitir-lhe conhecimento durante quarenta anos, se só esteve com ela uma vez?

Varvara Semionovna suspirou profundamente, tirou-me o caderno, pô-lo de lado, pegou-me na mão e disse em voz baixa:

– Katiucha, eu vi Vanga mais do que uma vez. Embora, realmente, na casa dela só tenha estado uma vez.

– E como então? Ela ia ter consigo?

– Não. Vanga, até ao fim da vida, nunca saiu de Petrich. Mas continuo a encontrar-me com ela até hoje.

– Mas ela morreu! – fiquei espantada com o que ouvia.

– Fisicamente – sim. Mas a alma dela está viva, e eu converso com ela… quando ela vem ter comigo.

Como Vanga transmite o seu ensino secreto

As palavras dela emocionaram-me. Mas Varvara Semionovna estava não menos emocionada do que eu. A voz dela tornou-se especialmente baixa, tremia ligeiramente; pronunciava as palavras devagar, com cuidado; e segurava-me a mão com força, como se tivesse medo de que eu me levantasse e saísse.

– Percebes, Katenka – dizia Varvara Semionovna –, há já muitos anos que eu e Vangelia temos uma ligação… é invisível, como que em sonho. Mas esse sonho é completamente invulgar. Nunca sei quando ele me encontrará. Pode acontecer a qualquer momento, mas nunca quando estou a fazer algo importante ou a falar com outras pessoas. Geralmente acontece quando estou em casa sozinha e não ocupada com nada de especial. Notei também que, durante esse sonho, o telefone nunca tocou nem ninguém veio ter comigo.

De repente, sinto um peso na cabeça e nas pernas. Já sei: preciso de me deitar ou sentar confortavelmente e fechar os olhos. Imediatamente, esse sonho vem sobre mim. Mas não vejo sonhos. Estou consciente de que estou no meu apartamento, só que o meu corpo está relaxado, como que paralisado. Não consigo mexer nem a mão nem o pé, e nenhum pensamento estranho me visita. Só sei que eu sou eu. Gradualmente, um luz suave mas muito brilhante envolve-me… e dessa luz surge o rosto de Vanga. Um rosto espantoso… ninguém dos vivos a viu assim. Tu… lembras-te das fotografias dela?

– Sim.

– Pois bem, ela… os olhos dela estavam fechados, cobertos por uma película… era cega. Mas agora… os olhos não estão só abertos, são enormes… da cor do céu. Um azul denso, denso, e tão profundos. E dentro – uma luz fina, fina, como um raiozinho. Esse raiozinho como que penetra dentro de mim e conhece todos os meus pensamentos. Olhos espantosos, que tudo veem. Pensei que esses olhos lhe tinham sido dados no paraíso, mas ela disse-me que sempre os tivera… simplesmente ninguém dos humanos os podia ver. Mas ela via tudo com eles.

Varvara Semionovna calou-se, e eu temi que não contasse mais nada.

– E depois? – perguntei emocionada.

Varvara Semionovna como que acordou de um sonho e continuou:

– Na minha cabeça começa a soar a voz de Vanga. Primeiro baixa, depois cada vez mais alta. Vanga recita orações búlgaras e depois instrui-me. Fala sempre de forma breve, só o essencial. Sempre uma ou duas frases, não mais. Penso que é para eu poder lembrar tudo. Se o que quer dizer-me é demasiado para memorizar de uma vez, Vanga vem ter comigo no dia seguinte e completa as suas palavras. Então começa a falar da frase onde parara da última vez – por isso sei que devo continuar a anotação anterior, e não começar uma nova. Ao acordar, registo imediatamente o que foi dito e depois reflicto sobre as palavras da profetisa.

O que ela diz, escrevo a tinta vermelha, e as minhas reflexões a azul. Se compreendo tudo corretamente, Vanga aparece da próxima vez quando quer falar-me do próximo degrau do seu ensino. E entre essas aparições podem passar meses ou mesmo anos. Se compreendo algo errado, Vanga vem ter comigo novamente no dia seguinte e diz-me onde erro. Tu própria reparaste: algumas coisas no meu caderno estão riscadas ou corrigidas. Por vezes, Vanga mostra-me livros onde está a resposta… pois às vezes não consigo compreender o sentido das suas palavras, por mais que me esforce. Viste as notas a lápis nas margens? São indicações para esses mesmos livros.

– E que livros são esses? Os títulos estão abreviados, não percebi.

– Na maior parte das vezes, o Evangelho. Vanga indica-me o capítulo e o número do versículo. Por vezes, são livros muito raros, como o

Dobrotoliubie ou o Saltério de João Crisóstomo, ou outro dos santos padres da Igreja Ortodoxa. Hoje há tudo em abundância, mas antes era impossível consegui-los! Mas, de forma estranha, após o sonho com Vanga, esses livros vinham ter comigo. Ora um velhinho junto à estação de Moscovo me oferecia um livro para comprar, ora eu entrava por acaso na «Livro Antigo» e via logo na primeira montra o que precisava. Ou, por vezes, simplesmente encontrava o livro na rua, como se alguém mo tivesse deixado. Pois… das palavras de Vanga, desses livros, das minhas reflexões, resultou este caderno.

– Mas lá está todo um sistema! – exclamei eu.

– Sim, algo assim… as regras, na verdade, são muito simples, mas tudo funciona. Já quantas pessoas o experimentaram em si próprias, incluindo eu. Afinal, nunca, nem nos tempos mais difíceis, passei por privações.

– Varvara Semionovna… – de repente, uma ideia ousada atravessou-me –, porque me mostrou e contou tudo isto? Podia transmitir aos filhos… será que se pode dar um conhecimento assim a uma pessoa estranha? E se eu contar a mais alguém? E o seu segredo for conhecido por todos?

Ela olhou-me com tristeza e carinho.

– Katenka – suspirou ela. – Eu quero que todos saibam disto. Ou melhor, não eu. É Vanga que quer. Há pouco tempo, há uns dois meses, ela apareceu-me e disse: «Chegou a hora de libertar o conhecimento para o mundo. Contarás a todos, falarás a todos». Perguntei-lhe como poderia contar a todos? Não trabalho na televisão nem no rádio… Ao que Vanga respondeu: «Em breve te enviarei uma pessoa, ela sabe como. Ajudá-la-ás, e ela ajudar-te-á». E depois encontrei-te. E percebi imediatamente: és tu a pessoa de quem Vanga falava. Afinal, pelo teu trabalho, estás ligada a várias editoras. Tens precisamente essas possibilidades – transmitir ao mundo o conhecimento de Vanga.

– Eu? Comigo?… Como? – fiquei atónita. – Não, Varvara Semionovna, isso é impossível! Bom, poderia pedir a conhecidos que escrevessem um artigo para o jornal… mas isso é pouco, e quem o publicaria?

– E tu, Katenka, não um artigo. Escreverás um livro. Baseado neste caderno – e acariciar carinhosamente o caderno com a mão. – E quanto a publicar, encontraremos onde, não te preocupes. Vanga ajudar-nos-á.

Tecnologia de realização de desejos financeiros segundo Vanga

Caro leitor! Agora ser-te-á transmitido o conhecimento que Vanga passou a Varvara Semionovna (e através dela a todas as pessoas) ao longo de quarenta anos. É inteiramente dedicado a como uma pessoa pode obter bem-estar material na sua vida terrena. Pela minha própria experiência e pelo exemplo de muitos conhecidos próximos, convenci-me de que o método da profetisa Vanga funciona – basta usá-lo com fé e inspiração. Tenho a certeza de que também te ajudará.

Que as pessoas precisariam desse conhecimento, a minha mentora sabia há dois anos. «Agora toda a gente vive mais ou menos calma, mas em breve virá a desgraça – dizia Varvara Semionovna. – Muitas pessoas perderão o emprego, o dinheiro desvalorizar-se-á, os produtos encarecerão várias vezes. Alguns, claro, conseguirão lidar. Mas outros cairão em desespero, não saberão o que fazer, para onde correr. É a eles que deves preparar uma «almofadinha» para não doer tanto a queda. Eu ensinar-te-ei, e tu levarás esse conhecimento às pessoas», dizia Varvara Semionovna.

Na altura, eu não compreendia o que ela queria dizer: parecia-me que, de ano para ano, a vida melhorava cada vez mais.

E agora a profecia dela começou a cumprir-se.

As empresas começaram a fechar uma após outra, muitos dos meus conhecidos foram despedidos. Os preços realmente subiram – até eu, com o meu salário bastante bom, senti que viver se tornara muito mais difícil. E isso quando os dias mais difíceis ainda não tinham chegado.

Devo dizer que a ideia de escrever um livro me entusiasmou imediatamente.

Fiquei tão inspirada pelas palavras de Varvara Semionovna que queria começar o livro logo nessa noite. Mas a minha mentora travou-me.

– Não tenhas pressa, Katiucha. Primeiro experimenta tudo na tua própria pele. Não penses que vais escrever ao meu ditado ou copiar inteiramente do caderno. Cada palavra deve estar preenchida com o teu próprio conteúdo. O livro só traz benefício quando o autor sabe

interiormente sobre o que escreve. Por enquanto, estuda as regras, aplica-as e regista o que acontece. Ajuda os outros – o exemplo deles também te ajudará. E farás uma boa ação.

No início, eu mal imaginava como poderia ajudar as pessoas com o método de Vanga. Não podia contar a toda a gente o que estava escrito no caderno de oleado!

Mas quando os meus amigos começaram a ter problemas no trabalho e dificuldades financeiras, comecei devagarinho a dar-lhes a tecnologia de realização de desejos financeiros, explicando as coisas mais importantes. Quem levou as minhas palavras a sério e com fé, em breve melhorou a sua situação.

Eu própria mergulhava cada vez mais no ensino de Vanga, tentando viver interiormente cada uma das suas posições e aplicá-las na vida.

O que é absolutamente necessário saber antes de pedir a Vanga que realize o seu desejo financeiro

A própria tecnologia para obter riqueza é muito simples. Na verdade, em traços gerais, o leitor já a conheceu no primeiro capítulo do livro. Para isso, é necessário ter açúcar, uma fotografia de Vanga e, claro, um desejo financeiro. Que açúcar, que fotografia – sobre tudo isso um pouco mais adiante. Primeiro, é preciso assimilar duas coisas muito importantes.

PRIMEIRO.

Esta tecnologia pode funcionar por si só, sem o conhecimento do ensino de Vanga. Mas em casos especiais, de emergência.

Vanga dizia que ajudaria sempre a pessoa, independentemente de ela ter lido ou não o seu ensino, se a situação for realmente crítica para a pessoa e lhe parecer desesperada. Foi precisamente esse o caso da minha situação com a casa.

SEGUNDO.

Esta tecnologia pode funcionar por si só, sem o conhecimento do ensino de Vanga, para realizar qualquer desejo financeiro, mas não mais de três vezes.

Nem toda a gente conseguirá aceitar pela fé o que está escrito no livro. Por isso, Vanga dá a todos a possibilidade de experimentar a tecnologia,

convencer-se da sua eficácia e, através disso, chegar ao seu ensino sobre o material.

Se quiseres tornar-te uma pessoa abastada e permanecer assim toda a vida, precisas de passar sequencialmente por todos os degraus do ensino de Vanga sobre a riqueza. (Se decidires negligenciar o ensino e, apesar do aviso, usar repetidamente apenas a tecnologia, sabe: o dinheiro aparecerá, mas muito em breve irá embora. E prepara-te para perderes muito mais do que te foi dado.)

O ensino de Vanga sobre a riqueza é um ensino espiritual. Não tolera uma atitude de menosprezo. Se uma pessoa quer transformar a sua vida exterior, deve transformar-se interiormente. Para obter riqueza, é preciso dominar os princípios espirituais (degraus, regras) para a alcançar e aplicá-los na vida.

No entanto, não penses que estas regras podem ser cumpridas de forma puramente mecânica. O facto é que cada degrau está ligado a uma certa lei espiritual. E as leis espirituais não podem ser cumpridas formalmente, é preciso escrevê-las no coração, para que o seguimento delas seja tão natural como respirar. Podes passar pelos degraus um a um, pela ordem, ou combinar vários degraus ao mesmo tempo. Tudo depende do teu grau de preparação.

Como pedir a Vanga para que ela realize o teu desejo financeiro

Etapa preparatória

O método de realização de desejos financeiros é muito simples. Mas deve iniciar-se com uma preparação especial. Sem preparação, só pode ser usado em caso de extrema necessidade, ou para resolver uma questão muito urgente, quando simplesmente não há tempo para preparação. O sentido desta preparação consiste em colocar-te no estado adequado.

Algum tempo antes de te dirigires a Vanga, é desejável passar em jejum e oração.

• O jejum pode durar de três a sete dias. Nesse período, não se pode comer carne, ovos, leite nem gorduras animais. É melhor excluir também o peixe. Alimenta-te de vegetais e pão. Isso purificará o organismo e a consciência.

• Também nesse período não podes irritar-te, zangar-te, discutir, invejar, fofocar, julgar. Se estás zangado com alguém, encontra uma forma de te reconciliar com essa pessoa, pede-lhe perdão.

• Se tens dívidas, tenta pagá-las; se não tens essa possibilidade, fala com as pessoas a quem deves. Pede desculpa pelo atraso, assegura-lhes que em breve pagarás, agradece-lhes por te terem ajudado numa situação difícil.

• Durante o período de preparação, tenta realizar pelo menos sete boas ações por dia. Que sejam ações pequenas. Fala carinhosamente com o cônjuge, com os filhos; não lembres à pessoa que deve tirar o lixo da sua obrigação: faz tu mesma. Leva uma chávena de chá a um pai ou mãe, ajuda a vizinha a carregar uma mala pesada. O principal é fazer tudo com o coração puro.

• E obrigatoriamente recita as orações matinais e vespertinas. Vanga deu a Varvara Semionovna orações em búlgaro. Para Varvara Semionovna, o búlgaro já se tornara uma língua materna, por isso não se importava de pronunciar palavras búlgaras. Se for difícil para ti, podes rezar em russo.

Orações diárias em búlgaro

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen. Senhor, tem piedade!

Oração matinal

Senhor, ouve cedo a minha voz – de manhã apresentar-me-ei diante de Ti e esperarei. Deus, agradeço-Te por me teres guardado com tanta misericórdia também durante esta noite. Ajuda-me a não Te ofender com nenhum pecado e a passar o dia de hoje de forma agradável a Ti e salvífica para mim. Ámen! Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

Rei celestial, Consolador, Espírito da verdade, Que estás em toda a parte e tudo enches, Tesouro dos bens e Doador da vida, vem e habita em nós, purifica-nos de toda a impureza e salva, Bondoso, as nossas almas. Santo Deus, Santo Forte, Santo Imortal, tem piedade de nós. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos, ámen.

Santíssima Trindade, tem piedade de nós. Senhor, purifica os nossos pecados, Mestre, perdoa as nossas iniquidades, Santo, visita e cura as

nossas fraquezas, pelo Teu nome. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Ámen!

Oração antes de qualquer empreendimento

Senhor, abençoa!

Oração antes do trabalho

E que a bênção do Senhor, nosso Deus, esteja sobre nós, e ajuda-nos na obra das nossas mãos, ajuda.

Pai Nosso

Pai Nosso, que estais nos céus! Santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dai hoje, e perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do maligno. Porque Vosso é o reino e o poder e a glória do Pai e do Filho e do Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Ámen!

Oração antes do jantar

Os pobres comem e saciam-se; louvarão o Senhor os que O buscam e os seus corações viverão para sempre. Ámen!

Oração após a refeição

Agradecemos-Te, Cristo Deus nosso, por nos teres saciado com os Teus bens terrenos. Não nos prives também do Teu reino celestial. Ámen! Agradecemos-Te, Cristo Deus nosso, porque nos saciaste com os Teus bens terrenos; não nos prives também do Teu reino celestial, mas como no meio dos Teus discípulos vieste, Salvador, dando-lhes a paz, vem até nós e salva-nos.

Oração vespertina

Deito-me tranquilo e durmo, porque Tu, Senhor, me fazes viver em segurança.

Senhor, Deus nosso, como bom e amigo dos homens, perdoa-me tudo o que pequei neste dia com palavras, ações e pensamentos. Concede-me um sono pacífico e tranquilo. Envia o Teu Anjo guardião para me proteger e guardar de todo o mal, porque Tu és o guardião das nossas almas e corpos,

e a Ti – Pai, Filho e Espírito Santo – rendemos glória agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Ámen!

Deus eterno e Rei de toda a criação, Que me dignaste chegar a esta hora, perdoa-me os pecados que cometi neste dia com ações, palavras e pensamentos. Purifica, Senhor, a minha humilde alma de toda a impureza da carne e do espírito. E concede-me, Senhor, durante esta noite um sono tranquilo, para que, ao levantar-me da minha pobre cama, faça a Tua vontade em todos os dias da minha vida e vença os inimigos carnais e incorpóreos que me atacam. Livra-me, Senhor, dos pensamentos vãos que me mancham e dos maus desejos. Porque Teu é o reino e o poder e a glória, do Pai e do Filho e do Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Ámen.

Orações diárias em russo

Orações matinais

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, pelas orações da Tua Mãe Puríssima e de todos os santos, tem misericórdia de nós. Ámen.

Glória a Ti, Deus nosso. Glória a Ti.

Rei Celestial, Consolador, Espírito da verdade, Que estás em toda a parte e tudo enches, Tesouro de todo o bem e Doador da vida, vem e habita em nós, e purifica-nos de toda a impureza, e salva, Misericordioso, as nossas almas. Santo Deus, Santo Todo-Poderoso, Santo Imortal, tem misericórdia de nós. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos infinitos. Ámen.

Santíssima Trindade, tem piedade de nós;
Senhor, purifica os nossos pecados;
Soberano, perdoa as nossas iniquidades;
Santo, vem e cura as nossas fraquezas – para Tua glória.
Pai nosso que estais nos céus!
Santificado seja o Vosso nome;
venha o Vosso reino;
seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu;
o pão nosso de cada dia nos dai hoje;
e perdoai-nos as nossas dívidas,

assim como nós perdoamos aos nossos devedores;
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do maligno.
Porque Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre.
Ámen.

A Ti, Soberano Amigo dos Homens, ao acordar do sono, me dirijo e, pela Tua misericórdia, apresso-me para as Tuas obras, e suplico-Te: ajuda-me em todo o tempo, em toda a ação e livra-me de toda a má ação mundana e tentação diabólica; salva-me e introduze-me no Teu reino eterno. Pois Tu és o meu Criador, Fonte e Doador de todo o bem, em Ti está toda a minha esperança, e a Ti rendo glória agora e sempre e pelos séculos infinitos. Ámen.

Anjo de Deus, meu santo guardião! Guarda-me de toda a má tentação, para que com nenhum pecado eu ofenda a Deus, e reza por mim ao Senhor, para que Ele me fortaleça no Seu temor e me torne digno da Sua misericórdia. Ámen.

Orações durante o dia

Senhor Misericordiosíssimo! Envia-nos a graça do Teu Espírito Santo, que nos dê compreensão e fortaleça as nossas forças espirituais, para que, ouvindo o ensino que nos é dado, cresçamos para Ti, nosso Criador, em glória, para consolo dos nossos pais, para benefício da Igreja e da Pátria.

Oração antes de comer

Os olhos de todos se voltam para Ti, Senhor, com esperança, e Tu dás alimento a todos no seu tempo; abres a Tua mão generosa e sacias tudo o que vive conforme o desejo.

Oração após a refeição

Agradecemos-Te, Cristo Deus nosso, por nos teres alimentado com os Teus bens terrenos; não nos prives também do Teu reino celestial.

Orações vespertinas

Anjo de Cristo, meu santo guardião e protetor da minha alma e do meu corpo! Perdoa-me tudo em que pequei no dia que passou, e livra-me de toda a astúcia do meu inimigo maligno, para que com nenhum pecado eu irrite o meu Deus; mas reza por mim, pecador e indigno servo, para que

me torne digno da bondade e misericórdia da Santíssima Trindade e da Mãe do meu Senhor Jesus Cristo e de todos os santos. Ámen.

Deus eterno e Rei de todas as criaturas, que me dignaste chegar a esta hora! Perdoa-me os pecados que cometi neste dia com ações, palavras e pensamentos, e purifica, Senhor, a minha pobre alma de toda a impureza corporal e espiritual. E ajuda-me, Senhor, a passar a noite que se aproxima em tranquilidade, para que, ao levantar-me da minha pobre cama, possa fazer o que agrada ao Teu santíssimo nome em todos os dias da minha vida e vencer os inimigos carnais e incorpóreos que me atacam. E livra-me, Senhor, dos pensamentos vãos que me mancham e das paixões malignas. Pois Teu é o reino e o poder e a glória, do Pai e do Filho e do Espírito Santo, agora e sempre e eternamente. Ámen.

Senhor Deus nosso! Como bom e amigo dos homens, perdoa-me tudo em que pequei neste dia: com palavras, ações ou pensamentos; concede-me um sono pacífico e tranquilo; envia-me o Teu Anjo guardião, para que me cubra e guarde de todo o mal. Pois Tu és o guardião das nossas almas e corpos, e a Ti rendemos glória, ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre e eternamente. Ámen.

Após a preparação, podes pedir a Vanga que realize o teu desejo financeiro.

O que precisarás

Precisarás dos seguintes itens:

• 12 cubos de açúcar refinado.

Estes 12 cubos devem ser mantidos junto a ti durante 12 horas. Durante esse tempo, a tua energia como que se absorve no açúcar, e a sua estrutura cristalina entra em ressonância com as ondas que emites. A estrutura do açúcar «sintoniza-se» com a frequência das tuas ondas energo-informacionais.

• Um pedaço de tecido (de preferência algodão ou linho).

Como o açúcar deve ser mantido o mais perto possível do corpo (no bolso ou debaixo da roupa), o melhor é embrulhá-lo num pano de algodão ou linho. Nesse caso, o açúcar não derrete nem se esfarela.

• Uma fotografia de Vanga.

A fotografia de Vanga está colocada neste livro. Como possui um campo energo-informacional muito forte, não é necessário abrir o livro precisamente nessa página. Podes colocar o açúcar diretamente sobre o livro.

Pedimos a Vanga a realização de desejos financeiros

De manhã, pega nos 12 cubos de açúcar, embrulha-os no pano e coloca-os no bolso (ou onde for mais conveniente). À noite do mesmo dia, tira todos os cubos e dispõe-nos à tua frente. Ao lado, coloca a fotografia de Vanga (ou este livro).

Benzi o açúcar três vezes, abre as palmas das mãos e, mantendo-as sobre o açúcar, recita a oração:

Senhor, tem piedade de nós, porque em Ti confiamos. Não Te iras muito contra nós, nem Te lembres das nossas iniquidades, mas olha agora, como bondoso, e livra-nos dos nossos pecados; porque Tu és o nosso Deus e nós o Teu povo, todos somos obra das Tuas mãos, e invocamos o Teu nome. Ámen.

Mentalmente, com as tuas palavras, pede à Força Superior que te proteja da influência dos espíritos malignos.

Formula o teu desejo. Deve ser compreensível, claro e realizável. Ou seja, se pedires à Força Superior um milhão, dificilmente poderás contar com que o desejo se realize. Não precisas de descrever a tua situação desesperada e toda a complexidade do teu problema. Deus já sabe e vê tudo. Diz simplesmente: «Força Superior, Deus, ajuda-me a encontrar trabalho / pagar a dívida do apartamento / encontrar dinheiro para os estudos da criança etc.».

Depois disso, dirige-te a Vanga com o pedido de te ajudar a realizar o teu desejo.

Transfere o açúcar para a mesa de cabeceira, o móvel ou o banquinho. O açúcar deve ficar ao nível da tua cabeça. Podes colocar o açúcar debaixo da almofada – só tem cuidado para que não se esfarele nem se perca!

Ao adormecer, pensa no teu desejo, imagina-o o mais vividamente possível. De manhã, ao acordar, pensa novamente nele. Antes de tocar no açúcar, recita a oração matinal de agradecimento.

Agora coloca todo o açúcar sobre a fotografia de Vanga. Deixa-o assim durante um dia.

Durante esse tempo, a profetisa como que lê dele toda a informação – as nossas perguntas, desejos, pensamentos – e regista nele a sua resposta.

Passado um dia, bebe uma chávena de chá com um cubo desse açúcar.

Beber chá com o açúcar carregado deve ser feito durante 12 dias seguidos, de manhã em jejum.

Como entenderás que Vanga realizou o teu desejo financeiro?

Nestes dias, a tua situação financeira mudará para melhor. Mas por vezes isso acontece como que por acaso. Por isso, deves observar com muita atenção os eventos que começam a acontecer na vida. Afinal, os mais diversos acontecimentos podem aproximar uma pessoa da realização do seu desejo. Para alguns, a resposta pode vir durante o sono. Outros serão levados à solução do seu problema por um encontro com a pessoa certa. Para outro, algo há muito esquecido virá à memória, e precisamente isso ajudará a compreender o que fazer agora. Ou pode simplesmente surgir uma sensação constante de firme confiança de que tudo na vida correrá bem. O principal, ao formular o desejo, é lembrar que, se houver essa possibilidade, ele obrigatoriamente se realizará com a ajuda da Força Superior.

Nestes dias, é desejável não discutir com ninguém, não invejar ninguém (especialmente os que são mais ricos do que tu), o melhor é nem pensar na riqueza, própria ou alheia, não importa. Faz de conta que o bem-estar material não te interessa absolutamente. Claro que, quando os problemas se acumulam de todos os lados, é difícil alcançar indiferença pelo dinheiro. Mas há uma receita simples: ocupa-te o mais possível com assuntos, mesmo os mais quotidianos. Tenta, em cada momento, pensar apenas na tarefa que estás a realizar agora. Não te esqueças de rezar as orações.

Depois de a ajuda chegar até ti, não te esqueças de agradecer à Força Superior. E também a Vanga. Mesmo se fores uma pessoa de pouca fé,

lembra-te de que Vangelia era cristã ortodoxa. Por isso, a melhor forma de agradecimento para ela será uma vela acesa na igreja pelo repouso da sua alma, e também uma oração.

Oração pelo repouso da alma da serva de Deus Vangelia

Lembra-Te, Senhor Deus nosso, na fé e esperança da vida eterna, da Tua serva falecida, nossa irmã Vangelia, como Bom e Amigo dos Homens, que perdoas os pecados e consomes as injustiças, alivia, deixa e perdoa todos os seus pecados voluntários e involuntários, livra-a das penas eternas e do fogo do inferno, e concede-lhe a comunhão e o gozo dos Teus bens eternos, preparados para os que Te amam: pois embora tenha pecado, não se afastou de Ti, e sem dúvida no Pai e no Filho e no Espírito Santo, Deus glorificado na Trindade, acreditou, e a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade ortodoxamente confessou até ao seu último suspiro.

Por isso, sê misericordioso com ela, e a fé nela em Ti conta em vez de obras, e com os Teus santos, como Generoso, dá-lhe repouso: pois não há homem que viva e não peque. Mas Tu és o Único sem nenhum pecado, e a Tua verdade é verdade para sempre, e Tu és o Único Deus de misericórdias e generosidades, e de amor pelos homens, e a Ti rendemos glória, ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Ámen.

Deus dos espíritos e de toda a carne, que venceste a morte, anulaste o diabo e deste vida ao Teu mundo! Tu próprio, Senhor, repousa as almas dos Teus servos falecidos: os santíssimos patriarcas, os preclaros metropolitas, arcebispos e bispos que Te serviram no sacerdócio eclesiástico e monástico; os fundadores dos santos templos cristãos, os antepassados ortodoxos, pais, irmãos e irmãs que jazem aqui e em toda a parte; os líderes e guerreiros que deram a vida pela fé e pela pátria, os fiéis mortos em guerras civis, afogados, queimados, congelados no frio, dilacerados por feras, os que partiram subitamente sem arrependimento e não conseguiram reconciliar-se com a Igreja e com os seus inimigos; os que enlouqueceram e se suicidaram, aqueles por quem nos mandaste e pediste orar, aqueles por quem não há quem ore e os fiéis privados de sepultura cristã, num lugar luminoso, num lugar verdejante, num lugar de repouso, de onde fugiram a doença, a tristeza e os suspiros.

Todo o pecado cometido por eles em palavra, ação ou pensamento, como Bom e Amigo dos Homens, Deus perdoa, pois não há homem que viva e não peque. Só Tu és sem pecado, a Tua justiça é justiça eterna, e a Tua palavra é verdade. Pois Tu és a Ressurreição, a Vida e o Repouso dos Teus servos falecidos, Cristo Deus nosso, e a Ti rendemos glória com o Teu Pai sem princípio, e o Teu Santíssimo, Bom e Vivificador Espírito, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Ámen.

Perguntas que podem surgir quando pedires a Vanga a realização de um desejo financeiro

As pessoas a quem dei a tecnologia de Vanga para obter riqueza fizeram-me muitas perguntas. Penso que perguntas semelhantes podem surgir também contigo, por isso dou já as respostas.

• Por que precisamente açúcar, se o sal também tem estrutura cristalina?

– Pode usar-se sal. Mas o problema é que um pedaço de sal-gema (do tamanho de um cubo de açúcar refinado) não se pode consumir de uma vez. Imagina chá salgado – e a pergunta resolve-se por si.

• Pode dissolver-se o açúcar não no chá, mas, por exemplo, no leite ou numa compota?

– Numa compota (sumo, infusão de ervas, roseira-brava) pode. Mas no leite não é recomendado. O leite é um produto proteico de origem animal. Por isso contém bio-informação desnecessária para nós. Aliás, se não houver nada à mão além de leite (nem mesmo um copo de água), pode usar leite. Mas situações assim provavelmente não acontecem.

• Se tenho diabetes, posso substituir o açúcar por sorbitol?

– Podes. O sorbitol, tal como o açúcar, é composto por cristais, por isso a informação também se grava nele.

• Se alguém estranho comeu acidentalmente o meu açúcar, o que fazer?

– Nada. No cubo de açúcar está gravada a tua informação, e não afetará outra pessoa de forma alguma. Simplesmente carrega outro cubo para ti.

• Se os cubos de açúcar ainda não acabaram, mas o dinheiro já apareceu, é preciso continuar a prática?

– É preciso. Só não te esqueças de agradecer à Força Superior pela ajuda rápida. Podes encomendar na Igreja um moleben de ação de graças: isso fixará o resultado.

• Pode dar-se este açúcar a crianças?

– Com esta pergunta está ligada uma história bastante instrutiva. Tenho uma amiga que melhorou muito rapidamente a sua situação material com o método de Vanga. E um dia queixou-se-me de que a tecnologia não funcionava. «Como não funciona? – admirei-me eu. – Os teus assuntos não se arranjaram?» Acontece que ela não falava de si, mas de uma conhecida: esta, supostamente, passava por grandes dificuldades, e precisava desesperadamente de dinheiro.

Comecei a perguntar qual era a situação dessa conhecida, e então soube… que era a criança do vizinho, uma menina cujos pais bebem todo o dinheiro, de modo que ela nem tinha com que comprar material escolar para entrar na primeira classe. A minha amiga carregava açúcar para ela e dava-lhe chá com esse açúcar. Quando me contou tudo isso, compreendi porque Vanga dizia tantas vezes: pensa cem vezes antes de pedir riqueza! Realmente, o dinheiro muda completamente a consciência da pessoa. Toda a vida conheci a minha amiga como uma pessoa de coração, sensível e boa. Mas enriqueceu – e mudou completamente. Não lhe ocorreu comprar à menina vizinha uma mochila, cadernos, uniforme escolar. Não, alimentava-a com açúcar de Vanga, esperando que isso lhe trouxesse dinheiro. Mas de onde viria dinheiro a uma criança? Só dos pais. E os pais, por mais que recebessem, bebiam tudo.

Expliquei à minha amiga que, já que estava tão interessada no destino daquela menina infeliz, devia tomar tudo nas suas mãos e arranjar forma de a criança ter tudo o necessário. E para isso superar uma série de obstáculos (incluindo as objeções dos pais). Mas quem disse que ajudar o próximo é fácil? Se sentimos compaixão por alguém, essa compaixão deve ser ativa. E não é preciso dar açúcar carregado a crianças.

• Se a prática não ajudou, o que fazer?

– Significa que não estás preparado para a riqueza, e precisas de passar por todos os degraus, começando pelo primeiro.

Antes de começar a escrever este livro, pensei muito em que forma o ensino secreto de Vanga sobre como alcançar o bem-estar material seria mais compreensível para o leitor. Copiar as anotações do diário de Varvara Semionovna? Mas um diário é um diário: frases fragmentadas, suposições, perguntas, reflexões… Sem as explicações orais da própria autora do diário, o leitor dificilmente compreenderia algo. E decidi basear-me nas minhas próprias anotações. Afinal, ao passar por todos os degraus do ensino de Vanga, também mantive uma espécie de «diário». Lá registava as perguntas que surgiam à medida que passava pelos degraus, e as respostas de Varvara Semionovna.

Devo dizer que as minhas perguntas eram muitas, e nem sempre a minha mentora conseguia explicar o que me era incompreensível. Então recorria à própria Vanga. E Vanga respondia; e por vezes «corrigia» Varvara Semionovna, se esta me explicava algo errado. Assim, Vanga participou invisivelmente na escrita deste livro.

E mais uma coisa. Muitas coisas no ensino de Vanga podem parecer-vos estranhas, porque no nosso mundo os métodos mais conhecidos de acumular dinheiro estão ligados ao cultivo do egoísmo na pessoa e à ignorância total da honestidade e da consciência. O sistema de Vanga para adquirir bem-estar visa, em primeiro lugar, a obtenção de riqueza justa, ou seja, uma riqueza que, em primeiro lugar, é adquirida de forma honesta e, em segundo, traz benefício não só ao seu dono, mas a todas as pessoas ao redor. É por isso que o sistema da profetisa se baseia em leis espirituais. Estejam preparados para que algumas dessas leis sejam diretamente opostas às visões comuns sobre dinheiro e bem-estar material.

Então, vamos tentar tornar-nos ricos pelo caminho que nos indicou a vidente e profetisa búlgara Vanga.

O ensino secreto de Vanga. Oito degraus para a verdadeira riqueza

Primeiro degrau: moderação

A riqueza não é culpada, e enriquecer não é pecado, mas em tudo deve haver medida.

Platão, metropolita de Moscovo

Sobre o primeiro degrau, Vanga disse:

...

Conhece a tua medida e segue-a, e a medida é determinada pelo Senhor. Procura aqui.

E embora eu tivesse lido o diário de Varvara Semionovna, ouvido as suas explicações, ainda assim não conseguia compreender o que significava o primeiro degrau, e principalmente – como aplicá-lo na prática? Perguntava à mentora, mas ela só se ria e dizia: «Pode ler-se mil livros sobre como aprender a nadar, ouvir mil instruções, mas enquanto não nadar – não se saberá».

Devo dizer que, quando o dinheiro caiu sobre mim, atirei-me a gastá-lo em coisas que, pensando com calma, não precisava de todo. (Isso não dizia respeito só a objetos materiais: os divertimentos também exigem dinheiro.) Aliás, gastava não só em mim. Tinha remorsos por viver em casa de Varvara Semionovna de graça. Para compensar isso de alguma forma, fazia-lhe presentes caros.

Reparei que no inverno Varvara Semionovna usava um casaco acolchoado, quente, mas já não novo. E decidi comprar-lhe de presente um casaco bonito com gola de pele rica. Andei muito tempo pelas lojas e, finalmente, escolhi um modelo elegante, de tecido caro, com forro quente, gola fofa de raposa-prateada. Varvara Semionovna alegrou-se muito com o presente e agradeceu-me de coração. Mas qual não foi a minha surpresa (e até ofensa!), quando uma semana depois vi esse casaco na vizinha de Varvara Semionovna.

Era exatamente ele: em primeiro lugar, comprara-o numa loja de marca, onde só havia modelos únicos. E em segundo, a vizinha-velhinha, que vivia só da pensão, nunca poderia comprar uma coisa tão cara. Fiquei muito amargurada por Varvara Semionovna não ter apreciado a minha «bondade» e «generosidade». Mesmo assim, decidi não mostrar e não dizer nada à minha mentora. No entanto, no dia seguinte, quando Varvara Semionovna, ao ir a uma visita, vestiu o seu velho casaco acolchoado, comentei como que de passagem:

– O casaco novo assentava-lhe melhor.

Ela não disse nada, apenas olhou-me com um olhar longo e penetrante. À noite, ao chá, Varvara Semionovna começou de repente a contar-me sobre Vanga:

– Vangelia, desde que o seu dom se revelou, nunca passou necessidades. E na segunda metade da vida tornou-se simplesmente uma mulher rica. Afinal, vinham ter com ela pessoas de diferentes níveis de riqueza. Havia milionários que lhe deixavam presentes generosos. Além disso, Vanga ocupava-se oficialmente de cura, recebia salário. Por isso tinha dinheiro. Mas o interessante é isto: durante décadas viveu na mesma casa numa pequena aldeia de Petrich. Nem lhe ocorreu mudar-se para uma mansão rica! E vivia muito modestamente, vestia-se de forma simples, comia a comida mais comum. Não se permitia excessos.

Mas não porque fosse avarenta. Antes pelo contrário: despedia-se facilmente do seu dinheiro. Dizia sempre: rico não é quem recebe, mas quem dá. E àqueles que estavam em necessidade ajudava não só com conselho, mas com dinheiro. Muitos pobres receberam de Vanga ajuda material. Deu dinheiro para a construção de uma capela em honra de santa Paraskeva Sexta-Feira, a quem muito venerava. Vestiu-se toda a vida de forma modesta, de preto. Embora muitos, em sinal de gratidão, lhe oferecessem roupa cara e até joias. Não ficava com nada para si, dava tudo aos necessitados…

Claro que compreendi imediatamente a que se referia Varvara Semionovna com esta conversa. Tive uma vergonha terrível por ter como que censurado o presente. Calei-me, sem saber o que dizer.

– Percebes, Katenka – continuou ela carinhosamente –, esta avózinha a quem dei o casaco que tu ofereceste… Vive do pão à água. A pensão é mínima, vive sozinha, ninguém a ajuda. Nem podia sair à rua no frio – não tinha o que vestir. E eu, além do casaco acolchoado, tenho um casaco de pele. Simplesmente no casaco é mais cómodo, mais leve. Gosto de me mexer rapidamente e não sinto frio de todo.

– E não teve pena de dar uma coisa nova? – perguntei admirada. – Podia ficar no armário…

– E então, se é nova, devo rezar-lhe, ou quê? Será que se pode transformar uma coisa num ídolo, se ao teu lado há uma pessoa que dela precisa?

– Mesmo assim não percebo. Tenho muitas coisas que quase não uso, mas então – devo dá-las todas?

– Dá – disse Varvara Semionovna maliciosamente. – Dá. Assim passas o primeiro degrau, como Vanga ensinou.

O que é a medida e como conhecê-la

– No primeiro degrau fala-se de medida, mas não de dar coisas – objetei eu.

– E o que é, na tua opinião, a medida? – perguntou-me Varvara Semionovna.

– Não sei – confessei honestamente. – Ainda não percebo.

– Vanga disse: «Conhece a tua medida e segue-a, e a medida é determinada pelo Senhor». Estas palavras devem entender-se assim: a pessoa deve esforçar-se por conhecer o que precisa para uma vida plena. Isso é a medida. Quando a conheceres, podes pedir algo à Força Superior. Não se pode usar essa Força além da necessidade. Se recorrer à sua ajuda para enriquecer excessivamente (quando todos os problemas urgentes estão resolvidos e todas as necessidades essenciais satisfeitas), a Força desaparecerá.

O seu lugar será ocupado por entidades demoníacas que provocam na pessoa um desejo descontrolado de lucro. A avareza trará crueldade, engano, roubo e outros pecados terríveis que, no fim, podem levar a pessoa à perdição. Por isso, cada pessoa deve guardar a sua medida e saber claramente o que realmente necessita para uma vida normal, e o que é excesso desnecessário. A medida, ou seja, a moderação – é aquilo em que se baseia o bem-estar material de qualquer pessoa. A riqueza começa com a moderação, lembra-te disso, Katiucha. A moderação é a qualidade mais necessária que deve ter quem aspira à riqueza. Para adquirir esta qualidade, não deves mirar alto e livrar-te dos excessos.

– Ui, assim há tantas coisas que podem ser consideradas excessos! – abanei a cabeça. – Será que, para me tornar rica, devo negar-me tudo, vestir roupa velha, alimentar-me de pão e água? Sai uma tolice qualquer. Para que preciso então de riqueza?

– Eh, querida, não confundas moderação com avareza. A moderação é o meio dourado, quando a pessoa, por um lado, não se sobrecarrega com

coisas desnecessárias, e por outro – não se nega ao que realmente precisa. A avareza é o reverso da ganância. Muitos ricos são como Pliuchkines: vestem-se de qualquer maneira, comem comida imprópria, negligenciam a saúde. Há bastantes dessas pessoas. Pelo aspeto exterior e modo de vida, ninguém adivinharia que são ricos. Pelo contrário, parecem mendigos, embora tenham uma boa conta no banco ou maços de notas no cofre de casa (cuja existência, claro, ninguém suspeita). Muitas vezes, só após a morte dessas pessoas se sabe da sua riqueza.

Uma existência tão miserável não tem nada a ver com moderação. A pessoa moderada vive abertamente e não esconde a sua posição (embora não a proclame em todos os cantos). Está sempre pronta a ajudar quem precisa, mas ao mesmo tempo não sente falta de nada. A moderação pode parecer-nos pouco atraente, porque todas as nossas ideias sobre riqueza são bastante pobres. A riqueza para a maioria das pessoas é um bom apartamento (ou melhor, mais do que um), um bom carro (novamente, melhor mais do que um), muitas bugigangas caras, vida em prazer, exibição constante da sua posição perante os outros e perseguição infinita de novas bugigangas. Na realidade, isso não é riqueza, lembra-te bem. Isso é precisamente pobreza.

– Por que pobreza? – admirei-me eu.

– Porque as pessoas a quem falta algo para uma vida «normal», segundo o seu entendimento, são precisamente pobres. Mas isso já estamos a avançar. Por enquanto, tenta viver pelo menos uma semana sem comprar nada desnecessário, usando só o que precisas neste momento.

Como a moderação ajudou a fazer carreira. História de Inna.

A conversa terminou aí. Tentei fazer como Varvara Semionovna me aconselhava; mas, honestamente, não senti uma mudança especial na minha vida. No entanto, muito em breve aconteceu uma história com uma das minhas amigas próximas que me mostrou claramente o que é a moderação.

Com Inna fizemos amizade na universidade. No nosso curso, ela era a mais talentosa de todas, apreendia tudo voando, as ideias surgiam-lhe sozinhas, ainda durante os estudos ganhou vários concursos estudantis, e ao terminar a universidade foi convidada para trabalhar por muitas publicações conhecidas. Todos os professores davam-na como exemplo. Ninguém duvidava de que Inna iria longe e em poucos anos tornar-se-ia

certamente editora-chefe ou até dona do seu próprio jornal. No entanto, tudo correu de forma completamente diferente. Todos os diplomados do nosso curso arranjaram-se mais ou menos, encontraram um bom emprego, começaram a ganhar bem; alguns até conseguiram fazer nome. E só Inna não conseguia encontrar o seu lugar na vida.

Mudava constantemente de publicações. Em cada novo emprego aceitavam-na com prazer, mas ao fim de um ou dois meses Inna demitia-se (ou demitiam-na). Tudo isso acontecia diante dos meus olhos: afinal, Inna é a minha amiga próxima. Não conseguia compreender o que se passava. Talentosa, profissional, ambiciosa, Inna parecia condenada ao sucesso! Mas não se falava de grandes conquistas – era-lhe difícil até ganhar o pão! Mal dava para as despesas e não saía das dívidas. Enquanto não conheci Varvara Semionovna, pensava que Inna era simplesmente uma azarada. Há pessoas assim, que parecem ter tudo, mas o principal na vida não corre bem. Mas quando comecei a passar pelo primeiro degrau, de repente compreendi onde estava o problema.

A Inna simplesmente faltava moderação, antes de mais – moderação nos seus desejos. Queria tudo e imediatamente. Ao arranjar um novo emprego, pretendia o papel principal: claro que ninguém lho dava. Afinal, o caminho para os cumes começa no sopé! Inna ofendia-se por o trabalho «prestigiado» não lhe ser dado a ela, mas a colegas mais experientes. E recusava-se a fazer o trabalho que, na sua opinião, «não era à sua medida». Resultado: uma jornalista tão ativa e profissional não fazia nada. Não admira que assinassem o pedido de demissão à primeira! E quando, mais uma vez, ficou sem emprego, Inna veio ter comigo e começou a queixar-se do antigo chefe, de que na nossa cidade não havia uma única publicação normal onde a avaliassem devidamente. Primeiro quis dar-lhe a tecnologia de obtenção de riqueza, mas depois percebi que isso não a ajudaria. Era preciso começar precisamente pela moderação.

Contei a Inna, em traços gerais, sobre Vanga e o seu ensino e propus-lhe que tentasse passar pelo primeiro degrau. Ela aceitou, e começámos a elaborar um plano. Em primeiro lugar, precisava de resolver os seus problemas mais urgentes. Ou seja, encontrar um trabalho que pagasse o suficiente para poder liquidar as dívidas, pagar a renda do apartamento a tempo, comprar comida e outros artigos domésticos de primeira necessidade. Por enquanto, devia concentrar-se apenas nisso e não

pretender mais. Esse trabalho encontrou-o bastante rapidamente: num grande grupo editorial precisavam de um correspondente freelancer.

Claro que esse cargo não correspondia de todo às antigas pretensões de Inna, mas permitia perfeitamente cumprir o nosso plano. Combinámos que Inna trabalharia lá até resolver todos os seus problemas prioritários. O seu principal objetivo nesse emprego não era fazer uma carreira vertiginosa, mas arranjar a vida mais ou menos, alcançar alguma estabilidade. Claro que, no início, foi muito difícil para Inna: afinal, toda a vida fora muito ativa, ansiava subir. E agora precisava de aceitar a sua posição e simplesmente fazer o seu trabalho. O primeiro mês foi o mais complicado; mas quando recebeu o primeiro salário e pagou as dívidas, ficou muito mais aliviada. O segundo mês trabalhou já para si. E ao fim de três meses, a sua situação satisfazia-a completamente.

Não, não abandonava o sonho de subir, simplesmente começou a compreender que o caminho para o objetivo desejado consiste em muitos passos. Por enquanto, dera apenas o primeiro passo. E então aconteceu uma coisa mágica. Inna acalmou-se, deixou de se zangar com o mundo inteiro – e, quando as emoções nela se calaram, falou a razão. «Como se uma venda tivesse caído dos olhos – dizia-me ela. – Agora vejo claramente o que é preciso fazer». Inna desenvolveu um projeto de desenvolvimento do departamento onde trabalhava e mostrou-o à direção. O editor-chefe, ao ver o projeto, aprovou-o imediatamente e propôs a Inna que se ocupasse dele pessoalmente. Mais alguns meses depois, tornou-se diretora de desenvolvimento de todo o grupo editorial.

Em breve, no meu próprio diário apareceu esta anotação:

...

DIÁRIO

Primeiro degrau.

Olha para tudo o que tens. Pensa no que realmente precisas e no que não. Decide o que ainda te falta.

E então, muito possivelmente, compreenderás que tens tudo.

Segundo degrau: contentar-se com pouco

Quem é rico e quem é pobre?

Rico é quem já não deseja mais,

mas se contenta com o que tem;

pobre é quem deseja cada vez mais.

São Tikhon de Zadonsk

O segundo degrau para a riqueza, Vanga definiu-o assim:

...

Por qualquer pão agradece: ao contente com pouco o Senhor dará mais. O Senhor não tem pão seco. Pensa nisso.

– A satisfação com pouco é um dos segredos da felicidade humana – dizia Varvara Semionovna, explicando este degrau. – Claro que é muito difícil estar contente quando o dinheiro mal chega e não se sabe o que será amanhã. A preocupação com o futuro é quase a principal causa da pobreza. Essa preocupação corrói a pessoa por dentro e leva-a constantemente a pensar que amanhã será ainda pior. E o pensamento humano é uma grande força. Se pensares constantemente que a vida está a piorar cada vez mais, ela realmente piorará. Mas se estiveres contente com o dia de hoje e deixares os pensamentos sobre o dia de amanhã para amanhã, verás que, no fim das contas, a vida se arranja e, de dia para dia, se vive cada vez melhor.

– Então isso significa deixar a vida ao acaso e não preocupar-se de todo com o futuro? – perguntei eu.

– Claro que é preciso preocupar-se com o futuro, mas sem ansiedade e pensamentos negros – respondeu a mentora. – Simplesmente, em cada momento, faz tudo o que puderes para melhorar a tua situação. É só isso, vês como é simples.

– Temo que seja na teoria – suspirei eu. – Na prática, é difícil de cumprir.

– Sim – concordou ela. – E em primeiro lugar porque as pessoas não sabem agradecer à Força Superior pelo que têm. E é preciso agradecer, pelo menos, duas vezes por dia – de manhã e à noite.

– Como agradecer, Varvara Semionovna? Simplesmente dizer «obrigada»? Mas a quem? Assim, para o vazio?

– Não, não para o vazio. A Força Superior está sempre ao lado. Basta chamar.

– Chamam-se pelo nome, e qual é o nome da Força Superior?

– Há muitos nomes. O nome que te agradar, esse usa.

– E como chamava Vanga?

– Vanga era cristã ortodoxa, por isso a Força Superior para ela era a Santíssima Trindade, o Senhor Jesus Cristo. Mas se ainda não chegaste à fé, podes simplesmente dizer «Deus».

– Dizer assim: «Deus, obrigado»?

– Assim mesmo. E melhor ainda, acrescenta uma oração de agradecimento. Vanga ensinou-me assim. Deu-me orações, eu recito-as. E tu também recita.

E Varvara Semionovna ditou-me duas orações búlgaras que Vanga lhe dera.

Oração de agradecimento matinal

Deus, agradeço-Te por me teres guardado com tanta misericórdia também durante esta noite. Ajuda-me a não Te ofender com nenhum pecado e a passar o dia de hoje de forma agradável a Ti e salvífica para mim. Ámen!

Oração de agradecimento vespertina

Agradecemos-Te, Cristo Deus nosso, por nos teres saciado com os Teus bens terrenos. Não nos prives também do Teu reino celestial. Deito-me tranquilo e durmo, porque Tu, Senhor, me fazes viver em segurança. Ámen!

Além destas duas orações, Vanga deu a Varvara Semionovna mais uma oração, que deve ser recitada sempre que te é enviado um dom especial. Esse dom pode ser uma dívida paga antes do tempo, um pequeno prémio, enfim, tudo o que te chega inesperadamente.

Oração de agradecimento por todo o dom especial

Glorificamos-Te, louvamos, exaltamos e magnificamos como nosso Senhor, Soberano e Benfeitor e, prostrando-nos diante de Ti, novamente Te agradecemos pela Tua imortal e inefável misericórdia.

Porque é preciso agradecer à Força Superior?

– Ora, Katenka – disse Varvara Semionovna depois de eu copiar as orações. – Uma oração deve ser recitada de manhã ao acordar, a outra à noite antes de dormir. Mas não as recites automaticamente, mas com um sentimento de sincera gratidão a Deus por teres vivido este dia ou esta noite.

– Mas o que há de especial em ter vivido um dia ou uma noite? – perguntei eu.

– Ah, minha querida. Vou dizer-te uma coisa. O meu marido, que Deus o tenha, trabalhava não em qualquer lugar, mas na polícia criminal. Ele sabia bem quantas mortes e acidentes acontecem todos os dias. Se tu soubesses isso, olharias de outra forma para o tempo que te é dado. A vida humana é uma coisa muito frágil. Morrem não só velhinhos doentes e decrépitos. Muitos jovens partem desta vida de forma completamente inesperada. Isso acontece ainda mais frequentemente na nossa época inquieta. Por isso, se conseguiste acordar de manhã e chegar calmamente à noite – considera isso um enorme dom de Deus. Afinal, alguém já não verá este amanhecer ou pôr do sol. Essa pessoa podias ter sido tu. Por isso, diz obrigatoriamente a Deus «obrigado» e recita as orações. Deus ouvirá, e por isso te enviará um dom ainda maior.

– Que dons, Varvara Semionovna?

– Um tal que aprenderás a contentar-te com pouco.

– Será isso um dom? – disse eu desiludida. – Não quero contentar-me com pouco! Quero obter o máximo possível, alcançar tudo o que puder!

– E agora tens pouco, ou quê? – olhou-me ela maliciosamente.

– Não é pouco, mas…

– E o que tens, diz-me? – interrompeu-me a mentora.

– Bom, um bom emprego, o apartamento vai ser reparado, comprarei móveis novos… provavelmente um carro também.

– E ainda te parece pouco?

– Pouco, claro! – exclamei com fervor. – Isso não é o limite dos sonhos!

– Para alguns, é o limite. E outros nem ousam sonhar com isso, só queriam alimentar-se e ter um canto seu. E para ti é pouco. És assim tão gananciosa? – perguntou-me Varvara Semionovna com censura.

Fiquei envergonhada.

– Não, não sou gananciosa, claro… Mas compreende, a pessoa não deve parar no que alcançou. É preciso aspirar a mais…

– E tirar tudo da vida? – continuou por mim Varvara Semionovna.

– Pois…

– Já passámos por isso há muito tempo – suspirou Varvara Semionovna. – «O homem não deve esperar favores da natureza…». E da natureza já nada resta, e ainda ensinam a juventude a «aspirar a mais». Tudo porque consideram: quem nunca se satisfaz com o que tem alcançará grandes alturas na vida. Na realidade, é uma ilusão.

– Como ilusão? – objetei eu. – Só as pessoas que, para alcançar o objetivo, estão prontas para tudo é que podem alcançar o bem-estar.

– Bem-estar? – repetiu a mentora. – Duvido. Rodear-se de uma massa de coisas – sim, podem; mas alcançar o bem-estar – não.

– Como não?

– Assim mesmo. Pensa na palavra «bem-estar» – bem e estado. Ou seja, a pessoa encontra-se num estado de bem, ou de beatitude. Mas a beatitude não é simplesmente a possibilidade de comprar «tudo o que o pé esquerdo desejar». A beatitude é um estado da alma. E a alma é uma essência espiritual, e sacia-se apenas com riqueza espiritual, que não se pode comprar por dinheiro nenhum. Sabes que muitos ricos gastam somas

enormes em psicólogos e psicoterapeutas, tentando com truques psicológicos suprimir o sentimento de vazio. Iates, praias exóticas, vilas e joias não os satisfazem.

A alma continua a atormentar-se com algum descontentamento. Aliás, aqui tens um facto curioso. Onde achas que há a maior percentagem de suicídios no mundo? Na África, onde metade da população passa fome e sofre de doenças incuráveis? De modo nenhum. Há mais suicídios nos países com alto nível médio de vida. Quanto mais alto esse nível, quanto melhor materialmente vive a população, mais pessoas se suicidam. Há em que pensar.

Varvara Semionovna dizia tudo isso com alguma emoção. Depois levantou-se, saiu para o outro quarto e voltou com uma folha de papel e um marcador. Pousou isso à minha frente e disse: «Escreve!»

Sob a sua indicação, escrevi na folha em letras grandes:

...

A riqueza é um estado da alma.

– Aqui tens, Katerina. Pendura estas palavras acima da tua cama, para que todas as manhãs, ao acordar, possas vê-las. Isto é a verdade. Só compreendê-la não é fácil, porque as pessoas habituaram-se a pensar que a riqueza pertence apenas ao mundo material, visível. Mas não é assim. A riqueza começa no mundo espiritual, porque a fonte de todo o bem-estar é Deus (daí a palavra «riqueza»). Quem encontrar Deus, encontrará riqueza. Sabes, quando contava a Vanga sobre algum problema meu, necessidades, ela dizia-me sempre o mesmo: «Buscai primeiro o Reino de Deus, e tudo o mais vos será acrescentado». E isso foi dito há quase dois mil anos. Perguntaste-me porque agradecer a Deus. E eu digo-te assim. Quando agradeces à Força Superior por todo o dom, mesmo o mais modesto, ligas-te a essa Força, e ela começa a agir em ti. E quando Deus age em ti, o bem-estar vem por si só. Vou contar-te uma história, dela compreenderás tudo.

Aos agradecidos Deus dá mais. História de Valentina

– A Valia é a minha vizinha no patamar – começou o relato Varvara Semionovna –, costureira, como se diz, de Deus. Viveu toda a vida com encomendas em casa. Todas as elegantes da cidade se atropelavam em casa dela: antes era impossível comprar roupa da moda nas lojas. Não havia

falta de clientes. Mas veio a perestroika, abriram-se as fronteiras, os ônibus começaram a viajar para cá e para lá, a trazer mercadorias importadas.

E a psicologia do nosso povo é esta: se é de marca, é melhor. Embora as coisas de Valia não fossem piores (e quanto à qualidade, até superiores), as clientes diminuíram. E depois deixaram de ir ter com ela. Aí começaram os tempos maus. Sobrevivia com encomendas ocasionais. Eu dizia-lhe: arranja emprego num atelier qualquer, sempre cai algum salário. Mas nos ateliers pagavam pouco às costureiras na altura, mal dava para o essencial. E Valentina habituara-se a viver à grande! Assim ficou sem trabalho e vinha chorar no meu ombro. Cansei-me disso e disse-lhe o seguinte:

«Sabes, Valia, vamos fazer uma experiência. Arranja emprego no primeiro atelier que apareceres, só por um mês. E quando receberes cada nova encomenda, recita a oração búlgara de agradecimento. E com as tuas palavras diz «obrigado» à Força Superior. Depois vemos o que acontece. Se não ajudar, demite-te. Em casa sempre te sentarás». Pois bem, arranjou emprego num atelier; e eu nessa altura fui para Moscovo, precisamente por um mês. A minha filha teve um neto, fui ajudá-la. Regresso a casa ao fim de um mês, e nessa mesma noite vem ter comigo Valentina. Rejuvenescida, enérgica, feliz! «Ói, Semionovna, obrigado pelo conselho!»

E contou-me o que saíra daquela «experiência». «No início, era aborrecido. Eu sou costureira de categoria superior, e puseram-me no trabalho mais simples. Mas aguentei, e recitava a tua oração, como me mandaste, e agradecia constantemente a Força Superior. E um dia chegou ao atelier uma encomenda importante. Um estilista famoso decidiu abrir a sua casa de moda, e precisava de uma coleção representativa, mas faltavam mãos! Recorreu a nós. A direção em choque: embora fosse uma encomenda prestigiada e com bom dinheiro, o estilista exigia qualidade altíssima, costuras impecáveis, tudo assentar como fundido.

Distribuíram a encomenda pelas costureiras, começaram a coser. Tinham de terminar em uma semana. Bom, tu sabes: quanto mais complicada a peça, melhor para mim. Quando há interesse, o trabalho flui. Em resumo, fiz rapidamente a minha parte e comecei a ajudar as raparigas. E fiz bem: elas têm pouca experiência, sem mim teriam estragado tudo e certamente falhado uma encomenda tão importante. E um dia estava eu com uma das nossas costureiras, a explicar-lhe como inserir a manga para que pareça crescer da peça, como os braços crescem do tronco.

Expliquei-lhe tudo, mostrei, e de repente chamam-me à direção. Chego, e lá está o estilista famoso sentado e diz-me: «Quer trabalhar comigo?» Acontece que ele veio ver como as coisas iam e espreitou no nosso atelier de costura. Bom, e viu-me a explicar à rapariga sobre a manga. E eu estava tão absorvida que nem reparei quando ele entrou! Por isso agora trabalho na casa de moda dele.

Vêm ter connosco pessoas assim, dão encomendas assim! Todas as celebridades se vestem connosco. Trabalho não falta, e o dinheiro corre como um rio! E ainda agora agradeço à Força Superior – várias vezes por dia. E penso sempre: porque me dá Deus tão generosamente? Compreendi: afinal, muito não preciso, bastaria que o meu trabalho fosse necessário a alguém. Isso é o principal».

Como vês, Valentina, ao aprender a contentar-se com pouco e a agradecer à Força Superior, não só melhorou a sua situação material. Adquiriu algo maior – a compreensão de que Deus sempre dá mais do que a pessoa realmente precisa – concluiu o seu relato a minha mentora.

– E o que precisa a pessoa, Varvara Semionovna?

– A resposta a isso dá-a o terceiro degrau.

Quanto ao segundo degrau, no meu diário escrevi assim:

...

DIÁRIO

Segundo degrau.

Antes de exigir algo da vida, aprende a agradecer-lhe por qualquer pequeno dom. E então ela dar-te-á mais do que poderias esperar.

TERCEIRO DEGRAU: NÃO SE APEGAR AO SUPÉRFLUO

Mercadorias de ouro e prata,
e pedras preciosas, e pérolas,
e bissos, e púrpura;
e seda, e escarlate,
e toda a madeira aromática,
e todos os objetos de marfim,
e todos os objetos de madeira preciosa,
de bronze e ferro e mármore,

canela e incenso e mirra e aloés,
e vinho e azeite, e farinha e trigo,
e gado e ovelhas, e cavalos e carros,
e corpos e almas humanas…

O Apocalipse de João, o Teólogo

– E porque não escreveste nada sobre o terceiro degrau? – perguntou Varvara Semionovna, devolvendo-me o bloco onde eu anotava as minhas reflexões sobre o ensino de Vanga.

– Bom, esse degrau é-me compreensível – respondi eu alegremente.

Hoje estava com um humor especialmente bom.

Tinha ido a casa: em todo o prédio substituíram as janelas, e por isso o apartamento ficou claro e amplo. Prometeram também colocar pisos novos – e eu não tinha de pagar nada por isso! Se não soubesse nada sobre a tecnologia de realização de desejos financeiros e o ensino de Vanga, nunca acreditaria que tal coisa fosse possível! Na caixa de correio encontrei um folheto publicitário de uma empresa de acabamentos de apartamentos, e vi lá maravilhosos peitoris de mármore.

Claro que era luxo demais para a minha modesta casa, além disso, os novos peitoris de plástico também eram bastante bons… Mas gostei tanto daquele mármore rosa, com veios dourados, que decidi encomendar peitoris assim para mim. «Tenho direito a um pequeno luxo», pensei.

Com esses peitoris, a reparação, móveis novos e outras coisas agradáveis ocupava-se a minha cabeça.

Por isso, ouvia Varvara Semionovna de forma bastante distraída. Ela dizia algo, e eu respondia-lhe a despropósito. Como que de longe chegou até mim a sua pergunta:

– Compreendeste mesmo? Tens a certeza de que compreendeste tudo? – pegou-me na mão e abanou-ma energicamente.

Os meus devaneios voaram, e regressei à terra.

– Bom, sim… – até me perdi. Nunca vira a mentora tão severa.

– Isso é estranho – disse ela. – Afinal, compreender este degrau é a etapa mais difícil. Ora traz-me o meu diário búlgaro.

Trouxe-lhe o caderno de oleado. Ela abriu-o na página do terceiro degrau e apontou com o dedo para as palavras escritas a vermelho:

– Vês como Vanga disse muito sobre isso:

...

O ouro é lixo, o dinheiro é estrume, o luxo é veneno. Valor tem apenas o pão de cada dia. O caminho é difícil. Só quem o percorrer até ao fim e conhecer esta verdade obterá todos os tesouros. Outros perecerão, tornando-se presa do anticristo. Procura a verdade.

– Esta frase – continuou Varvara Semionovna – tive de a registar aos bocadinhos. Depois Vanga repetiu-a várias vezes, e várias vezes me fez voltar ao terceiro degrau. Tu própria vês como tudo está riscado aqui. Foi-me muito, muito difícil compreendê-la. Perguntava a Vanga, lia livros, pensava, pensava… E o terceiro degrau não se deixava compreender. Para ser honesta, só na velhice comecei a entendê-lo, quando no nosso país apareceram multimilionários e começaram a mostrá-los na televisão. E tu dizes que compreendeste tudo à primeira. Ora conta-me, Katiucha, o que exatamente compreendeste?

– Está tudo claro – comecei eu. – O ouro é lixo, o dinheiro é estrume. Bom, no sentido de que tudo isso é vazio, inanimado, supérfluo. É preciso compreender o que é principal. Senão será como naquela canção: «As pessoas perecem pelo metal» – e, recordando a ária incendiária de Mefistófeles, comecei imediatamente a cantar aquela melodia cativante.

– Isso, isso – animou-se Varvara Semionovna. – Tens a sensação certa. Só que a levas de forma demasiado leve. Cantas, mas as pessoas perecem a sério. Vanga disse precisamente: outros perecerão. Afinal, o luxo mata, não é à toa que Vanga o chamou veneno.

– Bom, isso é exagero – objetei eu. – Como pode o luxo matar? É uma coisa completamente inofensiva, além disso, muito agradável – (e aqui lembrei-me das janelas novas e dos peitoris de mármore).

– Vanga nunca exagerava nada – Varvara Semionovna ficou tão séria que até me assustei. – O luxo pode matar. E Vanga indicou-o claramente: «outros perecerão».

– E quem são esses outros?

– Outros são os que não conheceram esta verdade, não a aceitaram com todo o seu ser. Lembra-te, Katia: o terceiro degrau não é só o mais difícil, mas o mais misterioso, porque só a poucos consegue penetrar imediatamente na sua essência. E a essência é aprender a… não sentir prazer com a riqueza.

– Como assim: não sentir prazer com a riqueza?! – exclamei eu. – Isso está além das possibilidades humanas!

– Agora compreendes porque o terceiro degrau é tão difícil de passar? – respondeu calmamente a mentora. – Afinal, para as pessoas as palavras «riqueza» e «prazer» são quase sinónimos.

– Pois – suspirei eu. – É mesmo assim. Se separarmos uma da outra, o sentido da riqueza perde-se. E para que serve o dinheiro, se não for para comprar todos os prazeres possíveis? Para que aspirar ao bem-estar, se ele de qualquer forma não trará nenhum deleite? A vida sem deleites é puro sofrimento, e nada mais. Quem quer sofrer?

– Tudo isso é assim, mas só à vista mais superficial – abanou a cabeça Varvara Semionovna. – O facto é que, Katiucha, as pessoas confundem os conceitos de «prazer» e «felicidade». Toda a pessoa aspira à felicidade, esse é o objetivo da sua existência, porque foi criada para a felicidade. Mas num mundo onde tudo está virado do avesso, onde o preto é chamado branco e o branco preto, a felicidade é representada como uma sucessão de todos os prazeres possíveis. E nisso reside, talvez, a principal causa dos sofrimentos e males humanos.

A felicidade não é prazer, e agora compreenderás porquê. Os prazeres podem comparar-se a um poço sem fundo. Por mais que nele deites, será sempre pouco. Quando os prazeres acabam, a pessoa sente-se vazia. Para se recuperar, precisa de uma nova «dose» de prazeres. Se não tem possibilidade de os obter, sofre cruelmente com isso. E se tem essa possibilidade, eles começam a enjoar demasiado rápido, precisam-se cada vez mais, cada vez mais requintados. No fim, os prazeres, se lhes cedermos infinitamente, tomam a forma de perversões. Tu lês muito. Sabes o que escrevem sobre os filhinhos dos ricos, que divertimentos arranjam para si.

– Pois… – concordei eu, recordando a última reportagem sobre uma festa de aniversário de alguma princesa do petróleo. Que abominações não cometeram lá aqueles «filhinhos de ouro»!

– E achas que eles são felizes? – adivinhou os meus pensamentos Varvara Semionovna.

– E não são?

– Bom, se todos os seus prazeres se resumem a violência, drogas e perversões, podem chamar-se pessoas felizes?

– Bom, a felicidade é própria de cada um… – respondi evasivamente.

– Não, querida. A felicidade, se for verdadeira, é para todos. Ao lado de pessoas felizes, os outros também se tornam felizes. Não reparaste nisso? E quem aspira a prazeres cada vez mais complicados e contra a natureza, inevitavelmente traz sofrimento às pessoas ao redor. O prazer é um vazio infinito. Nunca se enche. A felicidade é plenitude, e até abundância. Se alguma vez experimentaste felicidade verdadeira, sabes que essa felicidade se quer partilhar com o mundo inteiro. Como se de dentro brotasse uma fonte de luz e alegria, e essa alegria se quer oferecer a todos. No estado de felicidade, é-te completamente indiferente o que vestes, onde vives, o que comes, o que bebes…

– Pois: com o amado, paraíso até numa choupana – sorri eu.

– Exatamente! Esta expressão popular não surgiu por acaso: quando as pessoas estão apaixonadas, estão tão felizes que realmente até numa choupana é paraíso. A felicidade, Katenka, é o objetivo da vida humana, mas é impossível tornar-se feliz de propósito. Muito menos comprar felicidade com dinheiro.

– Bom, isso compreendo – disse eu seriamente.

– Toda a gente compreende – acenou Varvara Semionovna. – Mas por alguma razão tiram daí uma conclusão errada: felicidade não se pode comprar, mas pode comprar-se prazer, e este substituir-nos-á a felicidade. Sobre porque o prazer não pode substituir a felicidade, acabei de te dizer.

– Então o que fazer à pobre pessoa que nem pode tornar-se feliz por vontade própria, nem os prazeres levam à felicidade, só a sofrimentos? Não haverá saída nenhuma?

– Há saída – aqui Varvara Semionovna sorriu pela primeira vez durante a nossa conversa. – Basta simplesmente renunciar aos prazeres e

tornar-se absolutamente indiferente a tudo o que os pode proporcionar. Em primeiro lugar, isso diz respeito à riqueza.

– Ora essa, que simples! – exclamei eu. – Isso é impossível! E, de todo, não compreendo porque é preciso renunciar ao prazer de ter riqueza.

– Para te livrares do vazio na alma! Quando deixares de tentar encher o poço sem fundo, como que o taparás com uma laje maciça. E essa laje tornar-se-á o fundamento do teu futuro bem-estar e felicidade.

– Mesmo assim, não se pode tornar indiferente à riqueza! – disse eu com fervor. – O dinheiro é uma parte demasiado importante da vida, sem ele é impossível ao homem imaginar a sua existência. Nem um dia conseguiria viver sem dinheiro – afinal, simplesmente não teria com que comprar comida. E que agradável é ter dinheiro! Até tê-lo nas mãos é um prazer, para não falar da possibilidade de o gastar em tudo o que a alma deseja. E quem, tendo essa possibilidade, renunciará a tal deleite? Sabe, Varvara Semionovna, qual é o divertimento mais popular entre os ricos?

O shopping! O sentido dele resume-se apenas a gastar dinheiro. E muitas vezes as coisas compradas no processo de «shopping» simplesmente acumulam pó anos a fio em arrecadações, perdem-se, são deitadas fora por desnecessárias. Na verdade, compram-nas não para usar. As pessoas deleitam-se com o próprio processo de compra. Quanto mais cara a compra, maior o deleite!

– E sabes porquê? – perguntou Varvara Semionovna.

– Bom… para o prazer…

– E mais profundamente?

– Não sei… – disse eu prolongando.

– E eu digo-te. O facto é que, comprando coisas, a pessoa prova a si mesma que existe.

– Ah! – iluminou-me. – Tipo «compro, logo existo»?

– Exatamente. Interessante que isso foi previsto por são Teófano, o Recluso – Varvara Semionovna tirou um livro da prateleira, encontrou a página certa e leu:

...

O homem tornou-se um abismo sem fundo; com todas as forças cuida de encher esse abismo – mas não vê, não sente o enchimento. Por isso, toda a vida, no suor, no trabalho e em grandes afãs: ocupa-se com diversos objetos, nos quais espera encontrar saciedade da sede que o consome… Daí se compreende porque o homem… nunca está em si, mas sempre fora de si, nas coisas criadas ou inventadas pela vaidade. De Deus, Que é a plenitude de tudo, afastou-se; ele próprio vazio; resta como que derramar-se pelas coisas infinitamente diversas e viver nelas. Assim o pecador tem sede, agita-se, preocupa-se com objetos fora de si e de Deus, com coisas muitas e diversas. Por isso a característica da vida pecaminosa é a negligência pela salvação, cuidados com muitas coisas, multipreocupação.

– Por isso o shopping não é simplesmente um divertimento, como muitos pensam – continuou a mentora. – É uma fuga do vazio. Aliás, não penses que foi inventado pelos nossos compatriotas, que após anos de défice total «passaram tanta fome» de possibilidade de comprar coisas que agora compram tudo sem critério. Esta doença veio para nós do Ocidente. Lá, verdade seja dita, o shopping não é chamado doença nem pecado, pelo contrário – o estado incentiva de todas as formas as pessoas a comprarem coisas desnecessárias. Sob o pretexto de que assim sustentam a economia do país, contribuem para o desenvolvimento do progresso. Mas esse progresso resume-se apenas a aumentar infinitamente o consumo. O progresso não facilita em nada a nossa vida.

– Como não facilita? E os telemóveis, os computadores…

– Eles só obrigam a pessoa a girar cada vez mais rápido na sua roda de esquilo. A alma, ocupada apenas em acompanhar o progresso, gradualmente encolhe, e depois a própria personalidade transforma-se em nada. Afinal, para consumir constantemente, não é preciso ser uma pessoa com alma. Compras pode fazer um robô. E as pessoas tornam-se esses robôs. O único problema delas é que a alma não se pode matar até ao fim, e a alma não se sacia com consumismo. Precisa de alimento espiritual, e começa a adoecer. Para abafar essa dor, a pessoa mata-se no trabalho, procura novos divertimentos, toma drogas. Alguns perecem, e a outros consegue realmente transformar-se em robô – para alegria dos produtores de mercadorias.

– Varvara Semionovna, e, no fim das contas, o que há nisso de mal? Se a pessoa considera que o principal da sua vida é adquirir e consumir

mercadorias – porque não? Que adquira e consuma, não faz mal a ninguém. Tem dinheiro – que compre…

– Como não faz mal? – admirou-se Varvara Semionovna. – Se a pessoa, a quem Deus deu uma alma imortal, matar essa alma, não será isso o mal mais grave? Ainda no Evangelho foi dito: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?» Pois vejo que não compreendes do que falo – disse a mentora desanimada. – Bom, sobre a alma depois: compreendo, para vocês, os jovens, isso são coisas abstratas. Percebes, Katia, o facto é que na sociedade de consumo tudo se torna mercadoria, incluindo… o próprio homem! Já ouviste falar do comércio de órgãos humanos – em breve isso tornar-se-á norma, vais ver. E ainda te vais relacionar com isso de forma tão leve? E ainda dirás: tem dinheiro – que compre?

– Ora, também diz cada coisa… – enruguei o nariz.

– E digo! – pronunciou a mentora ameaçadoramente. – Afinal, sobre a legalização da prostituição já falam no nosso país com toda a calma! E essa expressão popular agora – «vender-se mais caro»! E é percebida com sinal «plus». Compreende que a diferença entre esses fenómenos é quase nenhuma! Primeiro a consciência começa a aprovar a venda das próprias capacidades, do próprio talento, e depois considerará normal a venda do próprio corpo! E quanto à economia, aqui falo-te como economista. Se o estado produz para consumir, e consome para produzir, assemelha-se a um monstro que se devora a si mesmo. Afinal, a produção é o mesmo consumo, porque para qualquer produção são precisos recursos. E as reservas da terra não são infinitas.

Esgotam-se os subsolos, destroem-se as florestas, a água e o ar tornam-se impróprios para a vida. Se não se parar a loucura do consumo, na terra, no fim, restarão exatamente as pessoas que a natureza conseguir alimentar. Subconscientemente, muitos compreendem isso. E por isso acumulam riquezas, sem parar perante nada. Roubo, assassínio, traição – tudo vale. Não importa a que preço, desde que comprem uma vida luxuosa – em quaisquer condições. Nem que seja no fim do mundo. Sabes no que gastam o dinheiro alguns multimilionários? Velhos ricos sustentam a sua vida que se apaga com aparelhos que custam milhões. (Enquanto milhares de doentes morrem por não poderem comprar medicamentos elementares.)

Alguns constroem bunkers fortificados, onde mesmo após uma guerra nuclear se pode desfrutar de todos os encantos da vida. Alguns investem dinheiro no desenvolvimento de uma nave espacial «com todo o conforto» – para, em caso de catástrofe mundial, terem possibilidade de abandonar este planeta. E isso já não é percebido como excentricidade. Pelo contrário, todos invejam esses «felizardos», esquecendo o que foi dito pelo próprio Deus: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?»

– Pois… – baixei a cabeça. – Fez-me refletir…

– A ti faço refletir, e quem fará refletir todos os outros? Afinal, o meio em que vivemos não dá possibilidade à pessoa de pensar seriamente sobre tudo isso. O luxo realmente leva à perdição, não foi só Vanga que o disse. Aqui está o que disse um asceta do Monte Athos – Varvara Semionovna tirou outro livro:

Atualmente, está a decorrer a engorda da humanidade. Precisamente a engorda. Porque, tal como o camponês engorda o gado e as aves destinados à morte, ao abate, assim a humanidade está a ser preparada para a morte, em primeiro lugar espiritual.

E ela, energicamente, entregou-me o livro aberto.

– Mas as palavras dos santos raramente chegavam à humanidade. A aspiração à riqueza tolda a razão, cega a alma. O próprio Cristo dava como exemplo o nosso olho corporal: em estado saudável, ele percebe corretamente a luz material, graças à qual o homem obtém uma representação correta do seu corpo e de todos os objetos, e dá-lhes uma avaliação correta. Mas quando o olho está danificado, ocorre o fenómeno inverso, e as pessoas não são capazes de avaliar o mal que a paixão pelo luxo gera. Vou dizer-te, Katenka, o que penso sobre tudo isto.

Quantas pessoas, aos meus olhos, seguiram o caminho de Vanga – e nenhuma conseguiu passar pela terceira etapa. Vanga previu que isso seria uma prova demasiado pesada e dizia: «A terceira etapa é um aviso. Todos devem lembrar-se dela. Mas apenas os santos a podem cumprir.» Vou dar-te um exercício espiritual que Vanga me ensinou. É uma espécie de preparação para a terceira etapa. Anota-o e depois coloca-o no teu livro.

Exercício espiritual «O luxo que possuo»

Para realizar este exercício, vai precisar de uma caneta e de uma folha de papel. E também de tempo – pelo menos uma hora. Observe atentamente o seu quarto. Faça uma lista de absolutamente todas as coisas que se encontram nesse quarto. Mobiliário, tapetes, colchas, estatuetas, livros, louça no aparador, roupa no roupeiro, candeeiro de teto, candeeiro de mesa… Anote cada objeto. Provavelmente, vai precisar de mais do que uma folha de papel. Agora, pegue noutra folha e liste todos os objetos que usa todos os dias. Depois, aqueles de que precisa com menos frequência. Por fim, anote aqueles que nunca usa. Esses são objetos de luxo. Mas ainda não é tudo.

Dos objetos que usa (frequentemente ou raramente), liste aqueles sem os quais realmente não poderia passar. Tudo o resto também será luxo. Agora, leia atentamente a lista das coisas vitais. Tente memorizá-las (não será difícil: não podem ser muitas num só quarto). Agora, sente-se confortavelmente, relaxe e feche os olhos. Imagine o seu quarto contendo apenas aquilo sem o qual não poderia passar. Imagine como seria viver nesse ambiente. O que sentiria? Se surgir um sentimento de alívio e satisfação, se pensar que realmente viveria bem tendo apenas o essencial, pode dar-se os parabéns. Sabe contentar-se com pouco e tem moderação. Mas o principal é que não está apegado ao luxo, e isso significa que a riqueza não lhe fará mal.

Aliás, nem sequer aspira a ela – e é precisamente por isso que ela virá inevitavelmente até si. Mas se sentir que a sua vida seria vazia sem os objetos de luxo, isso significa que a riqueza representa um grande perigo para si. À medida que adquirir coisas, o vazio na sua alma só aumentará. Para corrigir esta situação, repita o exercício até se sentir confortável e livre tendo apenas o essencial. E pense também que milhões de pessoas vivem assim toda a vida. Quão mais rico é você do que elas!

Registo no meu diário:

...

DIÁRIO

Terceira etapa.

Os objetos de luxo e todos os excessos são como óleo derramado na estrada. Poucos conseguem pisá-lo sem escorregar. Mas poucos conseguem renunciar ao luxo. O único caminho é lutar contra a tentação, começando pelas pequenas coisas.

Etapa quarta: dar para receber, ou O que é a riqueza justa

Se guardares a riqueza — ela não será tua; se a dissipares pelos necessitados – não a perderás.

São Cirilo de Jerusalém

Sobre a quarta etapa, Vanga disse o seguinte:

...

Quando tiveres riqueza, gasta-a em necessidades verdadeiras. Mesmo que a riqueza te abandone, a tua recompensa permanecerá contigo. E nunca conhecerás a pobreza. Segue este caminho.

Quanto à quarta etapa, durante muito tempo não consegui compreendê-la. Nesta máxima da vidente, nada me era claro. O que são «necessidades verdadeiras»? De que recompensa se fala? E o que fazer para evitar a pobreza? Que caminho seguir?

Com todas estas perguntas, dirigi-me à minha mentora.

– A quarta etapa não está por acaso depois das três primeiras – dizia-me Varvara Semenovna. – Só a pode superar quem já possui alguma riqueza, ou luxo. Sim, sim, aquele mesmo luxo de que se falou na terceira etapa. A quarta etapa não indica o caminho para a riqueza, mas ensina como preservá-la e até multiplicá-la a tal ponto que será maior do que todo o luxo imaginável. A quarta etapa é a ação em estado puro: «Quando tiveres riqueza, gasta-a em necessidades verdadeiras». Tudo o que a pessoa precisa saber é o que são «necessidades verdadeiras».

– Mas eu não tenho riqueza – objetei. – Apenas ganho o suficiente para uma vida digna.

– A tua resposta é perfeitamente natural – sorriu a mentora. – O facto é que qualquer pessoa percebe a riqueza como algo que não tem. Não só tu – até pessoas muito abastadas não se consideram ricas. Mas não falámos já sobre o facto de a riqueza ser um conceito não material, mas espiritual? E, a nível espiritual, qualquer excesso é riqueza. Dá-me aquele livro verde. Sim, esse, com a cruz dourada. Ouve o que escreveu sobre isto São Tikhon de Zadonsk:

...

Quem é rico e quem é pobre? Rico é quem já não deseja mais, mas se contenta com o que tem; pobre é quem deseja cada vez mais. Chamamos saciado a quem não tem fome, faminto a quem tem; assim, devemos chamar rico àquele que já não deseja mais, e pobre àquele que deseja mais riqueza. Não é o celeiro, nem os baús, nem o bolso que se chamam ricos, mas o homem. Por conseguinte, mesmo que alguém tenha baús e celeiros vazios, mas se contenta com o que tem, é rico; e mesmo que alguém tenha baús cheios, mas deseja mais, é pobre e miserável, porque no coração nada tem; não tem, por isso deseja. Falta muito a quem muito deseja; falta pouco a quem pouco deseja; nada falta a quem nada deseja. Tem algo – bom; não tem algo – também bom: com bens ou sem bens, com riqueza ou com pobreza, está satisfeito. Alimento e vestuário bastam-lhe. Bem-aventurado tal coração!

– Vês? – continuou Varvara Semenovna. – O santo chama rico ao homem que sabe contentar-se com pouco. Assim, se tens algo além do necessário para as tuas necessidades básicas, és, sem dúvida, uma pessoa rica. Talvez esse «excesso» seja muito pouco. No entanto, é precisamente aquilo de que podes dispor livremente, sem o risco de ficar com fome. É isso que podes gastar em necessidades verdadeiras.

– E onde devo gastá-lo? – perguntei com ansiedade. (Naquele momento, tive muito medo de que Varvara Semenovna me mandasse dispor desse dinheiro de forma diferente da que eu desejava.)

– Como quiseres, é o teu dinheiro – disse calmamente a mentora. – A maioria das pessoas prefere guardá-lo para si. Algumas até o escondem dos outros, com medo de que lhes peçam algo desse excesso – olhou-me com

malícia. – Assim nasce a avareza na alma. Mas o mais triste nem é isso – suspirou –, ao não querer gastar a riqueza nas necessidades dos outros – e eram exatamente essas as necessidades que Vanga chamava verdadeiras –, a pessoa priva-se da possibilidade de a multiplicar.

– Desculpe, Varvara Semenovna, mas o dinheiro não me cai do céu. Ganho-o com o meu trabalho, porque hei de gastá-lo em outra pessoa?

– Vou dizer-te uma coisa, Katerina, que nunca ouviste antes. O pagamento justo pelo trabalho é aquele que permite viver. Ou seja, exatamente o suficiente para as necessidades básicas. O resto são excessos. E são precisamente esses que não queremos partilhar com os outros. Mas temos de partilhar.

Nesse momento, tocou o telefone e a nossa conversa foi interrompida.

A riqueza deve trazer benefício às pessoas

Durante vários dias não falámos sobre a quarta etapa, mas pensei muito nas últimas palavras de Varvara Semenovna. Elas intrigavam-me e indignavam-me ao mesmo tempo. Não conseguia de forma alguma aceitar que o meu salário, que eu achava merecer plenamente, fosse na verdade «excessos». Será que uma pessoa deve trabalhar apenas por um pedaço de pão? O que resultaria disso?

Quando surgiu uma oportunidade para conversar, expus tudo isto a Varvara Semenovna.

Ela riu-se:

– Minha menina, entendeste-me de forma muito limitada. Não se trata de viver com dificuldade. Embora o apóstolo Paulo, por exemplo, trabalhasse exatamente assim. Fazia tendas e não cobrava mais do que o necessário para viver. Mas eu falava da atitude correta em relação ao dinheiro. Porque é que uma pessoa sente pena dos excessos? Porque é aquela gordura agradável que, como todos esperam, a «aquecerá» no tempo frio, ou seja, sem dinheiro. Mas assim pensam aqueles que não conhecem uma lei universal:

A mão do que dá nunca empobrece!

Quando dás a riqueza em necessidades verdadeiras, ou seja, partilhas com os necessitados, ela aumenta, porque vem de Deus. Dar é o único

modo de adquirir riqueza justa. A riqueza justa pode incluir luxo e até alguns prazeres, sobretudo espirituais. Só não inclui deleites, porque o deleite mata a alma, enquanto a riqueza justa a revive. Lembras-te das palavras: «É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus»? Mas isso não é dito porque toda a riqueza é pecado. O pecado está em usar a riqueza para atos injustos. Infelizmente, é exatamente para esses atos que as pessoas usam a sua riqueza, embora não se deem conta disso – porque desaprenderam a distinguir o bem do mal. Raros são os que gastam os seus excessos em atos justos.

– E que atos são justos? – perguntei.

– Primeiro responde tu: para que precisas de riqueza? – e Varvara Semenovna olhou-me interrogativamente.

Pensei.

– Bem… em primeiro lugar, comer bem. Produtos frescos todos os dias. Carne fresca, marisco, frutas, legumes… doces variados – não gordurosos e sem conservantes… enfim, que seja saudável e saboroso. Essa comida custa caro. E vestir-me melhor. Comprar um carro… Para que ninguém me possa ofender, e se ofender, que tenha dinheiro para ir a tribunal. Porque quase destruíram a nossa casa? Porque ninguém tinha dinheiro para ir a tribunais, contratar advogados. Graças a Deus, e obrigada a Vanga, tudo se resolveu bem. Mas se eu tivesse dinheiro, por exemplo, mostrava àquela empresa de construção!

Varvara Semenovna riu-se. Olhei para ela ofendida.

– Não te ofendas – disse ela –, é que respondeste exatamente como devias responder.

Essas palavras ofenderam-me ainda mais. Ao notar isso, pegou-me na mão e, olhando-me nos olhos, disse:

– Sabes como São Tikhon de Zadonsk responde a esta pergunta? Quase exatamente como tu:

...

Porque te parece preciosa a riqueza, ó homem? Claro, pelo prazer que obténs das refeições? Das roupas magníficas e das carruagens confortáveis?

Porque podes vingar-te dos que te ofendem e ser temido por eles? Não consegues imaginar outras razões além do prazer, da lisonja, do medo e da vingança…

– Vês? – continuou a mentora. – Tudo muito padrão. Comida, roupa, carro, vingança dos ofensores. E isso, minha querida, são precisamente atos injustos. É nisso que a maioria das pessoas gasta o dinheiro.

– Porque injustos? – indignou-me. – São coisas normais da vida…

– Porque – disse a mentora com severidade – tudo isso é prazer, que conduz o homem à perdição. Comida saborosa, trapos brilhantes… Há muito que falámos sobre o culto do consumo?

– E restaurar a justiça através do tribunal? Isso também é um ato injusto?

– Se for apenas com dinheiro – sim. Porque não será uma batalha entre o bem e o mal, mas uma batalha de carteiras. Quem tiver a mais grossa, ganha. Hoje ganhas o tribunal, amanhã decides: já que tens dinheiro, podes não só restaurar a justiça, mas também cometer injustiça! Muitos caem nessa armadilha. Já a riqueza justa dá asas à alma, eleva-a do pó, enche a existência humana de novo sentido e, no fim, torna-a feliz. Vais perceber porquê agora.

E Varvara Semenovna contou-me uma história que conhecia nos mínimos detalhes: afinal, aconteceu com o filho dela.

Como um empresário sem sucesso se tornou milionário. História de Nikolai

Nikolai sonhava desde criança ser empresário. Até sabia no que se iria dedicar: abriria a sua própria oficina de montagem de móveis por encomenda. Depois da escola, entrou num instituto técnico, mas não se apressou a ir para a universidade. Foi trabalhar numa fábrica como aprendiz de carpinteiro. Aprendeu todos os segredos do ofício e só depois começou a pensar no ensino superior. Obteve o diploma de gestor, elaborou um plano de negócios, pediu um crédito e abriu uma pequena oficina de móveis.

No início, o negócio correu como sobre rodas. Apareceu dinheiro, sentiu-se uma pessoa rica. Comprou um apartamento próprio (há muito que ele e a mulher sonhavam com isso: Varvara Semenovna era uma excelente

sogra, mas os jovens vivem melhor separados). Comprou um carro importado – não luxuoso, apenas para começar. Comprou à mulher um casaco de pele de guaxinim. Foram descansar para a Turquia. E então a empresa começou a definhar. Concorrentes cada vez mais, encomendas cada vez menos. Sem rendimentos, só prejuízos. Teve de fechar a empresa. Nikolai começou a pensar no que fazer a seguir.

Percebeu: precisava de crescer. Pediu novo crédito, abriu nova oficina, já com o dobro do tamanho anterior. E novamente tudo correu bem! Pagou rapidamente o crédito, trocou o apartamento de dois quartos por um de quatro, vendeu o carro importado antigo, comprou um novo; a mulher deu o casaco de guaxinim à mãe, vestiu-se de raposa-polar. Foram descansar para as Canárias.

Mas ao fim de meio ano, os lucros começaram a cair e depois desapareceram completamente; a empresa entrou em prejuízo, teve novamente de fechar a produção deficitária. No entanto, Nikolai era persistente. Vendeu o carro, hipotecou o apartamento, pediu crédito e criou nova empresa – já não uma empresa, mas uma fábrica. Investiu em publicidade, contratou trabalhadores qualificados, ocupou-se pessoalmente do marketing, comunicava diretamente com os clientes. E novamente sucesso!

Falaram dele no mercado de móveis, entrou no top 10 dos líderes, até escreveram artigos sobre ele. Parecia que tinha ocupado o seu nicho de forma inabalável, ninguém o derrubaria. Comprou um terreno nos arredores, começou a construir uma casa de campo. Tinha agora dois carros: um pessoal, outro de representação, com motorista. A mulher tinha um carro desportivo importado.

Descansavam cada vez mais na Europa: os resorts baratos já não eram adequados ao estatuto. E de repente – uma inspeção fiscal. No início, Nikolai não se preocupou: sempre tivera a contabilidade em ordem. Apenas se estranhou por não ser na altura certa. Mas aí veio o golpe: o subdiretor, juntamente com o contabilista-chefe, faziam negócios às suas costas – roubo, contabilidade dupla… Não chegou a tribunal, mas pagou multas tais que teve de vender a fábrica. Ficou-lhe apenas a oficina de carpintaria e um pouco de madeira no armazém. Desta terceira falência, e tão grande, Nikolai desanimou. Sem dinheiro, sem trabalho e, no fundo, sem onde

viver: a casa de campo não estava concluída e não havia com que concluí-la.

Voltaram ele e a mulher a viver com Varvara Semenovna. A mulher trabalha, e Nikolai fica em casa, não quer arranjar emprego, apenas se queixa à mãe da vida. «Não há sentido em nada – diz –, nem neste negócio, nem no dinheiro grande, nem na própria vida.» Varvara Semenovna ouvia, ouvia, e disse: «E antes, meu filho, qual era para ti o sentido? Nos casacos de pele e nas casas de campo? Para quê tudo isto? Quando responderes a esta pergunta, vais entender o que é o quê.» Mas o filho não a entendeu na altura. E um dia foi aos arredores ver a casa de campo inacabada: estava sem vigilante, qualquer um podia entrar e levar o que quisesse. Ia pela autoestrada, vê um homem a pedir boleia.

O rosto parecia-lhe familiar… Parou, olhou melhor: era o colega de escola, Vítia! No caminho, conversaram e soube que Viktor era diretor de um lar de crianças; e esse lar ficava na mesma aldeia onde Nikolai tinha a casa de campo. «Tudo bem – contava Viktor –, os funcionários são bons, não vivemos luxuosamente, claro, mas também não passamos fome. Há só um problema. Decidimos abrir uma escola dominical junto à igreja da aldeia, encontrámos o espaço, fizemos a reparação, mas mobília – não há. E dinheiro para isso também não.

Não podemos trazer mesas e cadeiras do lar: são propriedade do Estado e já estão velhas… Fui à cidade procurar patrocinadores, mas ninguém quer gastar dinheiro.» Nikolai ouviu-o e disse: «Com dinheiro não posso ajudar, estou a viver à custa da minha mulher, mas com mobília posso ajudar-vos, tenho materiais, corto as tábuas na minha oficina e trago-tas. Juntos montamos as mesas e cadeiras.» E assim fizeram.

A madeira, embora fosse pouca, chegou para mobilar toda a escola e ainda para portas novas. Para a inauguração da escola, convidaram Nikolai como hóspede de honra. E embora tudo tenha decorrido de forma modesta: o padre consagrou a escola e beberam chá com bolo, Nikolai sentiu-se tão bem depois disso, como se uma luz se tivesse acendido na sua alma. Decidiu reativar o seu negócio, mas já não nas escalas anteriores.

Registou uma nova empresa, contratou apenas um trabalhador e começaram a fazer móveis peça a peça, entregando-os às lojas para venda em consignação. Para que comprassem, baixavam o preço. Agora, Nikolai

já não contava com enormes rendimentos. Não vivia à custa da mulher, e por isso dava graças. Quando surgiu o primeiro lucro, Nikolai decidiu levar as crianças do lar numa excursão ao Hermitage. «De qualquer modo – pensava –, o dinheiro escorre-nos por entre os dedos. Assim, pelo menos, há benefício para as crianças.» Levou-as; a mulher ajudou-o – era guia turística. Lembraram-se dessa viagem durante muito tempo: trouxeram tanta alegria às crianças! E o negócio, estranhamente, começou a expandir-se: as lojas pediam cada vez mais. A qualidade era excelente e o preço muito acessível, por isso as pessoas começaram a comprar. Nikolai contratou mais dois mestres e, um mês depois, já trabalhavam vinte pessoas para ele.

O lucro cresce, mas Nikolai nem pensa no seu cottage. Com esse dinheiro, reparou o lar de crianças e, na sua oficina de marcenaria fina, esculpiu um iconóstase para a igreja rural. E o estranho é que, quanto mais dinheiro investia em caridade, mais rendimentos o seu negócio gerava. Em breve, já tinha uma fábrica completa. E, um ano depois, ele e a mulher criaram um fundo de peregrinação e começaram a levar crianças de lares por lugares santos; só que agora tinham sob tutela várias dezenas de lares, quase de toda a região. Venderam o cottage inacabado, compraram uma casa na aldeia: para dois, não precisam de muito.

Varvara Semenovna agora vê-os raramente: não têm tempo, estão sempre ocupados com assuntos e cuidados. Um dia, queixou-se: «Deviam ter filhos, para eu poder mimar netos.» O filho respondeu-lhe: «Tens milhares de netos, mãe. Para mim, estas crianças dos lares são todas como família.» E quanto à riqueza, Nikolai diz assim: «Não é preciso acumular milhões, mas gastá-los. De que serve ficarem a apanhar pó nos bancos? Que sirvam para algo, para nossa alegria, para benefício dos outros. Vilas, iates, diamantes – tudo aparecerá num instante, se quisermos. Mas por enquanto não queremos: ajudar os outros é mais interessante.»

A riqueza deve trabalhar para as pessoas

A história contada por Varvara Semenovna deixou-me simplesmente atónita. O facto é que eu conhecia pessoalmente o filho dela. Pelo aspeto dele, pela maneira de se relacionar com as pessoas, nunca adivinharia que tinha milhões à sua disposição… Era o menos parecido com aqueles ricos com quem, pela natureza do meu trabalho, me cruzava com bastante frequência. Uma pessoa normal, trabalhador… Disse-me que trabalhava

como carpinteiro, e eu pensei mesmo que era carpinteiro… E afinal era milionário.

Antes disso, quando lia ou ouvia que algum milionário transferia uma grande soma para um lar de crianças ou para a construção de um hospital, isso não me surpreendia nada. Ele é milionário, tem muito dinheiro! É fácil dar quando se tem excesso em tudo e sempre. Além disso, esses milionários, ao falarem da sua caridade, fazem publicidade gratuita a si mesmos. Mas Nikolai nem a mim contou o que fazia. Surgiu-me uma ideia – e, um mês depois da nossa conversa, partilhei-a com a minha mentora:

– Varvara Semenovna, e se escrevêssemos um artigo sobre o Kolya!

– Estás louca! – assustou-se ela. – De maneira nenhuma!

– Porquê? – surpreendi-me. – Ele faz mais pelos outros do que todos esses oligarcas vaidosos que exaltam a sua própria caridade aos céus.

– E sabes por que a exaltam? – perguntou Varvara Semenovna.

– Bem… para publicidade, novamente, e baixam-lhes os impostos por isso…

– Não, a razão principal não é essa. A opinião pública positiva é para eles uma espécie de compensação pelo dano moral.

– E que dano moral há na caridade? – espantei-me.

– Enorme. Porque, na verdade, é muito mais difícil para os milionários darem do que para pessoas de meios modestos. Quanto maior o pedaço, mais difícil é arrancá-lo de si. Percebes, Katyusha, a riqueza toma tanto conta da pessoa que se torna parte da sua personalidade. Porque é que Nikolai, quando os negócios lhe corriam brilhantemente, nem pensava em ajudar alguém? Porque considerava os seus rendimentos parte de si mesmo. Só começou a dar quando já era falido, e pela terceira vez. Depois percebeu: quanto mais dás, mais recebes.

– Interessante, como se pode considerar o dinheiro próprio parte de si? – pensei em voz alta.

– Muito facilmente. Porque, com a ajuda do dinheiro, do poder, da posição na sociedade (e, na essência, o poder e a posição medem-se pela quantidade de dinheiro ganho), a pessoa constrói a imagem de si mesma. Esquecendo-se de que foi criada não à imagem do dinheiro, mas à imagem

de Deus. É por isso que é tão difícil tirar algo de si e dar aos outros. A pessoa protege o seu precioso «eu» como pode. E o nosso ambiente cínico e mau só o apoia nisso, incentivando-o a proteger-se de todo o negativo.

– Pois é – sorri tristemente. – Agora, o slogan favorito da juventude é «Aproveita o positivo!».

– Exato – acenou Varvara Semenovna. – A pessoa «aproveita» esse positivo e constrói à sua volta uma alta muralha de indiferença, insensibilidade, egoísmo. Ao mesmo tempo, muitas pessoas consideram-se sinceramente pessoas sensíveis e com alma. Podem até chorar quando veem uma cena tocante no cinema. Mas passam calmamente por uma pessoa que teve um ataque cardíaco.

– Isso é-me familiar… – disse baixinho –, eu própria sou assim: sensível ao cinema, à música, e indiferente à dor alheia.

– Não só tu. Todos nós estamos rodeados por uma muralha de egoísmo. Essa muralha impede-nos de crescer espiritualmente. E uma grande riqueza só cabe numa grande alma! – afirmou convictamente Varvara Semenovna.

Olhei para ela com dúvida:

– Será que todos os milionários do mundo são pessoas de grande alma?

– Não, claro – respondeu tristemente a mentora. – Se assim fosse, essas pessoas não acumulariam, mas dariam. E nas notícias mundanas não se falaria da aquisição de novos iates e clubes de futebol, mas da construção de templos, hospitais, da compra de medicamentos para beneficiários e ajuda a pensionistas.

– Então porquê? Essas notícias aparecem de vez em quando. Na verdade, maioritariamente para criar uma certa imagem, ou pior – para encobrir rendimentos ilegais… Ou para compensação moral, como diz.

– Exato. E quanto a todos os donos de clubes de futebol, pensa tu mesma: serão eles ricos? Lembra-te das palavras de São Tikhon de Zadonsk que te li. Aquele a quem falta sempre algo (seja um iate ou um clube de futebol) não pode ser considerado uma pessoa rica. Aquele que «puxa tudo para si» numa sede constante de lucro é o mais autêntico pobre. Pode chamar-se rico a quem sente falta de algo? Só podemos ter pena dele.

Ele próprio trabalha para a sua riqueza e obriga as pessoas a fazê-lo. Mas devemos fazer o contrário: a riqueza deve trabalhar para as pessoas. Os verdadeiros ricos não gastam o seu dinheiro em caprichos, tentando assim saciar a fome espiritual. Os verdadeiros ricos doam os seus milhões para ajudar o próximo. Essas pessoas são poucas, mas existem, embora não escrevam sobre elas nos jornais.

– Como o vosso Nikolai.

– Como o meu Nikolai, sim – concordou Varvara Semenovna.

O bem deve ser feito em segredo

– Mas sabe, Varvara Semenovna – disse eu –, é mau que não escrevam nos jornais sobre pessoas como o Kolya. Porque as pessoas têm a impressão de que todos os ricos são egoístas sem coração, que consideram o sentido da vida a satisfação dos seus caprichos. As pessoas não veem exemplos de riqueza justa e, por isso, pensam que a riqueza só pode ser injusta.

– É verdade – acenou a mentora –, mas vês, Katyusha, há uma lei muito rigorosa. A esmola deve ser dada em segredo, caso contrário não será considerada um ato justo. Quando perguntavam a Vanga onde era melhor guardar o dinheiro, ela respondia: «Guardai-o em esconderijos cujo nome são boas ações. Desses esconderijos, nenhum ladrão vos roubará o dinheiro.» Vou contar-te uma parábola, embora digam que não é parábola, mas uma revelação de um dos santos padres.

...

Vivia um mercador que sempre dava esmola generosa e até construiu uma igreja com o seu dinheiro. Gostava muito de se gabar da sua generosidade e, em cada ocasião, sublinhava que, se alguém, ele com certeza iria para o paraíso, porque ajudara tanta gente. E então morreu. A sua alma voou e dirigiu-se aos portões do paraíso. Aos Portões, o mercador foi recebido pelo apóstolo Pedro, que anunciou que o seu lugar era no inferno. «Como assim? Porquê no inferno?» – espantou-se o rico. Pedro mostrou-lhe um livro grosso onde estavam inscritos todos os pecados do rico. Havia roubo, engano e muito mais. O mercador reconheceu: «Sim, tudo isso cometi, mas o meu ofício é de mercador: não enganas, não vives. Mas construí uma igreja e dava dinheiro aos pobres sem conta!» O apóstolo

perguntou-lhe quanto dera aos pobres e à igreja. O mercador disse logo a soma. Pedro acenou, desapareceu atrás dos portões do paraíso e, algum tempo depois, reapareceu. Trazia nas mãos um saquinho com ouro. «Toma – disse o apóstolo ao mercador –, o Senhor ordenou que te devolvessem o dinheiro, mas não te deixam entrar no paraíso.»

– Agora percebes que a riqueza não só deve ser gasta em ajuda ao próximo, mas fazê-lo em segredo?

– Sim – concordei –, mas mesmo assim, aprender a dar é muito mais difícil. Parece-me que, para a pessoa moderna, é uma ciência muito complexa. As pessoas não sabem dar.

– E sabes porquê? As pessoas não sabem dar porque não sabem compadecer-se. A caridade começa com a compaixão. Quando realmente te compadeces de uma pessoa, dás-lhe parte da tua alma. Porque dar não é só riquezas materiais, mas acima de tudo riquezas do coração. E isso é muito mais difícil do que dar dinheiro. É nisso que devemos aprender em primeiro lugar. Aprender a ouvir a pessoa, a impregnar-se da sua dor, dos seus problemas, das suas necessidades.

– Ai, Varvara Semenovna, isso não é só um enorme trabalho, mas uma enorme dor! Cada pessoa tem demasiada dor e problemas próprios, de onde tirar forças para os fardos alheios? – exclamei.

– Eu perguntei exatamente o mesmo a Vanga. E eis o que ela me respondeu: «O homem não tem forças. Só o Senhor dá força. Pede-Lhe isso.» Faz tu o mesmo: segue o conselho de Vanga: reza para que Deus te dê forças para te compadeceres das pessoas. Vou dar-te um íconezinho especial…

Varvara Semenovna foi ao seu quarto e, momentos depois, trouxe-me um pequeno ícone da Mãe de Deus.

– É a Mãe de Deus «Suavização dos Corações Endurecidos», ou «Sete Flechas». Reza diante dela – e o coração amolecerá. E aqui, no verso do ícone, está escrita a oração.

Oração à Santíssima Mãe de Deus diante do Seu ícone chamado «Suavização dos Corações Endurecidos», ou «Sete Flechas»

Ó Mãe de Deus multissofredora, Mais Alta que todas as filhas da terra, pela Tua pureza e pela multidão de sofrimentos que suportaste na

terra, aceita os nossos suspiros cheios de dor e guarda-nos sob o manto da Tua misericórdia. Pois não conhecemos outro refúgio nem intercessão quente senão Ti, mas, tendo ousadia para com Aquele que de Ti nasceu, ajuda-nos e salva-nos com as Tuas orações, para que alcancemos sem tropeços o Reino dos Céus, onde com todos os santos cantaremos à Trindade o único Deus agora e sempre e por todos os séculos dos séculos. Ámen.

– E mais – continuou Varvara Semenovna –, precisas de comunicar o mais possível com pessoas que estão em situação muito pior do que a tua (não só material). E comunicar não de forma distante, mas com interesse.

– Ai… – confundi-me. – E como começo a comunicar? Nem sei…

– Será que no teu círculo não há pessoas infelizes, sofredoras? Encontraste na escadaria uma vizinha idosa e solitária: para, não passes ao lado. Fala com ela pelo menos cinco minutos – mas nesses cinco minutos, dá-lhe toda a tua atenção. Se, Deus não o permita, alguém da família ou amigos adoecer, vai ao hospital, mas não transformes a visita numa «visita de cortesia». Assim, pouco a pouco, o coração começará a descongelar e passarás a ver as necessidades do outro, as «necessidades verdadeiras». E quando essa visão chegar, compreenderás de que forma podes ajudar essas pessoas. A umas com dinheiro, a outras com ações, a outras com uma palavra boa. Mas acima de tudo, ajuda-as com a tua não indiferença, e essa será a maior ajuda. É tudo simples, só tens de começar.

– Simples é simples – disse pensativamente –, mas tão difícil. Afinal, todos nós somos ensinados a ser egoístas, a pensar só em nós, a contar só connosco e a acreditar só em nós.

– Acreditar só em si mesmo é acreditar no diabo. Assim dizia Vanga. Devemos acreditar só em Deus e contar só com Ele – concluiu Varvara Semenovna a nossa conversa. – E essa é a seguinte, a quinta etapa para a riqueza.

Etapa quinta: entregar-se à vontade de Deus

Deus é poderoso para vos enriquecer com toda a graça, para que, tendo sempre em tudo plena suficiência, sejais ricos para toda a boa obra.

Apóstolo Paulo

Para dominar as quatro primeiras etapas, levei um ano inteiro. Como toda a pessoa a quem foi revelado o ensino de Vanga sobre a riqueza, não as passei uma a uma. Já se disse que cada etapa é uma certa regra moral, mas não atua sozinha. Por isso, tive de compreender as quatro primeiras etapas ao mesmo tempo. Devo dizer que, nesse ano, a minha vida melhorou realmente. Não só no bem-estar material. Todos os aspetos mais importantes da vida humana – saúde, relações com os outros, carreira, bem-estar espiritual – harmonizaram-se, chegaram àquele estado em que a pessoa se sente verdadeiramente livre. Sentia que encontrara o meu Caminho e que alguém me guiava por ele… E quando seguia voluntariamente essa Mão guiadora, tudo na vida se compunha como devia. Mas bastava desviar-me de uma das etapas para tudo ruir. Partilhei essa sensação com Varvara Semenovna.

– Para tudo é preciso esforço, nada na vida se dá de graça – conclui.

– Nada, exceto a graça de Deus – respondeu a mentora, depois de me ouvir. – A riqueza também é sinal dessa graça. Claro, refiro-me à riqueza justa.

– E diga-me, Varvara Semenovna, porque é que essa riqueza não é dada a todos os justos? Afinal, tantos justos acabaram a vida na pobreza.

– Porque, como qualquer dom, a graça é dada apenas pela vontade do doador. Tanto a pobreza como a riqueza – tudo depende da vontade de Deus. O conhecimento da vontade de Deus é a quinta etapa do caminho de Vanga para a riqueza. Eis o que ela disse sobre isso:

...

Cuida apenas de conhecer a vontade de Deus. O conhecimento é dado ao que confia. Vai e encontra.

– Ora essa, que beleza! – espantei-me. – Como conhecer a vontade de Deus? «Vai e encontra» – mas para onde ir?

– E chegou o momento de nós as duas esclarecermos isso – sorriu Varvara Semenovna. – Já pelas palavras de Vanga vês que a quinta etapa (aliás, como a quarta) prescreve ação. Mas essa ação não é externa, é interna. Porque não há ação externa que leve a pessoa ao conhecimento da vontade de Deus.

– E que ação interna é preciso realizar para a conhecer?

– Também está dito: «O conhecimento é dado ao que confia». Deus revela a Sua vontade àquele que Nele confia. Para passar a quinta etapa, é preciso aprender a confiar em Deus.

Essas palavras deixaram-me perplexa. Vendo isso, Varvara Semenovna disse carinhosamente:

– Acredita, na prática não é tão complicado como parece. Já passaste quatro etapas tão difíceis! Lembra-te do trabalho que te custou aprender a renunciar ao luxo! E a dar a tua riqueza aos outros!

– Bem, isso até foi fácil – suspirei. – Aprender a dar pode qualquer pessoa. Até a mais avarenta e mesquinha. Em certas circunstâncias, claro.

– Não digas isso – abanou a cabeça a mentora. – Isso está ao alcance de poucos. Partilhar com o próximo é impedido pelo medo. Pensam: dou hoje o excesso, amanhã vem a desgraça e não tenho com que viver.

No dia negro, o dinheiro não ajuda!

– Pois, é verdade – acenei –, é preciso ter dinheiro para o dia negro.

– É uma visão muito ingénua – sorriu tristemente Varvara Semenovna. – Para que dia negro? A qualquer momento, na vida de cada pessoa pode cair uma desgraça tal que nenhum dinheiro ajuda. Os nossos compatriotas deviam saber isso melhor do que ninguém! Lembra-te tu própria de quantas vezes o dinheiro foi desvalorizado. Ricos tornavam-se pobres num instante.

Pergunta-se: valia a pena acumular durante décadas para que, um dia, essas poupanças se transformassem em papelinhos? E muitos não suportaram esse golpe do destino. Uns morreram de tensão nervosa, outros tiraram voluntariamente a vida. Será que o preço da vida humana é um monte de papelinhos? E qualquer dinheiro pode ser desvalorizado, até o mais sólido e livremente conversível.

– Bem, a riqueza não é só dinheiro – objetei. – As pessoas investem em títulos, em ouro, em produtos, enfim.

– Tudo isso pode virar pó! Vou contar-te um caso verídico.

Num mosteiro, segundo o estatuto do fundador da sua abadia, havia o costume, na Quinta-Feira Santa, de distribuir aos pobres, viúvas e órfãos que lá chegavam uma medida conhecida de trigo, vinho e mel, e cinco moedas de cobre. Mas um ano, nas redondezas do mosteiro, houve uma má colheita e o pão passou a ser vendido a preço elevado. Chegou a Quaresma e os irmãos disseram ao hegúmeno: «Pai, este ano não distribua o trigo, porque temos pouco; teremos de comprá-lo caro e o nosso mosteiro empobrecerá.» O hegúmeno respondeu: «Porque havemos de abandonar a bênção do nosso pai? Ele cuidará do nosso sustento, e a nós não nos fica bem transgredir o seu mandamento.» Os monges, porém, não desistiam de insistir e diziam: «A nós próprios falta; não daremos!» O hegúmeno, entristecido, vendo que as suas exortações de nada valiam, disse: «Bem, façam como entenderem.»

Chegou o dia da distribuição e os pobres foram-se embora de mãos vazias. Mas o que aconteceu? Quando, depois disso, um monge entrou no celeiro, viu, horrorizado, que todo o trigo tinha mofo e se estragara. Todos souberam disso. E o hegúmeno disse: «Quem transgride os mandamentos do superior é castigado. Antes distribuíamos quinhentas medidas de trigo e agora perdemos cinco mil medidas e cometemos duplo mal: transgredimos o mandamento do nosso pai e depositámos a esperança não em Deus, mas nos nossos celeiros.»

– O mesmo acontece com o ouro e, ainda mais, com os títulos – continuou Varvara Semenovna.

– Tem razão, talvez – concordei. – Há pouco tempo, publicámos uma série de artigos sobre empresários que se suicidaram por terem perdido tudo. E afinal não tinham só dinheiro; tinham ouro e ações.

– Pobres, fracos – suspirou Varvara Semenovna. – A perda de bens materiais é o menor dos males que pode atingir uma pessoa. Acontecem coisas muito mais terríveis e é delas que devemos lembrar-nos em primeiro lugar. Lembra-te do Evangelho:

...

Um homem rico teve uma boa colheita no seu campo; e refletia consigo mesmo: que hei de fazer? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: farei isto: deitarei abaixo os meus celeiros, construirei outros maiores e ali recolherei todo o meu trigo e os meus bens; e direi à minha

alma: alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos; descansa, come, bebe, regozija-te. Mas Deus disse-lhe: insensato! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que preparaste, para quem será? Assim é aquele que acumula tesouros para si mesmo e não é rico para com Deus.

– Pois é… O dinheiro não é aquela «palhinha» que se pode estender por todos os lados do caminho da vida – disse eu, pensativa.

– Vês, e tu compreendes isso. Todos nós podemos cair – a qualquer momento. E para nos levantar, não é preciso dinheiro.

É preciso alguém que se compadeça de nós e esteja sempre pronto a ajudar. E esse Alguém nós temos.

– Deus? – perguntei.

– Claro! Entregando a nossa vida à Sua vontade, protegemo-nos de qualquer desgraça com a proteção mais segura e universal que pode existir. Vanga gostava de repetir as palavras do Evangelho: «Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados; porque haveis de saber o futuro? Orai para conhecer a vontade de Deus.» E toda a vida dela é a melhor confirmação dessas palavras.

– Conte-me… – pedi.

Na tudo a vontade de Deus. História de Vanga

Até aos doze anos, Vanga cresceu como todas as crianças normais. Um dia, quando estava no campo, surgiu um tornado que levantou e levou a menina de doze anos a dois quilómetros de casa. Horas depois, encontraram Vanga coberta de terra. Estava viva, mas os olhos estavam completamente tapados de lama. Desde então, nunca mais viu nada. Aos vinte e oito anos, Vanga adoeceu gravemente – pleurisia. Essa doença ainda hoje é difícil de tratar e, naquela época, tal diagnóstico significava morte certa. Mas Vanga, após perder a visão física, ganhou visão espiritual e sabia: se o Senhor quiser, Ele curá-la-á. Rezou e, para espanto dos médicos, não só sobreviveu como recuperou rapidamente.

Apesar de Vanga usar o seu dom com muita cautela e tentar escondê-lo das pessoas, souberam dela não só na Bulgária, mas também além-fronteiras. E isso apesar de ela pedir a cada um que recorria à sua ajuda que não contasse a ninguém sobre o seu dom extraordinário. Mesmo assim, a fama espalhou-se por toda a Bulgária. As pessoas vinham ter com ela dia e

noite. Mas Vanga não se queixava, não ralava, não mandava ninguém embora. E porquê? Porque sabia: tudo é vontade de Deus.

Se Deus assim decidira, então ela devia ajudar as pessoas. E o interessante é que Vanga fazia muitas previsões, mas nunca predizia a morte. «Isso é assunto de Deus – dizia ela. – Se Deus quiser, até o moribundo se levanta. Se não quiser, pode matar até uma pequena farpa.» Quanto à riqueza, ela própria nunca aceitava dinheiro dos visitantes. O que as pessoas lhe deixavam, distribuía-o pelos pobres. Muitos censuravam-na por não se ter oposto quando o Estado decidiu enriquecer à custa das suas capacidades e estabeleceu uma taxa para as consultas. «A César o que é de César» – foi só o que disse Vanga.

Depois, o regime estatal mudou e a taxa foi abolida. Mas veio uma nova desgraça: à volta de Vanga começaram a circular dezenas de charlatães e vigaristas que queriam enriquecer à custa da sua fama. E ela não só os tolerava – tratava-os com paz e carinho, como a qualquer outra pessoa. Sempre esperava que eles, vendo a sua atitude humilde, se arrependessem e se tornassem diferentes. E muitos realmente mudavam! Embora, infelizmente, nem todos… Quanto à sua doença mortal, Vanga soube dela muito antes do fim. Será que ela, a quem fora dado curar os doentes mais graves, não poderia ter combatido a doença no início? Penso que poderia.

Mas não o fez – porque confiava em Deus e entregava-se completamente à Sua vontade. E assim morreu. Toda a vida não se preocupou especialmente com nada, apenas cumpria aquilo a que fora chamada. E por isso Deus presenteou-a com outro dom. Já não está entre os vivos, mas continua a ajudar as pessoas. Quando uma pessoa confia em Deus, Deus guia-a e tudo o que lhe acontece serve para seu benefício.

Não se pode servir a Deus e a Mammona

– Então, confiar em Deus significa contar com Ele sempre e ver a Sua vontade em todos os acontecimentos da vida? – perguntei.

– Exato! – exclamou a mentora, alegre. – E então nem será preciso fazer nada. Tudo virá por si!

– E é interessante – pensei em voz alta –, porque é que muitas pessoas dizem: «Eu creio em Deus», mas não confiam Nele? Vê-se isso porque

tentam assegurar o futuro apenas com as suas forças. Acumulam dinheiro, tramam intrigas, fazem contactos úteis, constroem carreiras na esperança de ocupar um lugar tão sólido ao sol que nenhuma tempestade os expulse… Mas isso é simplesmente ridículo! Não existe tal lugar onde a pessoa se possa abrigar da morte. Não existe dinheiro com que se possa comprar dela. Não existem contactos influentes que possam convencer a morte a esperar um pouco. Não existe poder que possa ordenar à morte que recue.

– Esse poder existe – disse Varvara Semenovna. – E é o poder de Deus. Só Deus é todo-poderoso a ponto de afastar de uma pessoa o golpe mais terrível. É bem sabido: uma oração fervorosa chega do fundo do mar, arranca das garras da morte. Deus tudo pode. Por isso, crer e confiar só Nele se deve. E não servir ao mesmo tempo a Deus e a Mammona. Ou seja, crer em Deus de certa forma, até ir à igreja – mas contar apenas consigo e com o seu dinheiro. Esse caminho leva à perdição.

Um passo ao encontro de Deus

– Mas sabe, Varvara Semenovna, muitas pessoas não confiam em Deus não porque contem apenas com o seu dinheiro. Pode ser que nem dinheiro tenham. Simplesmente… têm medo de Deus! Veem-No como uma força terrível capaz de as castigar a qualquer momento.

– Sim – disse a mentora, triste –, infelizmente, é verdade. As pessoas muitas vezes creem em Deus, mas em que Deus? Num Deus de medo e castigo, num Deus que só aceita a pessoa se ela for obediente e aspirar à perfeição. Muitos pensam que Deus as vigia e leva conta de todos os seus pecados para, no fim, apresentar-lhes a fatura e exigir resposta.

– É exatamente disso que falo! Crendo num Deus assim, é muito difícil confiar Nele!

– Pois, mas nós sabemos que, felizmente, esse deus de medo é apenas fruto da imaginação doente do homem. «Deus tem misericórdia de cada um» – aliás, palavras de Vanga. Se a pessoa se vira para Deus e Lhe abre o coração, Deus está pronto a dar-lhe o mundo inteiro. Como disse o apóstolo Paulo: «O homem dá um passo ao encontro de Deus e Deus dá dez passos ao encontro do homem.» Por isso, é extremamente importante abrir o coração e dar esse primeiro passo ao encontro de Deus.

Deus tem as Suas razões para tudo

– Parece-me que as pessoas não confiam em Deus também porque Ele não Se apressa a cumprir o que Lhe pedem. Dizem: «Pedi a Deus isto ou aquilo – mas Ele não me ouviu. Como posso crer Nele?»

– Sim, sim, exatamente como uma criança pequena que não recebeu do Pai Natal o comboio, o carro, a bola e um monte de presentes que «encomendou» na sua carta de Ano Novo – acenou Varvara Semenovna. – É fácil queixar-se de Deus; mas é melhor pensar nisto. As pessoas quase sempre dizem a Deus qual deve ser a Sua vontade. Mas raros são os que Lhe perguntam qual é realmente.

Se Deus fosse uma máquina de realizar desejos, não seria preciso crer Nele. Ninguém crê numa máquina: controla-se. Só se pode crer num ser vivo que possui vontade livre. Confiamos nos nossos amigos na esperança de que não nos traem. Mas compreendemos que são pessoas e tudo pode acontecer nesta vida.

Acontece que os amigos nos desiludem, mas nem sempre é por má vontade. Pode haver razões objetivas. Pois também Deus tem as Suas razões para nos dar o que pedimos ou não dar. Quando pedimos ajuda, ela vem sempre, mas nem sempre na forma que pedimos. Aqui, quero novamente dar o exemplo de Vanga. Quando ficou cega, pediu ao Senhor que voltasse a ver. E o Senhor ouviu a sua oração! E deu-lhe visão espiritual, que, claro, é muito superior a qualquer visão física.

Mas será que Vanga se queixou de que Deus não lhe curara os olhos físicos, mas abrira os olhos espirituais? Assim deve fazer qualquer pessoa. Aprender a confiar em Deus pode-se da mesma forma que se aprende a confiar numa pessoa. Confiamos apenas em quem conhecemos bem. E para conhecer bem uma pessoa, é preciso comunicar com ela. Assim também com Deus é preciso comunicar, e acima de tudo através da oração. Na oração, deve pedir-se a Deus que nos dê o conhecimento da Sua vontade.

– Rezar com as próprias palavras, ou existe também uma oração especial? – perguntei.

– Pode ser com as próprias palavras, ou pode ser uma oração… – a voz de Varvara Semenovna tornou-se baixa e séria –, se existe tal oração, não sei. Mas numa das visões, Vanga indicou-me o livro dos salmos de

João Crisóstomo e pronunciou duas palavras: «Vontade de Deus». Entendi essa indicação como devendo procurar nele todas as passagens relacionadas com a vontade de Deus. Copiei essas passagens e formou-se uma única oração que antes estava como que dissolvida em todos os salmos… Mal fiz isso, Vanga veio ter comigo novamente e disse: «Aqui está a oração que ajudará a conhecer a vontade do Criador.»

Oração para conhecer a vontade de Deus de São João Crisóstomo

Em Ti tudo é para nós, Senhor. És nosso pela vontade do Teu Pai; és nosso também pela Tua vontade. Contigo estamos – Emanuel! Contigo estás, como nosso Senhor. Pela Tua vontade Te uniste a nós; sê intercessor da nossa oração. Eleva-a ao Teu Pai e firma a paz nas nossas almas. Salva-me, Senhor longânimo! Salva-me, Filho de Deus, Cristo sem pecado! E dá-me o pensamento da vida eterna, para que, nada tendo no coração além desse pensamento, cumpra sempre a Tua vontade, com a Tua graça que me assiste, a mim pecador, e ande voluntariamente nos Teus mandamentos, usando com proveito o talento que Tu mesmo me deste, Rei Celestial – e, tendo feito bom comércio com ele, mereça louvor de Ti, Senhor; e, quando vieres, Senhor, diga com ousadia de coração puro: bem-aventurado sou porque vieste, Senhor!

Alma minha! Ergue os olhos ao céu, quando ele, como espelho puro, ilumina a terra com glória das estrelas e, em admiração, diz: se as estrelas brilham com tal glória, quanto mais os justos e santos, que cumpriram a vontade do Santo Deus, na hora em que o Senhor vier, brilharão com luz inexprimível da glória salvífica. Grande é o temor naquele dia do Juízo, quando cada um prestará contas das suas obras, dos pensamentos e até dos movimentos dos olhos. Justifica-me então, meu Juiz; pois, embora culpado, tenho vontade de me arrepender.

A minha vontade recusa seguir a Tua vontade. Tu mesmo submete-me à Tua vontade, para que assim obtenha salvação e glorifique a Tua vontade, que se compraz nos arrependidos. A alma, antes cativa da vontade do inimigo, torna-se rede inimiga para outras almas, cobrindo com aparente deleite a amargura do pecado. Tu, Jesus, que resgataste todos com o Teu sangue e com a Tua morte ataste o forte, tira de mim os laços do maligno, quebra as cadeias e grilhões dele.

Proíbe-lhe que se afaste de mim, pobre, e não cumpra em mim a sua vontade. Harmoniza a minha vontade com a Tua vontade, Senhor, que com a Tua misericórdia apagas os meus pecados. Virgem, Senhora Mãe de Deus, que carregaste no ventre Cristo Salvador e Deus nosso, em Ti deposito toda a esperança, em Ti confio, mais alta que todas as forças celestiais. Tu, Puríssima, guarda-me com as Tuas orações todo-poderosas. Dirige a minha vida e guia-me segundo a santa vontade do Teu Filho e Deus nosso. Dá-me, Filho do Todo-Bondoso, aquilo a que aspiram os meus pensamentos, e acrescenta ainda o que for agradável à Tua vontade.

Senhor, dá-me a vontade de fazer o bem e não me desviar em nada da Tua vontade. Sei que pequei contra a Tua vontade; vejo claramente que transgredi o Teu mandamento. Mas Tu, que fazes brilhar o Teu sol sobre maus e bons, faz que a Tua luz brilhe também na minha mente obscurecida. Com essa Tua luz sejam expulsos os pecados – esses assassinos e ladrões que se instalaram nas minhas entranhas.

O maligno não vê em mim mal que não venha dele; pois dele me tornei mau; contudo, fui vencido por ele pela minha própria vontade; o maligno enredou-me porque eu próprio lho ensinei. Às vezes chego a odiar o pecado e sinto repulsa pela iniquidade; mas continuo escravizado pela paixão; ela possui-me, a mim infeliz, e com deleite pecaminoso arrasta-me contra a vontade para o pecado. A paixão comprou a minha vontade e derrama sobre mim o pecado. Fervem em mim as paixões contra a razão: misturaram-se com a carne e não suportam a separação. A vontade maligna introduz-me no pecado; mas quando peco, culpo Satanás. Mas ai de mim! Porque eu próprio sou a causa dos meus pecados. O maligno não me força a pecar à força; peco pela minha vontade. Admiro a nossa livre vontade: é forte – e contudo vencida; é soberana – e tornou-se escrava; tem poder de vencer – e gosta de ceder a vitória; embora livre, contudo entrega-se voluntariamente à escravidão, como escrava, e com a própria mão escreve o consentimento para a sua servidão. Bendito Aquele cuja própria boa vontade O levou ao ventre e ao seio materno, ao nascimento e ao crescimento! Bendito Aquele que, tornando-Se participante da morte, deu assim vida à humanidade. Dando perdão, Senhor, dá também força; converte-me de tal modo que viva em reverência, segundo a Tua santa vontade.

Comoveram-se as Suas naturais bondades e Ele concebeu e gerou a criação; como criança do ventre materno, brotou da Sua vontade o mundo. Vinde todos juntos, prosternemo-nos diante Dele, choremos diante do Senhor que nos criou e digamos: que pode dar-Te o género pecador, ó Deus incompreensível, bom e misericordioso? Tu, que iluminaste todo o universo com a graça, ilumina também os olhos do nosso coração, para que Te amemos, Senhor, e com amor cumpramos sempre a Tua santa vontade. Tem misericórdia de mim, Filho de Deus longânimo e Cristo sem pecado! Dá-me, meu Salvador, o pensamento da vida futura, para que cumpra a Tua vontade. Ámen.

Etapa sexta: conhecer o próprio destino

O dia foi pesado. Tive de ir a negociações com o dono de uma grande empresa que produz álcool e água mineral. Tratava-se de um projeto de caridade conjunto. Dessa reunião ficou-me uma impressão penosa. Só me restava alegrar-me por ser sexta-feira e ter dois dias de descanso pela frente. Varvara Semenovna convidou-me para passar todos os fins de semana em casa dela. Queria ir ter com ela no sábado de manhã, mas, mal entrei em casa, tocou o telefone. A mentora pediu-me que fosse já. Isso alegrou-me muito: o humor estava péssimo e a perspetiva de passar a noite sozinha assustava-me.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntei logo à porta.

– Não, apenas fiz um bolo para amanhã e pensei: para quê esperar até amanhã? Vai lavar as mãos depressa e vem para a cozinha – o bolo ainda está quente! – respondeu Varvara Semenovna, alegre.

A voz alegre dela, o olhar carinhoso, o aroma do bolo que vinha da cozinha – tudo isso dissipou os meus pensamentos pesados. Logo me senti melhor.

– O que te preocupa tanto? – perguntou a mentora, quando bebi chá com o seu «especial» bolo de batata e cogumelos.

– Pois… nada… pensamentos parvos – despachei eu, não querendo voltar ao que pensara durante o dia.

– Pensamentos parvos às vezes são uma experiência inestimável da qual se pode aprender grande sabedoria. Fala – ordenou Varvara Semenovna.

– Bem… está bem – concordei. – A senhora sempre me disse que o homem é dono do seu destino e que todos os seres humanos têm oportunidades iguais… é exatamente por isso que o caminho de Vanga para a riqueza está acessível a todos.

– Sim, é assim – acenou a mentora.

– Mas se é assim, porque é que a uns cabe tudo e a outros nada? Porque é que os preguiçosos desfrutam de todos os bens e os trabalhadores honestos passam a vida a sobreviver de migalhas? Sabe, hoje vi uma pessoa assim… Depois de falar com ele, de certa forma desacreditei que exista justiça no mundo. Agora parece-me que a riqueza e o sucesso são questão de acaso, de sorte, de destino.

– Não. Não é assim – sorriu Varvara Semenovna. – Longe disso.

– E se não é, então porque acontece assim?

– E é exatamente a essa pergunta que responde a sexta etapa. Lembras-te do que disse Vanga sobre isso:

...

Só Deus sabe como terminará o caminho do homem. Mas esse caminho cada um é livre de traçar por si, e também livre de dele desistir. A perdição não está predestinada a ninguém, e contudo haverá perdidos. Pensa nisso.

– Sim, sim, uma das etapas mais enigmáticas, lembro-me… A senhora ainda me disse, quando lhe perguntei sobre ela: é cedo para te ocupares disso. Realmente, cedo. Ainda agora essas palavras são difíceis de compreender para mim. E nem sei quando crescerei até esta etapa.

– Se começaste a pensar em coisas assim, significa que já cresceste – disse Varvara Semenovna, séria. – Bem, vamos esclarecer juntas. Comecemos diretamente pelas palavras de Vanga. Por um lado, Deus sabe como terminará o caminho do homem – significa que, realmente, Ele tudo sabe de antemão, incluindo se a pessoa será pobre ou rica. Mas depois diz-se: cada um é livre de traçar o seu caminho; mais ainda – a pessoa tem liberdade de desistir desse caminho, se algo não lhe agrada…

– E a terceira frase, de que «a perdição não está predestinada a ninguém, mas contudo haverá perdidos» – deixa-me completamente perplexa – completei. – Sozinha não consegui compreender tudo isso…

– Espera, não te apresses – interrompeu-me a mentora. – Antes de começarmos juntas a refletir sobre a frase da sexta etapa, precisas de saber algo sobre a própria Vanga. O que sabes dela?

– Muita coisa – graças à senhora. Mas, sobretudo, que era vidente e sabia prever o futuro…

– Exato – alegrou-se Varvara Semenovna. – E todos pensam assim. Sabes que a própria Vanga não chamava «previsões» às suas «previsões»? Mais ainda, zangava-se quando lhe pediam para prever o destino. «O destino é o juízo de Deus: só do Juiz se pode saber se serás perdoado ou castigado!» – disse-me isso não em sonho, mas num encontro pessoal, quando lhe transmiti o pedido de um guarda-fronteiriço búlgaro para saber do seu destino.

– Mas Vanga dizia muitas vezes aos visitantes o que lhes aconteceria no futuro… – disse eu, confusa.

– Sim, mas nunca previa a morte ou outros eventos fatais. Isso diz alguma coisa – e Varvara Semenovna olhou-me significativamente, como se quisesse que eu própria adivinhasse o principal. O quê?

– Li muitos livros sobre Vanga. Em todos dizem que Vanga estava convencida de que à pessoa está traçado um certo caminho, e era exatamente esse caminho que descrevia nas suas previsões. Ou esses livros mentem?

– Não, não mentem. Tudo isso é verdade. Mas as pessoas, que não sabem ouvir nem escutar, tiraram daí uma conclusão completamente errada. Decidiram que Vanga falava de predestinação – ou seja, de um modo de existência dado à pessoa de uma vez por todas e do qual a pessoa não pode afastar-se um passo pela própria vontade.

– E não é assim?

– Na verdade, Vanga referia-se exatamente ao caminho diário da vida da pessoa, ou seja, à estrada por que vai no momento atual. Partindo do momento da vida em que a pessoa vinha ter com ela, era isso que profetizava. Dizia o que lhe aconteceria se continuasse a seguir essa

estrada. A estrada, porém, escolhe-a a própria pessoa, mais ainda: ela própria determina o seu percurso, ou seja, traça o seu caminho. Outra coisa é que a pessoa não vê para onde esse caminho leva. Mas Vanga via e mostrava-o aos outros.

Pensa tu mesma: se Vanga estivesse convencida de que o destino não se pode mudar, para quê dar-nos uma tecnologia para adquirir riqueza? Afinal, àquele a quem está escrito no destino a pobreza, isso não ajudaria. Para quê passar todas essas etapas, para quê corrigir a consciência, se tudo está predeterminado? Daí segue-se uma conclusão lógica – e para quê viver, então? Acontece que, faças o que fizeres, nada podes mudar. O que te está predeterminado lá de cima, o que está escrito no teu destino, isso será. Não há esperança nenhuma! Predestinado a ser pobre – serás pobre; destinado a ser rico – mesmo que passes a vida sentado de braços cruzados, o dinheiro cairá do céu sozinho.

– Então, a riqueza não está escrita no destino de ninguém? – perguntei.

– Acontece de várias formas – sorriu maliciosamente Varvara Semenovna. – Vou contar-te um conto:

Conto do pobre rico

...

Um camponês teve um filho. Levou-o para batizar na igreja mais próxima, batizou-o, regressavam e, no caminho, encontraram um anjo. O anjo abençoou o bebé e predisse: quando o filho fizer 30 anos, será o maior rico da aldeia. Os pais alegraram-se imenso e, ao regressarem à aldeia, contaram a todos os vizinhos. Os vizinhos eram gente sem inveja e alegraram-se também: finalmente, na aldeia deles apareceria pelo menos um rico! E começaram a criar a criança todos juntos. Bem, criar – mimar: uns davam-lhe um doce, outros esculpiam-lhe um cavalinho de madeira, outros tocavam flauta para entreter a criança.

E enchiam-no tanto, presenteavam-no tanto, que nem aos próprios filhos mimavam assim. Até o último davam. Não ensinaram a criança a nada, nem a ler nem a um ofício. Para quê? De qualquer modo, seria rico. E, pelo bom tratamento, ele recompensá-los-ia. Quando o rapaz tinha dez anos, os pais morreram. Todos os cuidados com ele passaram para os

vizinhos. Traziam-lhe a melhor comida, vestiam-no como um senhor, serviam-no como a um general, demoliram a casa dos pais e construíram um palácio no lugar: afinal! Viria a riqueza e o filho de camponês viveria numa isbá?* Não ficava bem.

**(Casa camponesa tradicional russa.)*

Passou o tempo e eis que ele fez trinta anos. Ele espera, os vizinhos esperam: quando cairá a riqueza sobre o filho de camponês? Mas o dinheiro não aparece. Então, os aldeões decidiram que o pai dele enganara todos e que, na verdade, não vira anjo nenhum no dia do batismo e que nenhuma riqueza estava destinada ao filho.

Expulsaram o filho de camponês do seu palácio, deixaram de o alimentar. Instalou-se ele num velho celeiro na periferia da aldeia. Lá está sentado, tem frio e, pior que o frio, a fome atormenta-o. E não sabe o que fazer. Não sabe lavrar a terra, não aprendeu ofício nenhum. Arrastou-se para o bosque à procura de bagas. Mas era inverno nessa altura – onde arranjar bagas? Andou, andou pelo bosque, nada encontrou, perdeu-se, sentou-se debaixo de um pinheiro, gelou e morreu.

Os aldeãos encontraram-no, decidiram deixá-lo ali debaixo do pinheiro, mas depois a consciência pesou-lhes: afinal, era uma alma batizada, não ficava bem deixá-lo no bosque. Enterraram-no à custa deles. E eis que ele chega ao outro mundo diante dos olhos de Deus. E logo com queixa a Deus: assim e assim, o Teu anjo prometeu-me riqueza aos trinta anos, mas riqueza não houve. Deus chama o anjo e pergunta: foi assim? Este responde: sim, tudo foi assim. «E onde está, então, a minha riqueza?» – indignou-se o filho de camponês. «Gastaste toda a riqueza até aos trinta anos» – respondeu o anjo e mostrou-lhe um longo pergaminho. E nesse pergaminho estava tudo registado: o palácio, a roupa, a bebida, os doces, os entretenimentos, os criados. «Será que tudo isso custa tanto dinheiro que nada sobrou?» – «Ora, porquê – respondeu o anjo. – Sobrou. Exatamente para um pedaço de pano grosseiro e um caixão de madeira».

Deus ajuda a quem se ajuda a si mesmo

– Hum… o conto é mentira, mas nele há uma lição – abanei a cabeça.

– Vês. O conceito de destino como fatalismo é muito perigoso para o homem – e, aliás, Vanga avisava sobre isso. Dizia: «Não entregues a tua

vela à vontade do vento, mas dirige-a para o porto que precisas.» Vanga afirmava: aquele que não quer ajudar-se a si mesmo, nenhuma tecnologia o ajudará, nem mesmo o próprio Deus o ajudará. E, pelo contrário, se a pessoa deseja mudar a vida, aspira à felicidade e, o mais importante, está pronta a fazer algo para isso, então Deus ajuda-a em tudo. Tudo depende do desejo da pessoa, da sua escolha.

Por isso, o nosso caminho de vida determinamo-lo realmente nós mesmos – com as nossas ações diárias. Nós próprios fazemos sempre escolhas. Simplesmente não sabemos para onde essa escolha levará. Só o Senhor Deus o sabe. Sim, Ele sabe, mas nesse conhecimento não há nem sombra de predestinação.

– Escolha… – suspirei. – Às vezes é tão difícil: fazer a escolha certa. Hoje falei com uma pessoa e não sabia o que era mais correto: sair batendo a porta ou continuar a ouvir e a sorrir.

– E o que escolheste? – sorriu a mentora.

– Ouvi e sorri… embora me sentisse tão mal! Ainda agora penso: porque não saí logo? De qualquer modo, perdi tempo à toa, não chegámos a acordo nenhum. Cuspiram-me na alma, foi só isso. Afinal, fiz a escolha errada.

– Não te preocupes. Escolher é tão difícil como manejar as velas. É preciso aprender.

– Ai, se não fosse preciso escolher! – disse do fundo do coração. – Como seria fácil viver neste mundo!

– Claro, muito mais fácil largar o leme e viver sem fazer nada. Aconteça o que acontecer, pode sempre culpar-se o destino – disse Varvara Semenovna, severa. – É por isso que os preguiçosos tanto gostam de falar de destino. Vanga sabia isso perfeitamente: todos os dias via centenas desses preguiçosos. E aos que vinham «saber do destino», fazia-os esperar na fila vários dias. E atendia primeiro os que vinham com problemas urgentes que exigiam resolução imediata.

– E houve casos em que Vanga previu o futuro a alguém sem que este pedisse? – perguntei, sabendo a resposta.

– Houve, sim – respondeu Varvara Semenovna. – E tu própria ouviste e leste sobre isso. Mas nota: eram situações completamente especiais, em

que Vanga via que o modo de vida atual da pessoa levava à perdição. Dizia-lhe o que o esperava apenas para que mudasse a vida. Se a pessoa obedecia e fazia algo para essa mudança, conseguia evitar a desgraça. Nesse caso, Vanga agia não por si, mas por indicação da Força Superior. Mas nunca afirmava que tudo seria exatamente assim e não de outra forma. Afinal, até o Juízo de Deus inevitável as pessoas podem afastar de si, se derem os passos necessários.

Olhei para a mentora com dúvida.

– E não duvides. Abre a Bíblia. Não te lembras da história do profeta Jonas? Vou recordar-ta.

O profeta e o juízo de Deus

...

Um dia, o profeta Jonas teve uma visão. Apareceu-lhe um Anjo e disse: «Deus ordena-te que vás a Nínive e anuncies aos habitantes: exatamente daqui a quarenta dias a cidade deles será destruída pelos seus pecados.» Jonas ficou terrivelmente triste. Tinha pena dos ninivitas. Claro, não se distinguiam por uma vida justa, mas o castigo era demasiado severo. E o profeta decidiu fugir. De qualquer modo, pensa, o Juízo de Deus está marcado, o castigo não se evita. Para quê os ninivitas viverem quarenta dias, atormentados pela espera do fim inevitável? Melhor que a morte os apanhe de surpresa. Jonas embarcou num navio que partia para Espanha e fugiu do seu país. Mas, no caminho, o navio apanhou uma forte tempestade.

As ondas atiravam o barco de um lado para o outro e então o capitão, percebendo que não havia salvação, ordenou que todos rezassem. Durante a oração, ouviu-se uma voz do céu: «Por causa daquele que recusou cumprir a Minha vontade, arranjei a tempestade.» O capitão fez uma investigação e o profeta reconheceu que a culpa era dele. Então os marinheiros atiraram Jonas ao mar. A tempestade acalmou imediatamente e o navio continuou tranquilamente o seu caminho. Mas o profeta não se afogou: foi engolido por uma enorme baleia. Sentado no ventre da baleia, Jonas rezava desesperadamente e prometeu a Deus que, se fosse salvo, iria certamente a Nínive. Deus ouviu a sua oração e a baleia expeliu o profeta do seu ventre.

Quando Jonas chegou a Nínive, faltavam três dias para o prazo marcado. «Pobres ninivitas! – pensava o profeta, passando pelas ruas da cidade. – Três dias lhes restam de vida, e esses três dias passarão em tormentos antes da morte iminente.» Jonas foi ter com o governante da cidade e anunciou-lhe o juízo de Deus.

O governante de Nínive assustou-se terrivelmente e logo ordenou que todos os habitantes da cidade, incluindo velhos e crianças pequenas, saíssem às ruas, caíssem de joelhos e, durante três dias e três noites, pedissem misericórdia a Deus, arrependendo-se dos seus pecados. «Infelizes – pensava Jonas, olhando para eles. – Será possível anular o Juízo de Deus?» E saiu da cidade, pois ficar lá mais tempo era perigoso. Três dias depois, apareceu-lhe novamente o Anjo e ordenou-lhe que voltasse a Nínive. «Para quê? – espantou-se o profeta. – Ou Deus quer que eu veja a destruição da grande cidade?» – «Não – respondeu o Anjo. – Deus ordena-te que anuncies aos habitantes que estão perdoados. Aceitou o seu arrependimento e perdoou. Nínive ficará intacta.»

– Vês – continuou Varvara Semenovna –, o homem tem poder para mudar até o destino mais inevitável. Mas muito frequentemente – quase sempre – confundem destino com vocação. Para explicar o que é a vocação do homem, seria preciso escrever um livro inteiro, tão vasto e profundo é esse conceito. Mas vou contar-te uma anedota.

– Uma anedota? – espantei-me.

– Sim – riu-se a mentora. – Pensas que as anedotas não ensinam nada ao espírito e à razão? Ouve.

Destino e vocação

...

Uma mulher, rezando diariamente a Deus, queixava-se sempre da sua sorte: o marido era grosseiro, os filhos travessos, a casa em desordem e as despensas vazias. «Porquê, Senhor, me enviaste um destino tão pesado?» – perguntava a mulher. Deus cansou-se de ouvir as queixas dela e disse-lhe: «Da tua sorte és responsável tu mesma, e mais ninguém.» «Será que sou responsável por ter nascido mulher?» – indignou-se ela. «Ser mulher não é destino – respondeu Deus. – É a tua vocação. E a tua sorte depende de como dela disponhas.»

– Então, a vocação é aquilo que o homem não pode mudar? – perguntei.

– Sim, é. Mas ele próprio dispõe dela e até pode renunciar-lhe.

– Bem, de ser mulher, dificilmente se pode renunciar – sorri –, a não ser com uma operação de mudança de sexo.

– Brincadeiras à parte, mas a história conhece pelo menos um exemplo trágico em que uma mulher deixou de ser mulher, e isso até foi registado juridicamente – respondeu Varvara Semenovna. – Não, não falo de operações de mudança de sexo que acontecem hoje em dia. Isso aconteceu muito antes, nos tempos de Catarina II. Quando julgaram a proprietária rural Saltykova (a conhecida Saltychikha), o tribunal decidiu: não considerar essa pessoa mulher, pois nenhuma mulher é capaz de tais atrocidades. E isso era, no fundo, profundamente verdadeiro. Renunciar à própria vocação leva a uma mudança completa da personalidade. Se a abelha renunciar a recolher mel, já não será abelha – será zangão.

– Que interessante – espantei-me –, e eu nem sabia que tal era possível.

– Quando a pessoa segue a sua vocação, escolhe o único caminho que mais rapidamente a leva à plenitude do ser – continuou a mentora. – Essa plenitude as pessoas comuns chamam felicidade, e os místicos – união com a Força Superior, ou Deus. Afinal, sem Deus nenhuma plenitude é possível. Mas conhecer a própria vocação nem todos conseguem, embora esse conhecimento esteja depositado na alma de cada pessoa. É precisa grande sensibilidade espiritual e um coração puro para compreender a que a pessoa é chamada, para que está destinada. É precisa uma constante tranquilidade interior – e onde arranjá-la, se o mundo a cada passo nos apresenta problemas e tentações?

Atiramo-nos de um lado para o outro, queremos isto e aquilo; na perseguição do bem-estar exterior, captamos influências exteriores, cedemos-lhes, vamos para algum lado, ocupamo-nos de algo… A vaidade consome-nos, devora o nosso tempo; assim passa a nossa vida – em assuntos e cuidados quotidianos. A esmagadora maioria das pessoas nem sequer escolhe o seu caminho de vida. Apenas vão para onde «o vento sopra». Quantas pessoas, com diploma de ensino secundário ou superior, trabalham fora da especialidade! E tudo porque, ao entrarem, guiaram-se

não pela sua vocação, mas por coisas completamente alheias: opinião dos pais, dos conhecidos, dos jornais; prestígio, mitos vários sobre salários altos e trabalho «limpo».

E afinal a atividade profissional é uma enorme parte da vida do homem. No trabalho, a pessoa passa um terço do seu tempo de vida. E muitas vezes mais. De quem depende, então, esse terço do seu destino? Claro, só dele mesmo. Uma escolha errada nesta esfera pode custar muito caro. Por isso, todo aquele que quer alcançar o bem-estar deve necessariamente conhecer a sua vocação. Lembrando que o verdadeiro bem-estar do homem não implica necessariamente abundância material e luxo. E, ao encontrar a vocação, não deve dela afastar-se um milímetro. A vocação é um caminho bastante estreito: mesmo o menor desvio pode levar a um lugar completamente diferente daquele para que a pessoa aspirava.

Como conhecer a própria vocação

– Varvara Semenovna, e como conhecer a própria vocação?

– Às pessoas mais sensíveis, o conhecimento da sua vocação revela-se ainda na infância.

Ela chega-lhes sob a forma de um sonho que não os abandona até à juventude. Na juventude, começam as tentações, a pessoa é submetida a influências externas e, como a sua personalidade ainda não está fortalecida, pode renunciar ao seu sonho. Os mais persistentes seguem o seu sonho, custe o que custar, e, no fim, tornam-se mestres no seu ofício, mas o principal é que se tornam pessoas prósperas e felizes.

No entanto, muitas pessoas na infância não têm sonho nenhum e, no momento de escolher o caminho, não fazem ideia para onde ir, o que fazer. Veem a vida como uma montra de supermercado: há de tudo em grande quantidade, tudo em embalagens coloridas, tudo atrai, tudo promete benefícios… E escolhem não aquilo de que realmente precisam, mas aquilo cuja «embalagem» é mais brilhante. Não é de admirar que, mais tarde, ao «desembrulharem», encontrem vazio e desilusão.

– E eu não sei se encontrei a minha vocação – disse eu, triste. – Parece-me que ainda não.

– Não te aflijas – acalmou-me Varvara Semenovna. – Às vezes, a pessoa procura a sua vocação toda a vida. Raros são os que a encontram na

juventude. Por isso, mesmo que a pessoa já tenha muitos anos e perceba que toda a vida seguiu pelo caminho errado, não deve desesperar. Nunca é tarde para encontrar o verdadeiro caminho.

– Como?

– Vou dar-te um exercício… Repete-o e compreenderás.

Exercício espiritual «A que sou chamado?»

Faz-se obrigatoriamente com o estômago vazio. O melhor será jejuar um par de dias antes. O momento mais adequado para realizar este exercício é de madrugada, entre as 5 e as 6 horas. Antes de começar, areje bem o quarto, mas sem o arrefecer demasiado: o frio não deve causar desconforto. Ponha-se de pé diante da janela, feche os olhos e faça doze inspirações e expirações profundas.

Agora, abra os olhos, sente-se numa cadeira, ponha as mãos nos joelhos, relaxe. Não cruze as pernas. Baixe os olhos, mas não os feche. O olhar deve estar desfocado, como dirigido para dentro de si. Inspire lenta e profundamente, dirigindo mentalmente a inspiração para a zona do coração. Para lá deve estar imerso também o seu consciência. O ideal é concentrar-se completamente na respiração. Quando conseguir isso, diga para si:

«Pai meu celestial, meu Criador e Formador, Tu criaste-me segundo o Teu bom desígnio para algo que só eu posso cumprir. Mostra-me o meu caminho, preparado por Ti, para que eu possa participar na cocriação do Teu mundo. Entrego-me à Tua vontade com todo o meu ser. Ámen.»

A esta oração pode acrescentar as suas próprias palavras. Ou fazer à Força Superior qualquer pergunta relativa à sua vocação. Se já fez alguma escolha, pode perguntar se é a correta e se deve seguir o caminho escolhido. Não espere que a resposta venha imediatamente. Mas, nos dias seguintes, haverá um sinal que lhe dirá se está a agir corretamente. Se receber uma resposta clara, pode não voltar a este exercício. Se não houver resposta, ou se não vir ou compreender algo, repita a experiência um mês depois. E, durante esse mês, leia todos os dias o salmo-oração sobre a Providência de Deus.

Oração do crente na esperança da Providência de Deus

Salmo 138

Senhor, provaste-me e conheceste-me. Conheceste o meu sentar e o meu levantar. Compreendeste de longe os meus pensamentos: investigaste o meu caminho e o meu deitar, e previste todos os meus caminhos. Porque não há engano na minha língua: eis que, Senhor, Tu conheceste. Tudo o que é último e antigo: Tu formaste-me e puseste sobre mim a Tua mão. Admirável se tornou o Teu conhecimento para mim, fortaleceu-se, não poderei atingi-lo. Para onde irei do Teu Espírito? E da Tua face para onde fugirei? Se subir ao céu – Tu aí estás; se descer ao inferno – aí estás. Se tomar as minhas asas de madrugada e me estabelecer nos confins do mar – também aí a Tua mão me guiará e a Tua dextra me segurará. E disse: talvez as trevas me cubram, e a noite seja iluminação na minha delícia? Porque as trevas não escurecerão diante de Ti, e a noite como o dia se iluminará, como as suas trevas, assim também a sua luz. Porque Tu formaste as minhas entranhas, recebeste-me do ventre da minha mãe. Confessar-Te-ei, porque terrivelmente Te admiraste: maravilhosas são as Tuas obras, e a minha alma sabe-o muito bem. Não se escondeu o meu osso de Ti, que fizeste em segredo, e a minha substância nos lugares inferiores da terra. Os meus olhos viram o meu imperfeito, e no Teu livro todos serão escritos, nos dias serão formados e ninguém entre eles. Para mim, porém, muito honrados foram os Teus amigos, ó Deus, muito fortalecidos os seus domínios.

Contá-los-ei, e mais que a areia se multiplicarão. Acordei, e ainda estou contigo. Se matares os pecadores, ó Deus, homens de sangue, apartai-vos de mim. Porque sois zelosos nos pensamentos, tomarão em vaidade as Tuas cidades. Não odiei eu, Senhor, os que Te odeiam, e sobre os Teus inimigos me consumirei? Com ódio perfeito os odiei, tornaram-se inimigos para mim. Prova-me, ó Deus, e conhece o meu coração, examina-me e conhece os meus caminhos, e vê se há em mim caminho de iniquidade, e guia-me pelo caminho eterno.

Músico talentoso. História de Vadik

Vadik era cinco anos mais velho do que eu. Conhecia-o desde criança: morávamos em prédios vizinhos. Na escola, até estive apaixonada por ele, mas ele, claro, nem reparava em mim, a miúda. Era a estrela da escola:

músico, criou a sua própria banda de rock, atuava nas festas escolares, todas as raparigas corriam atrás dele. Aliás, invejavam-me por o conhecer. Mas que conhecimento? «Olá-olá», era só isso. E cumprimentava-me apenas porque morávamos no mesmo prédio. Quando eu estava no primeiro ano da universidade, ficámos amigos de repente. Aconteceu assim. Regressava do instituto para casa e, de repente, no nosso portão, dois rapazes desconhecidos começaram a importunar-me.

Já estava perto de casa, mas eles puseram-se dos dois lados e não me deixavam passar. Gritei, mas um deles agarrou-me e tapou-me a boca com a mão. Fiquei aterrorizada. Para minha sorte, Vadik regressava a casa. Claro que se atirou a defender-me. Mas onde pode um músico competir com dois brutamontes. Conseguimos escapar a custo e, claro, o aspeto de ambos… Vadik, evidentemente, levou a pior: nódoas negras, arranhões, casaco rasgado. Arrastei-o para nossa casa, tratei-lhe as feridas, coseu o casaco, dei-lhe chá. Desde então, ficámos amigos. Vinha a minha casa, cantava as suas canções. Canções maravilhosas! Vadik era um verdadeiro poeta, nisso percebo-me. E que voz linda tinha! Uma voz simplesmente hipnotizante. Mas as suas canções ninguém queria. Na escola brilhava, mas depois não conseguiu entrar no mundo da música. Afinal, todas as estrelas atuais são fabricadas artificialmente, aqui o talento não é o principal, mas os patrocinadores e produtores.

Mas Vadik não se aborrecia, dizia que o principal não era a fama, mas a possibilidade de se expressar criativamente. Vadik tinha um amigo que tocava com ele na banda escolar. Esse amigo rapidamente se orientou no que era o quê. Encontrou um produtor, levou-lhe uma gravação com uma canção de Vadik. O produtor interessou-se por Vadik e propôs-lhe… tornar-se estrela. Sim, assim, simplesmente. Mas com certas condições. A música que Vadik escrevia, as suas letras eram, segundo o produtor, demasiado complexas para o ouvinte atual. «Escreve canções mais simples: amor-amorzinho, três acordes, dois batimentos de pé, dois palmas – e com essa voz tornas-te superestrela!

Nós promovemos-te como deve ser, não te preocupes.» Vadik duvidou no início, não gostava disso tudo. Mas o produtor prometeu-lhe tanto dinheiro que deixou de duvidar. E foi para Moscovo tornar-se estrela. O produtor não o enganou: fizeram de Vadik uma estrela. Começou a cantar cançõezinhas de amor, a viajar pelo país, a encher estádios. Algumas

vezes vi os seus videoclips num canal musical, mas não via até ao fim: as canções que cantava agora eram demasiado primitivas. Eu ouvira as suas canções verdadeiras. Mas, de qualquer modo, alegrava-me que o sonho dele se realizasse e que tivesse chegado ao grande palco. Verdade que os meus conhecidos jornalistas, que escreviam sobre estrelas da música, diziam que nem tudo corria bem com ele, mas eu tentava não ouvir esses rumores: os jornalistas adoram exagerar.

E um dia veio visitar a mãe. Encontrei-o no pátio, quando saía da limusina. Cumprimentou-me amigavelmente, convidou-me para ir a casa dele à noite. Disse-lhe: «Melhor vens tu a minha casa, senão, sempre que vens, a porta não fecha: vem gente e gente, não nos deixam falar.» Veio, trouxe duas garrafas de uísque. «Para quê tanto?» – espantei-me. Eu bebo bebidas fortes meio copo, Vadik, pelo que me lembrava, antes não bebia nada. E, enquanto estávamos sentados a conversar, bebeu ele sozinho as duas garrafas… Da próxima vez que o vi foi meio ano depois, quando fui em serviço a Moscovo (aquela viagem pré-Ano Novo, no regresso da qual conheci Varvara Semenovna). Precisava de fazer uma reportagem sobre as gravações do «Fogo de Artifício de Ano Novo». No corredor diante do estúdio, encontrei Vadik – mas, confesso honestamente, não o reconheci. Rosto magro, olheiras, olhos vidrados, ele próprio como que congelado. Ele reconheceu-me, mas cumprimentou-me de forma indiferente e seguiu, cambaleando.

Pensei na altura – estará doente, como vai cantar na gravação? Mas quando chegou a sua vez de atuar, Vadik correu para o palco animado, cantou, dançou, enfim, trabalhou como deve ser. «É o que é ser profissional – disse eu, admirada, à minha colega sentada ao meu lado na mesa. – Há meia hora tinha um aspeto completamente doente. E conseguiu concentrar-se, olha como salta bem!» Ao que ela me respondeu ironicamente: «Simplesmente encheu-se de drogas, por isso salta. Está na agulha. Se continuar assim, não saltará por muito tempo.» Assim soube a terrível verdade sobre o meu antigo vizinho.

Infelizmente, a jornalista de Moscovo tinha razão. Dois meses depois, Vadik morreu de overdose. Eu já morava com Varvara Semenovna (a casa estava em obras). Vimos juntas as notícias, quando anunciaram a morte dele. Chorei e contei-lhe sobre ele. Ela olhou atentamente para Vadik (mostravam justamente um fragmento do seu concerto) e disse: «Morreu

porque traiu a sua vocação. A partir desse momento, o seu caminho foi uma estrada para a morte. Se não se tivesse deixado tentar pela fama fácil, dez anos depois teria fama e dinheiro. Viveria muito, escreveria muitas boas canções. Mas assim queimou-se antes do tempo.»

Etapa sétima: pedi e dar-se-vos-á

Abril foi tão quente e solarengo que, a meio do mês, já calçava sapatos leves e vestia um casaco de verão. O humor era primaveril, o trabalho corria bem, a vida pessoal também se arranjava… Só uma coisa me entristecia: já há duas semanas não via a minha mentora. Descansava num sanatório nos arredores, para onde ia todos os anos na primavera. Devia regressar daqui a dez dias, mesmo a tempo das festas. Varvara Semenovna prometeu passar todos os feriados de maio comigo e continuar o estudo das etapas de Vanga.

Mas aconteceu um pequeno incidente que me obrigou a adiar todos os planos para os fins de semana e partir urgentemente para o resort onde ficava o sanatório. Na verdade, não era bem um incidente: apenas uma conversa de colegas no intervalo do almoço. Essa conversa, porém, fez-me refletir profundamente sobre coisas que antes eram claras e compreensíveis.

– Imagina, está cada vez pior e ela cala-se! – indignava-se Alina, chefe de um dos departamentos.

Falava-se de uma conhecida comum que sofria de uma doença cardíaca congénita. Precisava de uma operação dispendiosa, Rita (assim se chamava a rapariga) não tinha dinheiro. Mas a situação podia resolver-se. Há meio ano, Rita conhecera um jovem, gostaram um do outro, começaram a namorar e já se falava em casamento… Os pais desse jovem eram luminares da medicina; o pai era cirurgião cardiologista e trabalhava exatamente na clínica para onde os médicos enviavam Rita! Mas Rita temia pedir ajuda ao futuro sogro. Pensava que o noivo decidiria que namorava com ele apenas para o pai operá-la gratuitamente.

– Digo-lhe: podes não chegar viva ao casamento, porque esperas! – continuava Alina. – E ela teima: não é conveniente, arranjo-me sozinha… Será que as pessoas normais agem assim? Mesmo que o noivo a deixe: não é tragédia, encontra outro. A própria vida é mais preciosa!

Concordava completamente com Alina, mas ao mesmo tempo compreendia os sentimentos de Rita. A situação era realmente delicada. Eu posso pedir o que for a quem for. Mas – só pelos outros. Pedir por mim própria sempre me envergonha, mesmo nas situações mais difíceis.

– Alina, sabes o quê? – surgiu-me uma ideia inesperada. – Estes fins de semana vou para o campo com pernoita. Não querem tu e a Rita vir comigo? Passeamos ao ar livre, falamos a sério, talvez resolvamos algo…

– Eu não posso – despachou Alina. – Mas a Ritka talvez vá.

Liguei logo para Rita e combinámos encontrar-nos na sexta à noite diretamente no comboio suburbano. À noite, liguei para Varvara Semenovna e expliquei-lhe o problema da minha amiga. Talvez Vanga ajudasse nesta situação complicada?

A quem pertence realmente toda a nossa propriedade

Varvara Semenovna reservou-nos um quarto duplo no sanatório, por isso não houve problemas com a dormida. Deixámos as coisas no quarto e, as três, fomos passear pela costa do Golfo da Finlândia. A noite estava surpreendentemente quente. Não havia vento. O sol punha-se lentamente, quase impercetivelmente: em breve começariam as noites brancas. Depois de passearmos meia hora pelo pinhal, encontrámos na praia uma árvore caída e sentámo-nos nela para admirar o pôr do sol âmbar.

Durante o passeio, Varvara Semenovna contou sobre Vanga e o seu método. Rita ouvia com muita atenção, mas não disse uma palavra sobre o seu problema.

– O método de Vanga deve ser seguido passo a passo – continuou Varvara Semenovna mal nos sentámos. – Mas cada pessoa começa pela sua etapa. Uns compreendem as etapas por ordem, outros começam pelo fim, outros pelo meio. A Katya, por exemplo, é como uma aluna: passou tudo desde o início. Quase até ao fim, faltam-lhe duas etapitas. Aliás, Katya, lembras-te de como soa a regra da sétima etapa? – perguntou-me Varvara Semenovna em tom professoral.

– Lembro-me, mas diga a senhora – respondi.

A mentora parecia esperar exatamente isso:

– Para definir a sétima etapa, Vanga usou as palavras do Evangelho:

...

Pedi, e dar-se-vos-á; batei, e abrir-se-vos-á.

Ao ouvir estas palavras, Rita estremeceu.

– Nem sempre é tão simples: pedir – disse ela, como que de lado.

– Sempre, sempre – disse a mentora, carinhosamente. – Pedir é difícil para quem não sabe a quem pertence realmente toda a propriedade que a pessoa tem.

– A quem? – indignou-se Rita. – À própria pessoa, claro.

Varvara Semenovna nada disse sobre isso.

– Pois, a sétima etapa: pedi… – continuou ela –, e afinal esta simples ordem foi dada pelo próprio Senhor. Mas o homem, desde os dias da Criação, habituou-se a transgredir as ordens – olhou de soslaio para Rita, com um sorriso. – E esta ordem não é exceção. Incutem-nos constantemente a ideia de que não devemos pedir nada a ninguém, não devemos esperar favores de ninguém. Pelo contrário – devemos tomar tudo à força, grosseiramente, com pressão. «Toma tudo da vida» tornou-se princípio de vida para a maioria das pessoas. Mas na verdade é o princípio do ladrão que, entrando na casa do dono, aproveitando a sua ausência, agarra tudo o que lhe cai nas mãos.

– Porque ladrão? – indignou-se Rita. – Não é obrigatório agarrar grosseiramente, pode alcançar-se, ganhar-se!...

– Sim, mas olhando para muitos ricos, quem dirá que ganharam o seu património? – perguntou maliciosamente Varvara Semenovna, e respondeu ela própria: – Ninguém.

Todos dirão: «roubou». E terão razão. Mesmo que esse rico não tenha roubado ninguém: nem pessoas nem o Estado, mesmo assim o seu património é roubado.

– Como… roubado? – de indignação, Rita até perdeu o fôlego.

– Porque toma o que não lhe pertence. Toda a terra com as suas riquezas – tanto naturais como feitas pelo homem – pertence apenas a um Dono: o seu Criador, ou seja, Deus. Só Ele pode dispor dela. A nós, todos

os bens terrenos são dados em uso temporário, porque a nossa vida visível é limitada pelo tempo terreno. E disso devemos lembrar-nos sempre.

...

Um avarento, nas suas viagens, encontrou um monge e seguiram juntos. Para encurtar o caminho, o avarento pôs-se a falar. Contava ao sufista como ganhava dinheiro no comércio, como guardava cada moeda pequena, que riquezas incalculáveis acumulara na vida e como detestava os parentes que invejavam o seu bem-estar. «Pensa só: afinal são todos preguiçosos! – dizia o avarento, agitado. – Pobres esfomeados! E a mim, por ser poupado, chamam avarento!» – «Não têm razão – respondeu o monge, sério –, nunca encontrei na vida pessoa mais generosa!» – «A sério?» – perguntou o avarento, espantado e incrédulo. – «A sério. Porque tu apenas pensas que és poupado. Na verdade, a tua generosidade é ilimitada. Pois aproxima-se o dia em que distribuirás toda a tua riqueza aos herdeiros: aos que amas e até aos que detestas.»

– Deus ama o homem e está pronto a dar-lhe tudo o que este pedir – dizia Varvara Semenovna. – Mas o inimigo do género humano esforça-se por todos os meios para afastar o homem de Deus e, por isso, incute-lhe a ideia de que pode conseguir tudo sozinho. O homem cai no orgulho e esquece Aquele que é realmente o Dono do Universo e de todas as suas riquezas. É exatamente com isso que se ligam todas as desilusões do homem, quando não consegue alcançar o objetivo desejado. E afinal o caminho é muito simples. É preciso renunciar ao próprio orgulho e deixar de imaginar que tudo neste mundo pertence ao homem.

Deus tem tudo em abundância

Tudo pertence a Deus, mas Deus não se assemelha aos ricos terrenos, cujo património foi roubado e, por isso, nem uma migalha partilham com o próximo. Deus é o verdadeiro dono de tudo, e as Suas riquezas são ilimitadas. Deus tem tudo em abundância, porque Ele próprio é a plenitude perfeita e a riqueza perfeita. E com essa riqueza partilha com cada um que Lhe pedir. O próprio Senhor falou disso:

...

Pedi, e dar-se-vos-á; batei, e abrir-se-vos-á. Qual de vós é o pai que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra em vez de pão? E qual de vós é

o pai que, se o filho lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, sendo maus, agis assim, quanto mais generoso será o vosso Pai celestial, que é o próprio amor?

Se precisarem de saúde – peçam saúde. Se precisarem de riqueza – peçam riqueza. Se precisarem de ajuda – peçam ajuda. Não há nada de vergonhoso nisso, há apenas o cumprimento do mandamento – concluiu a mentora, afirmativamente.

– Talvez pedir a Deus signifique cumprir os mandamentos – suspirou Rita –, mas acontece que é muito necessário pedir a uma pessoa, e não se pode pedir…

– E a pessoa é imagem de Deus! – disse Varvara Semenovna. – Pensas que a ajuda de Deus é sempre apenas maná celestial, que cai milagrosamente do céu? A ajuda vem precisamente através das pessoas! Pede apenas – e virá!

– Pedir a Deus é fácil… – respondeu Rita –, mas às pessoas não consigo pedir.

– E tu, minha querida, pediste a Deus?

– Não… – confundiu-se Rita.

– Pois pede-Lhe. Olha, talvez depois não seja tão assustador pedir às pessoas.

– Acha? – Rita olhou para Varvara Semenovna com esperança.

– Tenho a certeza! Só que, quando pedires a Deus, não esqueças que qualquer conversa com Ele é oração. E a oração deve ser reverente. Ainda mais se nessa oração pedes algo.

– E como se deve orar? – perguntou Rita. – Nunca orei…

– Se tens algo para dizer a Deus, ora com as tuas palavras. E se não sabes, virão em tua ajuda as orações compostas pelos santos padres. Lê-as todos os dias, acrescentando-lhes o teu pedido, e certamente receberás o que te é necessário. No sanatório, tenho um livro de orações; vou dar-te para copiar orações especiais a Deus e aos santos. Exatamente sobre o bem-estar espiritual e material. Vanga indicou-mas. E agora vamos, meninas, está a arrefecer.

Oração ao Senhor para a concessão de bem-estar

Senhor, Tu visitas e recebes os pecadores! E ressuscitas os mortos! E ordenas às águas do mar, aos ventos do céu! E maravilhosamente crescem os pães nas Tuas mãos, dando colheita mil vezes maior – são semeados, ceifados, cozidos e partidos ao mesmo tempo, num só instante! E Tu tens fome para nos livrar da fome! E Tu tens sede para afastar a nossa sede! E viajas pela terra do nosso exílio, cansando-Te, para nos devolver a natureza celestial perdida, calma e cheia de doçuras!

Derramas o Teu suor no jardim de Getsémani para que deixemos de derramar o nosso suor na busca do pão, e aprendamos a derramá-lo em orações para a digna comunhão do Pão celestial. Os espinhos que a terra amaldiçoada nos produziu, Tu aceitaste na Tua cabeça; coroaste, feriste com espinhos a Tua santíssima cabeça! Perdemos a árvore da vida do paraíso e o seu fruto, que dava imortalidade aos que o comiam – Tu, estendido na árvore da cruz, tornaste-Te para nós fruto que dá vida eterna aos que Dele participam. Tanto o fruto da vida como a árvore da vida apareceram na terra, no campo do nosso exílio. Esse fruto e essa árvore são superiores aos do paraíso: aqueles davam imortalidade, estes dão imortalidade e divindade. Pelos Teus sofrimentos, derramaste doçura nos nossos sofrimentos. Rejeitamos os deleites terrenos, escolhemos como sorte os sofrimentos, só para nos tornarmos participantes da Tua doçura! Ela, como antegozo da vida eterna, é mais doce e preciosa que a vida temporal!

Dormiste o sono da morte, que não Te pôde reter no sono eterno, a Ti – Deus! Ressuscitaste e deste-nos o despertar desse sono, do sono mortal cruel, deste-nos a bem-aventurada e gloriosa ressurreição! Elevaste a nossa natureza renovada ao céu, sentaste-a à direita do Eterno, Teu coeterno Pai! Senhor nosso! Concede-nos, tanto na terra como no céu, glorificar, bendizer, louvar a Tua bondade! Concede-nos ver com rosto descoberto a Tua glória terrível, inacessível, magnífica, vê-La eternamente, adorá-La e beatificar-nos Nela. Ámen.

Oração a São João o Misericordioso, lida na pobreza e na necessidade

Pela tua paciência adquiriste a tua recompensa, ó padre reverendo, perseverando incessantemente nas orações, amando os pobres e saciando-

os; mas ora a Cristo Deus, ó João misericordioso, bem-aventurado, para que as nossas almas se salvem. A tua riqueza distribuíste aos pobres e agora recebeste a riqueza celestial, ó João sábio; por isso todos te honramos, celebrando a tua memória, ó homónimo da misericórdia! Santo de Deus João, misericordioso protetor dos órfãos e dos que estão em aflição! A ti recorremos e a ti oramos, como rápido protetor de todos os que buscam consolo de Deus nas tribulações e dores.

Não cesses de orar ao Senhor por todos os que a ti acorrem com fé! Tu, cheio do amor e da bondade de Cristo, apareceste como maravilhoso palácio da virtude da misericórdia e adquiriste para ti o nome «misericordioso». Eras como um rio, fluindo incessantemente com misericórdias generosas e saciando abundantemente todos os sedentos. Cremos que, após a passagem da terra para o céu, duplicou-se em ti o dom dessa graça e que te tornaste vaso inesgotável de toda a bondade. Cria, pois, pela tua intercessão e proteção diante de Deus «toda a consolação», para que todos os que a ti recorrem encontrem paz e serenidade: concede-lhes consolo nas tristezas temporais e auxílio nas necessidades da vida, infunde neles a esperança do repouso eterno no Reino dos Céus. Na tua vida na terra foste refúgio para todos os que estavam em qualquer tribulação e necessidade, ofendidos e doentes, e nenhum dos que a ti recorriam e pediam misericórdia ficava privado da tua bondade.

O mesmo agora, reinando com Cristo no Céu, manifesta a todos os que se prostram diante do teu ícone honroso e oram por ajuda e proteção. Não só tu próprio fazias misericórdia aos desamparados, mas também despertavas os corações dos outros para o consolo dos fracos e o cuidado dos pobres. Desperta, pois, também agora os corações dos fiéis para a proteção dos órfãos, o consolo dos aflitos e a tranquilidade dos necessitados. Que neles não faltem os dons da misericórdia, e mais ainda que neles e nesta casa que cuida dos sofredores se instale a paz e a alegria no Espírito Santo, para glória do Senhor e Salvador nosso Jesus Cristo, por todos os séculos dos séculos. Ámen.

Oração por ajuda na necessidade a São Demétrio de Rostov

Ó bem-aventurado santo Demétrio, grande servo de Cristo, Crisóstomo Russo, ouve-nos pecadores que a ti oramos e leva a nossa oração ao misericordioso e Filantropo Deus, diante de Quem agora estás na alegria dos santos e com os coros dos Anjos. Suplica a Sua bondade que

não nos condene segundo as nossas iniquidades, mas que faça connosco segundo a Sua misericórdia; pede-nos a Cristo Deus nosso uma vida pacífica e serena, saúde espiritual e corporal, fertilidade da terra e toda a abundância e prosperidade, e que não transformemos em mal os bens que nos são dados pelo Deus generoso, mas para a Sua glória e para o louvor da tua proteção.

Concede-nos passar piedosamente o campo da vida temporal: livra-nos das tributações aéreas e guia-nos pelo caminho que leva às moradas dos justos, onde o voz dos que festejam é incessante, contemplando a inefável beleza do rosto de Deus: preserva a Santa Igreja das heresias e cismas, fortalece os fiéis, converte os extraviados e a todos concede tudo o que é conveniente para a salvação e a glória de Deus. Preserva a tua pátria dos inimigos sem dano. E concede-nos a todos a tua bênção arquipastoral santa, para que, cobertos por ela, nos livremos das ciladas do maligno, escapemos a toda a tribulação e desgraça. Ouve a nossa oração, ó padre Demétrio, e ora incessantemente por nós ao Deus Todo-Poderoso, glorificado e adorado em Três Hipóstases, a Quem pertence toda a glória, honra e poder por todos os séculos dos séculos. Ámen.

Rita copiou estas orações. Se orou – não sei. Claro que não a interroguei sobre isso. Mas exatamente dez dias após o nosso regresso, o pai do noivo dela operou o coração de Rita. E o mais maravilhoso em toda esta história foi o amor e a participação com que tanto o noivo como os pais dele trataram Rita. No início de junho, ela casou-se.

Etapa oitava: provar-se com a riqueza

A riqueza, se a trancam, torna-se mais feroz que um leão e por todo o lado inspira medo. Mas se a tirares das trevas e a instalares no seio dos pobres, essa fera torna-se ovelha, o traidor – protetor, a pedra submersa – porto.

João Crisóstomo

No final de setembro, Varvara Semenovna informou-me que ia viajar para a Bulgária, à sepultura de Vanga.

– Vou despedir-me – disse ela.

– Como assim: despedir-se? – perguntei, surpreendida. – A senhora comunica constantemente com Vanga!

– Comunicava. Agora terei outros assuntos. E Vanga também… – aqui Varvara Semenovna calou-se e olhou-me assustada.

Fiquei com a impressão de que quase revelara algum segredo. Para que eu não lhe pedisse para explicar essas palavras enigmáticas, apressou-se a falar:

– Tu também terás um assunto. Um assunto muito sério. Mas primeiro terás de passar a oitava etapa, senão o teu assunto não resultará.

– Que assunto? – perguntei.

– Passa a oitava etapa – e saberás. Antes de partir, conto-te tudo.

– Mas a senhora parte daqui a duas semanas! – espantei-me. – E para dominar cada etapa levei meses! Conseguirei em duas semanas compreender uma etapa inteira?

– Conseguirás. A oitava etapa não exige muita força nem tempo.

– Mas a senhora própria disse que esta etapa é das mais complexas?

– Sim, é verdade. Mas passá-la não é nada difícil. Aceitar o conhecimento que virá à pessoa após passar esta etapa é que é realmente pesado. Então, lembras-te de como Vanga definiu a oitava etapa?

– Sim – respondi –, Vanga disse:

...

Todos os homens estão doentes pelo pecado, e a cada um Deus dá o remédio conforme a sua enfermidade. Aceita o que te é dado com esperança de cura, e guarda-te do alheio.

Não te compares com os outros

– Aqui chegamos, talvez, ao problema mais importante da vida do homem – ao problema do pecado. Vanga chama-lhe doença – começou a explicar a mentora. – Realmente, é uma doença, só que espiritual. Herdámo-la dos primeiros seres humanos criados. Essa doença está em nós como uma pequena semente e, ao longo da vida, cresce numa forma particular, própria de cada pessoa. Para corrigir a vida, para curar do pecado, Deus coloca-nos em diferentes condições de vida. Essas condições são o remédio que a pessoa deve aceitar para se curar. Às vezes, essas condições são bastante duras, outras vezes confortáveis. É por isso que

nunca se pode avaliar a própria vida comparando-a com a dos outros. Todos têm diagnósticos diferentes, e a cada um é prescrito o seu tratamento.

A uns é prescrito «repouso na cama», completo sossego, conforto, cuidados e atenção. A outros, pelo contrário, é indicado trabalho pesado e sofrimentos. É preciso habituar-se a ver a própria vida não como um curto trecho de tempo terreno, mas como existência na eternidade. Afinal, a vida do homem divide-se em duas partes: antes da morte e depois da morte. Ninguém sabe o que será depois de abandonarmos esta terra. Mas Deus, que tudo sabe, disse que para a existência na vida eterna a pessoa se prepara na vida terrena, temporal. Por isso, toda a atenção deve concentrar-se na própria vida, tentando compreender para quê foste colocado em tais ou tais condições. E não olhar para ninguém mais.

– Não olhar para o outro, não comparar-se com os outros – como é possível cumprir isso! – espantei-me. – Vivemos em sociedade, involuntariamente olhamos como os outros vivem, orientamo-nos por eles…

– E será que todas as pessoas vivem da mesma forma? – perguntou-me Varvara Semenovna, com um sorriso malicioso.

– É exatamente nisso que está o problema, que não! – exclamei. – Uns pior, outros melhor, terceiros maravilhosamente, quartos mal conseguem fazer face às despesas.

– Por quem te vais orientar, então?

– Claro, pelos que vivem melhor… Embora…

– O quê: embora?

– É tudo o mesmo de que falámos há muitos meses, quando passávamos a sexta etapa, sobre destino e vocação. Sei que cada pessoa tem a sua chamada, mas quando vemos como se distribui o bem-estar e a riqueza entre as pessoas, começamos a duvidar que haja justiça no mundo.

– Pois, até os santos por vezes duvidavam da justiça do arranjo de Deus – respondeu a mentora. Ouve.

...

Um dia, Santo Antão refletiu sobre porque o mundo está assim arranjado: uns ricos, outros pobres, uns saudáveis, outros doentes, uns feios, outros belos, uns vivem muito, outros morrem na infância? Porque doentes e decrépitos podem viver cem anos, e jovens e saudáveis morrem no florescimento das forças? Porque alguns, sem talentos, sem mestria, nem mesmo bom caráter, desfrutam de riqueza, e outros, abundantemente dotados de espírito, passam a vida na miséria? Assim refletia Santo Antão, e não se sabe quanto tempo mais passaria pensando nisso tudo. Mas apareceu-lhe um Anjo e disse: «Antão! Atenta em ti mesmo! Quanto aos outros, isso não é da tua conta, mas de Deus.»

O dinheiro é uma prova

– Atender a si próprio é o mais importante no caminho para qualquer bem-estar, incluindo a riqueza – continuou a mentora. – Só estando completamente atento a si mesmo, às suas necessidades, aos seus desejos e, claro, à sua vocação, se pode alcançar o verdadeiro bem-estar.

– Ai… – sussurrei eu, assustada –, isso é assustador.

– O quê – assustador?

– Assustador estar atento a mim própria.

– E porquê? – sorriu Varvara Semenovna.

– Porque de repente posso compreender que, para uma vida feliz e plena, não preciso de riqueza nenhuma? E então, o que acontece à tecnologia de Vanga para adquirir riqueza? E o que fazer com a riqueza que já tenho? Se não preciso dela? Não, melhor nem pensar nisso – e abanei a cabeça de um lado para o outro, para me livrar desses pensamentos.

– Essa compreensão é uma grande aquisição – respondeu Varvara Semenovna. – Só que nem todos chegam a ela, por isso não te assustes. Não deves temer a pobreza, se compreendes que só na pobreza podes ser feliz. Deves temer outra coisa.

– O quê?

– O dinheiro – disse a mentora, firme e seriamente.

– ?..

– Grandes quantias de dinheiro são uma grande tentação e prova – Varvara Semenovna falava devagar, tentando fazer chegar cada palavra. – Raros são os que sabem dispor delas de forma a não se perderem. O dinheiro é como uma arma. Com ela pode conquistar-se território, defender-se do inimigo, ou matar muitas pessoas, incluindo a si mesmo. É por isso que todas as pessoas espiritualmente avançadas, todos os santos padres, todos os místicos consideravam a riqueza a prova mais terrível e perigosa que pode esperar o homem no seu caminho de vida.

O homem considerado o governante mais bem-sucedido e o mais rico de toda a história compreendia isso desde jovem. Salomão, o rei de cuja riqueza corriam lendas, na verdade não se preocupava com essa riqueza, mas pedia acima de tudo sabedoria a Deus. Inclusive para saber como melhor dispor da riqueza. Eis o que diz a sabedoria de Salomão:

...

Bem-aventurado o homem que encontrou sabedoria, e o homem que adquiriu entendimento – porque adquiri-la é melhor que adquirir prata, e o lucro dela é maior que o do ouro; é mais preciosa que pedras preciosas… Longevidade está na sua mão direita, e na esquerda – riqueza e glória… A sabedoria é melhor que pérolas, e nada do desejado se compara com ela… Adquirir sabedoria é muito melhor que ouro, e adquirir entendimento é preferível a prata selecionada… Tesouro desejado e azeite estão na casa do sábio; mas o homem insensato dissipa-os… Não te afadigues para enriquecer; deixa tais pensamentos. Fixarás os olhos nele, e – já não existe; porque fará asas para si e, como águia, voará para o céu.

As perguntas mais importantes

Calei-me, tentando «digerir» tudo o que a mentora dissera. Com a razão, compreendia cada palavra, mas todos os meus sentimentos protestavam contra essa abordagem.

– Já te disse: é fácil compreender, é difícil aceitar – adivinhou Varvara Semenovna os meus pensamentos. – Na verdade, é por aqui que se deve começar. Mas Vanga não abriu esta etapa por último em vão. Sabia: o homem está demasiado infetado pelo amor ao dinheiro e, por isso, não compreenderá que o dinheiro é realmente uma prova enquanto não o tiver. É impossível responder a si mesmo às perguntas mais importantes sobre o dinheiro quando se sente pobre, desamparado, faminto, sem esperança.

– E quais são essas perguntas?

– São estas. Anota-as agora e, na minha ausência, responde-lhes:

• O que me é necessário para uma vida normal?

• Basta-me o dinheiro que tenho agora para satisfazer essas necessidades?

• Sinto que preciso de mais dinheiro? Se sim, quanto? Para quê?

• Há à minha volta pessoas que vivem ainda mais pobremente?

• O que posso fazer por elas no meu estado atual?

• Tenho desejo de ajudar essas pessoas?

O dinheiro cega

– Perguntas como perguntas – encolhi os ombros. – Só não percebo porque é que a pessoa deve responder-lhes apenas quando já tem alguma riqueza.

– Porque o pobre nunca responderá honestamente – disse Varvara Semenovna. – Especialmente à última pergunta. Quando a pessoa é pobre, parece-lhe que, se tivesse dinheiro, logo tornaria feliz o mundo inteiro.

– Mas quando a riqueza cai sobre a pessoa, logo surgem «necessidades urgentes», e o sofrimento do próximo fica em segundo plano – sorri. – Afinal, para o rico, só há uma resposta honesta a essa pergunta: não quero ajudar pessoa nenhuma!

– Exato. O dinheiro ergue uma muralha entre as pessoas. O dinheiro cega e ensurdece. A pessoa torna-se cega e surda às necessidades dos outros.

– E o pobre não é assim? Afinal, ele próprio sofre de necessidade, que lhe importa a necessidade do outro?

– É exatamente nisso que está a diferença, que não. Enquanto a pessoa sofre, tem capacidade de se compadecer com quem tem os mesmos problemas. Os pobres (se, claro, não forem completamente monstros) tentam ajudar-se uns aos outros. Partilham tudo o que têm. Mas basta que um deles enriqueça para logo se virar contra os amigos de ontem.

Infelizmente, muitas vezes acontece que a pessoa, ao adquirir riqueza, vira as costas aos mais próximos e queridos.

Precisa de dinheiro para tratamento de um familiar – e aquele que ontem partilhava a última moeda diz hoje «não é problema meu». Os pais têm uma pensão mísera, mal chegam ao fim do mês – e o filho enriquecido nada disso «nota». Ou até tira o último: afinal, o amor parental é cego, e por vezes os pais estão prontos a dar tudo até à última moeda aos filhos abastados. Isso acontece a toda a hora.

– Sim, eu própria observei isso mais do que uma vez – acenei.

– E, claro, condenavas os que agem de forma tão desonesta com os seus próximos? – perguntou Varvara Semenovna.

– Sim, condenava e condeno – confirmei. – Aos próximos deve ajudar-se sempre. Especialmente quando se tem com que ajudar.

– Julgar de fora é o mais fácil – disse a mentora, severa. – E não pensaste que nem toda a pessoa consegue suportar a prova da riqueza? Tu suportá-la-ias?

– Bem… não sei – respondi, insegura. – Afinal, nem sou assim tão pobre agora.

– Cada um tem o seu limiar de riqueza. O que tens é um nível médio, confortável para ti. Não esqueças: nasceste numa família abastada e nunca conheceste a miséria. Por isso, para ti, ter o que tens é natural, como se assim devesse ser. E se uma pessoa passar de repente «da lama para príncipes»? E se caíssem sobre ti realmente grandes quantias de dinheiro? O que farias? Suportarias essa prova?

– Como posso responder a essa pergunta? – espantei-me. – Com certeza só se pode saber quando esse dinheiro realmente cair sobre mim.

– Não só – sorriu a mentora. – Sentir como é ter grandes quantias de dinheiro podes já agora.

– Como?

– Para isso, precisas de fazer mais uma pequena experiência: imersão no estado de riqueza – respondeu a mentora.

Exercício espiritual «Prova com dinheiro»

O exercício deve durar pelo menos trinta minutos (o ideal é uma hora). Todo esse tempo deve estar em completo isolamento. Tente arranjar as coisas de forma a que ninguém o perturbe. Desligue o telefone, o intercomunicador, a campainha da porta (se tiver essa possibilidade). No quarto onde fará o exercício, deve haver ordem, para que o olhar não se prenda em objetos estranhos. Não é recomendável acender luz forte; a melhor iluminação é um candeeiro de pé ou de mesa com luz difusa.

Pegue numa caneta e numa folha de papel limpa. Num lado, no topo da folha, escreva o nome da moeda que servirá como unidade monetária. Nela será medida a sua riqueza. Abaixo do nome, em coluna, escreva os números: 10, 100, 1000, 10 000, 100 000. (Não é recomendável escrever mais de cem mil: pode haver um colapso nervoso.) Os números devem estar a alguma distância uns dos outros.

Agora, concentre-se no número 10. Imagine que tem dez euros (dólares, etc.). Isso é bastante fácil. O que pode comprar com esse dinheiro? Imagine esses produtos ou coisas. Que sentimentos despertam em si? Quanto tempo pode viver com esse dinheiro (a conta não tem obrigatoriamente de ser em dias – pode indicar horas, até minutos). Tudo isso deve anotar em frente a esse número.

Agora, repita o mesmo com cem. Depois com mil. E assim – até ao maior número. Quanto maior a soma, mais atento esteja aos seus sentimentos. Anote quaisquer pensamentos que lhe venham à cabeça.

Quando terminar esta parte do exercício, distraia-se um pouco. Beba chá, veja as notícias na televisão, leia um livro. Enfim, liberte a cabeça. Depois, passe à segunda parte. Vire a folha e escreva novamente no topo o nome da moeda e os mesmos números em coluna. Faça tudo o mesmo, mas agora deve imaginar ao seu lado outras pessoas. Pais, familiares, amigos, vizinhos, colegas… Como muda a sua relação com eles à medida que os seus rendimentos aumentam? Pense especialmente nos que vivem muito pior do que você. Que sentimentos surgem em relação a essas pessoas?

Anote tudo e guarde a folha num lugar afastado. No dia seguinte, tire-a e leia devagar as suas anotações. Ao ler, esteja atento ao seu estado interior. Tente analisar cada ponto. Escreveu a verdade ou mentiu em algo? Se dentro de si houver algum desacordo, ou pelo contrário, demasiada

certeza de que será exatamente assim – faça o exercício novamente. Repita-o até a imagem se tornar mais ou menos objetiva.

Se, à medida que a sua riqueza imaginária aumenta, continua a ser a mesma pessoa atenta e compassiva, pode começar com segurança a usar a tecnologia de aquisição de riqueza. Mas se crescer em si irritação, avareza, crueldade, se quiser isolar-se de todos e ficar sozinho com a sua riqueza – melhor não arrisque. Ainda não está pronto para grandes quantias de dinheiro. Aprenda a contentar-se com o que tem.

A última etapa

Chegou o dia da partida. Para dominar a última etapa, levei realmente duas semanas, como dissera Varvara Semenovna. Agora sentia que realmente sabia tudo sobre riqueza e poderia, se necessário, ganhar milhões. Mas o segredo do método de Vanga consiste exatamente nisso: a pessoa, tendo a possibilidade de juntar dinheiro às pazadas, refreia os seus desejos e dirige a energia para manter a vida num estado confortável e harmonioso. Percorri o caminho até ao fim, e contudo faltava-me algo.

Quem devia levar Varvara Semenovna ao aeroporto era o filho dela. Na véspera à noite, fui a casa dela para ajudar a fazer as malas… e ouvir sobre o assunto que me esperava. Mas a mentora calava-se. Nada disse também de manhã. Todas as coisas estavam prontas, estávamos sentadas à espera de que Nikolai chegasse. Faltavam quinze minutos para a hora marcada. Pensei que Varvara Semenovna se esquecera de mim. Mas de repente disse:

– E o teu assunto, Katerina, será este. Começa a escrever um livro sobre o método de Vanga. Essa é a tua última, nona etapa.

– Última etapa? – espantei-me. – Nona? Mas afinal são só oito!

– Oito etapas comuns. A nona etapa é pessoal. Essa etapa cada pessoa recebe por si. Mas só quando percorre todo o caminho.

– E como receberão essa etapa os leitores do meu livro?

– Não sei – respondeu honestamente a mentora. – Só sei que quem chega ao fim do caminho deve completá-lo com a sua própria etapa. Se a encontra sozinho ou se alguém lha revela – isso não sei. E tu não te preocupes com isso. Escreve apenas no teu livro o que Vanga disse sobre isso:

...

O caminho é a terra. As etapas são as sementes. A riqueza são os rebentos. O fim do caminho é o fruto. No tempo marcado, cada um provará o seu fruto.

Epílogo

Com esta frase enigmática terminou o meu caminho para a aquisição de riqueza. Varvara Semenovna voou para a Bulgária e lá ficou. Claro que falei com ela muitas vezes ao telefone, fui visitá-la, mostrei-lhe o manuscrito do livro. Mas nada de novo me disse. O ensino terminou, o caminho foi percorrido, o conhecimento foi lançado ao mundo, atirado como um pergaminho precioso à beira da estrada. Muitos passam pelas estradas, mas cumprir esse conhecimento só poderá quem compreender o verdadeiro sentido do escrito no pergaminho…